



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

HELOIZA MONTENEGRO BARBOSA

WSTAVACH: O trauma em *A trégua*, de Primo Levi

Recife

2020

HELOIZA MONTENEGRO BARBOSA

WSTAVACH: O trauma em *A trégua*, de Primo Levi

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karine da Rocha Oliveira

Recife

2020

HELOIZA MONTENEGRO BARBOSA

WSTAVACH: O trauma em *A trégua*, de Primo Levi

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Aprovada em: 21/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Karine da Rocha Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Raquel do Monte Silva (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Alagoas

Ao meu avô Lula, à minha avó, Nita, a Leon, pela leveza.

A Lorenzo Perroni, Mordo Nahum, Cesare, Daniel e tantos outros
companheiros.

AGRADECIMENTOS

It's just ten percent luck, twenty percent skill Fifteen percent concentrated power of will Five percent pleasure, fifty percent pain And a hundred percent reason to remember the name (Remember the Name – Takbir Bashir, Ryan Maginn, Mike Shinoda)

Nada do que foi feito nessa dissertação foi feito sozinho. Como diz o ditado, *it takes a village*. E essa é a minha.

Agradeço à CAPES, que apoiou essa pesquisa nos últimos anos.

Agradeço à minha família, por não terem ideia do que faço e continuarem apoiando mesmo assim. Em especial à minha mãe e à minha irmã – nada disso aconteceria sem vocês duas: obrigada por tudo e obrigada por tanto.

A Karine Rocha, minha orientadora, por fazer desse um caminho sempre leve e divertido, repleto de memes e compreensão. Que venham os próximos anos!

Aos professores e funcionários do PPGL, pela jornada, pela parceria.

Aos meus colegas de sala, especialmente aos cristais da Literatura, meus companheiros nessa jornada - Anderson, Carol, Camilla, Dany, Joabe, Taciana e Rafael: deixo o mestrado com a certeza de que passaria por isso novamente, desde que fosse ao lado de todos vocês.

Aos meus amigos, por enxugarem minhas lágrimas e serem responsáveis pelas minhas gargalhadas mais altas. Tenho a sorte de poder contar com tantos, a família que eu escolhi e escolho todos os dias.

A todos que fazem a MUV Crossfit: fui integrada a um universo em que eu realmente nunca pensei que faria parte, fazendo com que esse trabalho – muitas vezes tão difícil – ficasse mais fácil.

A Dayane Nascimento e Júlio Sandes, pois nada disso faria sentido se, no final, não pudesse dedicar meu trabalho a vocês. A Flávio Amaral, por me apoiar em todas as etapas e empreitadas em que já me encontrei.

À minha trilha sonora, aos músicos que me acompanharam e me ajudaram a encarar essa dissertação da maneira mais leve possível: em especial, Bruce Springsteen, Mötley Crüe, Goo Goo Dolls, Matchbox 20, H.E.A.T e Kenny Leckremo.

A Luíz, Zé, Mari, Serafim e tantos outros: pela companhia, pelo croissant

quentinho e pelo cuidado.

A Bruno Piffardini, por me salvar dos meus fantasmas. Como diria Primo Levi (sempre ele), *“Sono tornato perché c'eri tu”*.

SEGUNDA-FEIRA

O que é mais triste que um trem?
Que parte quando deve partir,
Que tem somente uma voz
Que tem somente um caminho.
Nada é mais triste que um trem.

Ou talvez um burro de carga.
Está preso entre duas barras
E não pode olhar para o lado.
Sua vida é só caminhar.

E um homem? Não é triste um homem?
Se vive há muito em solidão,
Se acha que o tempo terminou,
Um homem também é coisa triste.
(17 de janeiro de 1946)

(Primo Levi, traduzido por Maurício Santana Dias)

O EPITÁFIO DO MORTO EM VIDA

Acossado
temeu mortalmente
por longos cinco anos
que lhe alumiava
por dentro
com gelo

este mar morto
dos alentos
no qual sem afundar
se cobra com sal
de desesperança

temia mortalmente
o livro de moisés
a dezena de seus dedos
e o cresco monte sinai de medo
mas sobreviveu

mas sobreviveu
a si mesmo

(Jerzy Ficowski, traduzido por Piotr Kilanowski)

RESUMO

Esta dissertação procura analisar os aspectos traumáticos no livro — *A trégua*, do autor e sobrevivente da Shoá italiana Primo Levi (1919 – 1987). Publicado em 1963, é o segundo romance do autor, narrando sua experiência de libertação do *Lager* de Buna-Monowitz – parte do complexo de Auschwitz – até sua chegada na Itália, numa viagem de dez meses por uma Europa destruída pela guerra. Acompanhamos Levi sob seus olhos, seus companheiros de viagem e seus sentimentos por um mundo perdido, o qual procura ressignificar. A partir desta perspectiva, o presente trabalho divide-se em três capítulos, conectados entre si. Aspectos de Literatura de Shoá e o testemunho são apresentados sob a ótica de Selligman-Silva (2008), Waxman (2006), Dori Laub (1995), Agamben (2008), Gagnebin (2006) e do próprio Primo Levi (2004), entre outros, além de trechos de narrativas de outros sobreviventes. Estudos sobre Fascismo, sob a perspectiva de Laqueur (1996), Passmore (2002), Arendt (2009), além do crescimento do antissemitismo na Europa nos anos finais do século XIX e início do século XX, com a publicação dos — *Protocolos dos Sábios de Sião* (COHN, 2005) e o caso Dreyfuss, conectada com dados biográficos sobre Primo Levi, apresentados pelas biografias escritas por Thomson (2003) e Anissimov (1998) também são parte essencial, assim como as análises do livro *É isto um homem* – que narra sua captura e seu tempo no *Lager* – e *A trégua*. O roteiro é traçado por teorias sobre trauma, apresentando essas nuances na narrativa, a partir da leitura proposta por Jonathan Druker (2009).

Palavras-chave: Trauma. Shoá. Primo Levi.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the traumatic aspects in the book "The Truce", by the author and survivor of the Italian Shoa Primo Levi (1919-1987). Published in 1963, it is the author's second novel, narrating his experience of being liberated from the Buna-Monowitz Lager – part of the Auschwitz complex – until his arrival in Italy on a 10-month trip through a war-torn Europe. We follow Levi under his eyes, his fellow travelers and their feelings for a lost world that he tries to resignify. From this perspective, the present work is divided into three connected chapters. Aspects of Shoa Literature and testimony are presented from the perspective of Selligman-Silva (2008), Waxman (2006), Dori Laub (1995), Agamben (2008), Gagnebin (2006) and Primo Levi himself (2015) (2004), among others, as well as excerpts from other survivors' narratives. Studies on Fascism, from the perspective of Laqueur (1996), Passmore (2002), Arendt (2009), in addition to the rise of anti-Semitism in Europe in the late nineteenth / early twentieth century, such as the publication of the —Protocols of the Elders of Zionll (COHN, 2005) and the Dreyfuss case, connected with biographical data about Primo Levi, presented by the biographies written by Thomson (2003) and Anissimov (1998) which are also an essential part, as are the analyzes of the book -If this is a manll (1947) - which narrates his arrest and his time on the Lager - and -The Trucell. The script is traced by trauma theories, presenting these nuances in the narrative, using the theory proposed by Jonathan Druker (2009).

Keywords: Trauma. Shoa. Primo Levi.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Estátua no Deutscher Historisches Museum.....	103
Figura 2 - Capa da Primeira Versão de "É isto um homem", 1947.....	104
Figura 3 - Capa Original de "A trégua", 1963.....	105
Figura 4 - Roteiro da viagem de volta de Primo, narrada em "A trégua".....	106

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	QUERIA ACREDITAR EM ALGO ALÉM,/ALÉM DA MORTE QUE A DESFEZ.....	17
1.2	SENTIU QUE MORRIA DE PENA/PORQUE O ENCANTO ACONTECERA, E SÓ ENTÃO PÔDE CHORAR.....	21
1.3	PRECISAVA DIZER ALGO A ALGUÉM,/ MAS NÃO SEI MAIS O QUE E A QUEM: ESQUECI.....	31
1.4	ATÉ QUE SE CUMPRA O QUE FOI DITO,/ATÉ QUE SUA FORÇA SE DESFAÇA,/ATÉ QUE VOCÊ MESMO SE ACABE.....	35
2	FELIZ O HOMEM QUE ALCANÇOU O PORTO,/ QUE DEIXA PARA TRÁS DE SI MARES E TORMENTAS.....	40
2.1	JOGUE, QUE SEU TEMPO É CURTO;/NÃO OUVE O TIQUE-TAQUE DO RELÓGIO?.....	42
2.2	FICOU TARDE PARA VIVER E AMAR,/ PARA PENETRAR O CÉU E COMPREENDER O MUNDO.....	52
3	VOEI SEM DESCANSO,/POR CEM MILHAS SEM DESCANSO.....	66
3.1	REVÊ OS ROSTOS DOS COMPANHEIROS/LÍVIDOS NA LUZ PRIMEIRA, CINZAS DE PÓ DE CIMENTO/ INDISTINTOS NA NÉVOA.....	73
3.2	TODA VIDA É INACABADA.....	87
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
	REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

No dia 31 de julho de 2019, Primo Levi completaria cem anos. Centenas de eventos, contabilizados e divulgados pelo Centro Internazionale di Studi Primo Levi¹, foram realizados pelo mundo, em todos os continentes, em homenagem à sua obra e sua influência. Seus poemas foram publicados em português pela primeira vez. No ano de seu centenário, é possível perceber que a obra de Levi ainda está viva. Essa dissertação é mais um desses sinais, sendo pensada, repensada e escrita durante esse ano.

A vida de Primo é parte essencial de sua obra, sua experiência sendo a força motriz de suas palavras. Seus romances são extensões de seus olhos, onde acompanhamos a dor, o sofrimento, o caos e a destruição, sendo essa destruição o pano de fundo de seus principais textos. Mas Primo Levi foi muito mais: químico, marido, pai, filho, irmão, amigo, tradutor, consultor. Sua multiplicidade foi tamanha que muitos ainda questionam sua própria morte, considerada como suicídio por alguns, acidente para outros. Um suicídio sem carta, sem recado, onde muitas explicações aparecem, vão e voltam.

Primogênito de uma família judia assimilada, Levi teve uma vida conectada com o movimento fascista – sendo seu pai integrante do partido e ele próprio integrante dos movimentos de juventude fascista até as leis raciais serem instauradas em 1938. É a partir desse momento que a vida de Levi se modifica totalmente: o mundo que conhecia agora o rejeita. No auge de seus vinte e poucos anos, junta-se às guerrilhas antifascistas, onde é capturado e levado ao *Lager* de Buna-Monowitz.

O *Lager* o transforma de todas as maneiras possíveis: fisicamente, mentalmente. Transforma-o num narrador, num escritor. Sua primeira obra, *É isto um homem*, em que narra sua experiência como prisioneiro do *Lager* é publicada em pequena escala, sendo quase relegada ao esquecimento. Levi escrevia para leitores que jamais apareciam, e sua história tornou-se vazia de espectadores.

Sua vida seguiu. Com o diploma em Química, conquistado antes da Guerra, começa a trabalhar, casa-se, tem filhos. Apenas depois de dez anos de

¹http://www.primolevi.it/Web/English/Instruments/News/Centennial_of_Primo_Levi%E2%80%99s_Birth%3A_Events_in_Italy_and_across_the_World – acessado em 04 de dezembro de 2019

sua libertação que Levi tem seu momento, seus leitores, homens e mulheres interessados em sua história. Após isso, nunca mais parou de escrever, dividindo sua obra entre poesias, romances, contos, textos jornalísticos, entre outros.

O *Lager*, porém, nunca realmente o abandona: é o principal tema de sua obra, seja sua própria experiência, como *É isto um homem*, *A trégua*, além de contos e artigos, quanto experiências fictícias, como *Se não agora, quando?* e textos teóricos, como *Os afogados e os sobreviventes*. Segundo Giorgio Agamben, Primo jamais —sente-se escritor; torna-se escritor unicamente para testemunhar. Em certo sentido, nunca se tornou escritor (AGAMBEN, 2008, p. 26).

Levi foi pioneiro do que hoje é a *Literatura de Shoá* – sendo *Shoá* a palavra hebraica para —extermínio, —catástrofe (RABINOVITCH, 2004, p. 18): a literatura que narra a experiência daqueles que falaram sobre ela, daqueles que foram silenciados, daqueles que viram a destruição, a *catástrofe* com seus próprios olhos. Seus livros foram traduzidos para diversas línguas.

Esse é um estudo de seu segundo romance, *A trégua*, publicado em 1963, com enfoque nos aspectos traumáticos da narrativa. Ao narrar a sua jornada entre o *Lager* e sua casa em Turim, o autor nos guia em sua melancolia, embalado pelos sons dos trilhos de trem – sons que quando —desencadeiam o reflexo mais forte, mais me entristecem (LEVI, 2001, p. 209) – e um senso de aventura, misturado com nostalgia. *A trégua* foi o livro que mudou a carreira de Levi, fazendo sucesso desde a sua primeira edição, e considerado pelo seu filho como o seu testamento². *A trégua*, como a Odisseia de Homero, apresenta uma viagem em busca de uma vida que, por causa de uma guerra, havia se desmoronado. O livro narra o seu despertar³ – ou o início desse processo, pelo menos – num espaço de completa destruição. Como Ulisses, sua volta é permeada por desafios, paradas, ciclos: nada em seu percurso é linear. Sua

2 De acordo com Renzo, após questionamentos sobre o suicídio do pai: "Agora todo mundo quer entender, compreender, sondar. Eu acho que meu pai já havia escrito o último ato de sua existência. Leia a conclusão *D'A Trégua* e você entenderá II - <http://bostonreview.net/diego-gambetta-primo-levi-last-moments> - Acessado em 09 de dezembro de 2019.

3 Despertar é a tradução de — *The Reawakening*”, título escolhido por Primo para a versão em inglês de “ *A trégua*” (PATRUNO, 1995, p. 29)

experiência é atravessada por medos, monstros – não tão literais quanto os enfrentados por Ulisses e seus companheiros – e a falta de sua vida, de sua família, de seu país.

Dividido em três capítulos, essa dissertação apresenta não só autores de Literatura de Shoá, mas também teóricos – muitos deles inéditos em português – em busca de respostas: como explicar a Shoá, quem são seus narradores e a importância deles para nós, leitores. Buscando fontes na sociologia, história e ciência política – sendo um assunto extremamente multidisciplinar – e estudos biográficos, buscando apresentar uma nova maneira de ler *A trégua* e a obra de Primo Levi como um todo.

O primeiro capítulo procura responder algumas perguntas essenciais sobre Literatura de Shoá, como seu próprio conceito, por exemplo. Mas antes de alcançarmos esse ponto, outras questões primordiais são apresentadas: quem são os narradores da Shoá? Sabemos que a maior parte das vítimas não sobreviveu e que nem todos os que sobreviveram, efetivamente, escreveram sobre suas experiências, sendo assim, como é o processo de escrita, quais as razões que levam alguém a narrar sua história, publicá-la em forma de livro, eternizá-la nas páginas de um romance, diário, contos. O *Lager* era diferente de toda realidade que havia sido deixada para trás, um espaço de muitas línguas, origens, países, feito de regras particulares, sem o menor sentido, que tinha como objetivo a destruição completa do ser, não apenas corporal, mas mental. Desse modo, aqueles que escreveram tendem a libertar-se também dessa destruição (ou tentam ao máximo fazê-lo). Outro fator importante, também abordado nesse capítulo, é a questão linguística: como o *Lager* destruía a comunicação entre seus prisioneiros, tendo sua própria língua como construção essencial no processo de esmagamento do ser. Por fim, volta-se para a frase de Paul Celan, que questiona quem —testemunha pela testemunhall: aquele que perece dentro dos muros do *Lager* é o que passou pela experiência completa, mas quem contará a sua história? Esse é o desafio enfrentado pelo sobrevivente que escolheu narrar. Além de portador de sua memória, é também responsável por aqueles que não tiveram o mesmo fim.

O segundo capítulo traça um paralelo entre as origens do Movimento Fascista na Itália – sua origem, seu desenvolvimento – e a vida de Primo Levi e

de sua família, além de dois eventos que foram cruciais na expansão do antissemitismo na Europa desde o final do século XIX: o caso Dreyfus e —Os Protocolos dos Sábios de Sião—. Com a efetivação das leis antissemitas, que limitavam o papel da comunidade judaica italiana, em 1938, a vida de Primo Levi transforma-se e ele se une aos movimentos de resistência antifascistas, quando é capturado e enviado para o *Lager* de Buna-Monowitz. A segunda parte do capítulo faz uma análise de *É isto um homem*, acompanhando toda a experiência de Primo dentro do *Lager*, como seus companheiros, as estações do ano e sua influência no espaço, os longos dias finais, de *Lager* vazio, preenchido de morte e doença.

O capítulo final perpassa pela primeira publicação de *É isto um homem* e como esse processo aconteceu – e como o livro caiu em total esquecimento, afastando Primo da literatura. O processo de *apagamento* das narrativas de sobreviventes na Itália só se reverteu dez anos depois da libertação, renovando o interesse das gerações mais jovens, buscando entender aquele capítulo tão recente e, ao mesmo tempo, tão complexo e distante. Esse processo de *redescobrir* essas narrativas faz com que *É isto um homem* seja reeditado pela Einaudi – editora que rejeitou o texto original em 1946 e reacende o desejo de Levi em escrever. E é desse desejo que nasce *A trégua*, romance que é analisado detalhadamente neste capítulo. Por fim, os aspectos traumáticos da narrativa são destrinchados, sob a ótica das teorias de trauma pensadas por Freud e apresentada por Jonathan Druker (2009).

Esse trabalho é um memorial, uma homenagem aos seus cem anos, nascido de uma necessidade de se pensar em Primo Levi: vivemos um período de obscurantismo, quando movimentos e pensamentos fascistas estão em claro crescimento, um revisionismo histórico busca a destruição da memória já construída, além do terrorismo. Levi, mesmo sem viver entre nós, já compreendia esses desafios, entendendo o mundo como ele é e como ele viria a ser – e está sendo.

1.1 QUERIA ACREDITAR EM ALGO ALÉM, /ALÉM DA MORTE QUE A DESFEZ⁴

E quando alguma pessoa pecar, ouvindo uma voz de blasfêmia, de que for testemunha, seja porque viu, ou porque soube, se o não denunciar, então levará a sua iniquidade. (Vayikrá 5:1)

Ao retratar a experiência dos soldados que voltavam da Primeira Grande Guerra, Walter Benjamin usa o silêncio deles como exemplo da extinção da narrativa:

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1994, p. 198)

Benjamin não viveu o bastante para acompanhar os narradores pós- Segunda Guerra Mundial: suicidou-se em 1940, por medo de ser capturado pela Gestapo. Talvez, caso tivesse sobrevivido, suas observações sobre a guerra seriam diferentes. Ele não viveu tempo o bastante para ouvir as experiências do *Lager* – ele mesmo poderia ter sido vítima, como tantos outros.

Não foi preciso esperar mais dez anos para que as primeiras narrativas de sobreviventes chegassem às livrarias⁵. Autores como Primo Levi (*É isto um homem*, 1947), Lianna Millu (*Il fumo di Birkenau*, 1947) e Luciana Nissim Momigliano (*Ricordi della casa dei morti*, 1946) publicaram poucos anos após o fim da guerra, com suas memórias ainda recentes, nas quais narrativas orais e escritas se encontravam,

4 Poesia —25 de fevereiro de 1944II, Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

5 Porém, - A dez anos da libertação dos Campos de concentração, é triste e significativo ter de constatar que, pelo menos na Itália, o tema desses locais de extermínio, longe de ter ingressado na história, segue no mais completo esquecimento (LEVI, 2015, p. 47). Ao mesmo tempo, alguns historiadores e autores discutem o silenciamento inicial da Europa em relação aos sobreviventes do *Lager* nos primeiros vinte anos pós-guerra. (WAXMAN, 2006, 95) – (Tradução da autora)

simultaneamente. Esses e muitos outros autores buscaram relatar suas experiências enquanto o mundo ainda não sabia exatamente o que havia acontecido, enquanto a poeira baixava, enquanto as feridas ainda estavam abertas⁶, como o próprio Levi explica no prefácio de *É isto um homem*:

A necessidade de contar "aos outros", de tornar "os outros" participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente (LEVI, 1988, p. 07)

Para Márcio Selligman-Silva, em seu artigo *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes histórica*, narrativas como a de Levi seriam (...) a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro (SELLIGMAN-SILVA, 2008, p. 66) entre o sobrevivente e “os outros”, aqueles que não passaram pela mesma experiência, além de *renascimento* a partir da narração. Para os sobreviventes, voltar ao mundo dos “outros” era uma experiência tanto interna

– encarar o vazio que a guerra havia deixado e as marcas da experiência – quanto externa – como voltar à realidade que havia sido deixada para trás, para o trabalho, para as relações sociais.

Mas como esse muro formou-se? De onde veio essa necessidade tão imensa de falar?

Durante os anos da guerra – em espaços como os guetos e o *Lager* – poucos escreviam sobre suas experiências: num local onde se lutava por alimento e sobrevivência, escrever não era prioridade; além da óbvia dificuldade em se encontrar material físico para escrever (WAXMAN, 2006, p. 50)⁷. Mas o desejo de narrar o que se vivia já era um desejo daqueles que

6 O que não significa que o mundo – e as editoras – já estavam dispostas a publicar essas narrativas.

7 As principais razões listadas por Waxman que explicam a falta de escrita durante a guerra são -falta geral de recursos, como papel e equipamentos de escrita, medo de punição, falta de

viviam, talvez vinculados ao próprio desejo de sobreviver. É após a guerra que as narrativas escritas *durante* a Shoá foram descobertas, como *O diário de Anne Frank*. Com o tempo, outras narrativas semelhantes foram encontradas – como diários de moradores dos guetos, novos documentos, entre outros. Desde a descoberta do diário escrito por Anne Frank, por exemplo, —mais de cinquenta e cinco diários de jovens escritores surgiram de todos os cantos da Europa, escritos em várias línguas, refletindo uma ampla gama de experiências de guerra. (ZAPRUDER, 2002, p. 02). Como explica Zoë Waxman,

While no study of testimony can be comprehensive, as the vast majority of victims perished without ever writing down their experiences, the testimonies featured are written by a wide variety of authors from both Eastern and Western Europe. They come from both men and women, the old, and from those who were children during the war. Some were educated, some religious, some both, and some neither. (WAXMAN, 2006, p. 2)⁸

É preciso compreender o *Lager* como um universo em si próprio, assim como os guetos e até mesmos os esconderijos – dessa maneira, as histórias e experiências de cada um de seus integrantes era distinta. É de se imaginar como essas narrativas se diferenciariam caso essas pessoas tivessem sobrevivido – quais batalhas internas elas cruzaram, como foi seu caminho para a sobrevivência. Essas dúvidas não se resumem a nós, distantes da experiência, meros leitores e espectadores, mas também dos próprios autores. Se pensarmos nos romances e contos que retratam a experiência de Primo Levi, por exemplo, nos deparamos com um *Lager* diverso em idades, nacionalidades, línguas e experiências. Como Levi relata no início de *É isto um homem*, ao descrever os prisioneiros do *Lager*, fazendo uso dos números que os identificavam:

Aos velhos do Campo, o número revela tudo: a época da entrada no Campo, o comboio com o qual se chegou e, conseqüentemente, a nacionalidade. Todos tratarão com respeito os números entre 30.000 e 80.000: sobram apenas algumas centenas, assinalam os poucos sobreviventes dos guetos poloneses. Convém

privacidade nos quartéis e o compromisso alemão de destruir provas de seus crimes. (WAXMAN, 2006, p. 50) – (Tradução da autora)

⁸ Enquanto nenhum estudo de testemunho pode ser abrangente, pois a vasta maioria das vítimas pereceu sem nunca escrever suas experiências, os depoimentos apresentados são escritos por uma ampla variedade de autores da Europa Oriental e Ocidental. Eles vem de homens e mulheres, os idosos e aqueles que eram crianças durante a guerra. Alguns foram educados, alguns religiosos, alguns ambos, e alguns nenhum. ((Tradução da autora))

abrir bem os olhos ao entrar-se em relações comerciais com um 116.000 ou 117.000: já devem estar reduzidos a uns quarenta, mas trata-se dos gregos de Tessalônica, não devemos deixar-nos enrolar. Quanto aos números mais altos, carregam uma nota de leve ironia, como acontece para os termos -novato ou -calouroll na vida normal. (LEVI, 1988, p.)

Esses números são, em muitos casos, a única maneira que os prisioneiros têm de se comunicarem, de entenderem quem eram aqueles ao redor, com quem compartilhavam as camas, a comida, os trabalhos e punições. O *Lager* era uma espécie de —Torre de Babel, um apanhado de línguas diversas, diversas experiências religiosas e sociais, dentre os mais diversos grupos que talvez jamais tivessem se relacionado, caso não estivessem enclausurados entre aquelas cercas elétricas. E aqueles que sobrevivem às provações carregam consigo não apenas sua voz e suas experiências, mas também a imagem daqueles que não tiveram a *mesma sorte*. Um exemplo disso é Hurbinek, uma criança que falece pouco depois da sua libertação:

Hurbinek, que tinha três anos e que nascera talvez em Auschwitz e que não vira jamais uma árvore; Hurbinek, que combatera como um homem, até o último suspiro, para conquistar a entrada no mundo dos homens, do qual uma força bestial o teria impedido; Hurbinek, o que não tinha nome, cujo minúsculo antebraço fora marcado mesmo assim pela tatuagem de Auschwitz; Hurbinek morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras (LEVI, 2010 p.)

Andrea Reiter afirma que —os próprios prisioneiros enfrentaram o problema de ter que inserir em um horizonte de significado um conjunto de experiências que pareciam ser completamente sem significado. (REITER, 2005, p. 12). Desse modo, Hurbinek serve como uma representação de questões muito maiores: como se colocar como responsável pela memória de dele e de tantos outros companheiros que também não sobreviveriam, que seriam lembrados apenas pelas palavras daqueles que narraram suas experiências e escolheram dividi-las com os outros? Como, em sua humanidade, ser capaz de retratar uma experiência tão distante de sua realidade e, ao mesmo tempo, que buscava bestificá-lo, tirar os resquícios de paz, de identidade? E como procurar o significado no vazio, na catástrofe, ao

ponto de conseguir escrever sobre isso? Onde esses narradores encontraram suas vozes, quem são esses narradores?

1.2 SENTIU QUE MORRIA DE PENA/PORQUE O ENCANTO ACONTECERA,/E SÓ ENTÃO PÔDE CHORAR⁹

No prefácio da segunda edição inglesa de *Nuit*, o sobrevivente do *Lager* Elie Wiesel questiona as razões que o fizeram escrever:

Why did I write it? Did I write it so as *not* to go mad or, on the contrary, to go mad in order to understand the nature of madness, the immense, terrifying madness that had erupted in history and in the conscience of mankind? Was it to leave behind a legacy of words, of memories, to help prevent history from repeating itself? Or was it simply to preserve a record of the ordeal I endured as an adolescent, at an age when one's knowledge of death and evil should be limited to what one discovers in literature? There are those who tell me that I survived in order to write this text. I am not convinced. I don't know *how* I survived; I was weak, rather shy; I did nothing to save myself. (WIESEL, 2006, p. 07)¹⁰

O questionamento de Wiesel não resume-se apenas a ele. Se analisarmos o versículo 5, capítulo 1 do Vayikrá, apresentado no início desse capítulo, vemos que testemunhar – e denunciar – é uma obrigação. Wiesel, ainda em sua introdução, chega a uma conclusão semelhante:

In retrospect I must confess that I do not know, or no longer know, what I wanted to achieve with my words. I only know that without this testimony, my life as a writer—or my life, period— would not have become what it is: that of a witness who believes he has a moral obligation to try to prevent the enemy from enjoying one last victory by allowing his crimes to be erased from human memory (WIESEL, 2006, p. 08)¹¹

9 Poema —A Bruxall - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

10 Por que eu escrevi? Escrevi para não enlouquecer ou, pelo contrário, enlouquecer para compreender a natureza da loucura, a imensa e aterradora loucura que irrompeu na história e na consciência da humanidade? Foi para deixar para trás um legado de palavras, de memórias, para ajudar a impedir que a história se repita? Ou foi simplesmente para preservar um registro da provação que eu sofri quando adolescente, em uma idade em que o conhecimento da morte e do mal deve ser limitado ao que se descobre na literatura? Há aqueles que me dizem que sobrevivi para escrever este texto. Não estou convencido. Não sei como sobrevivi; Eu era fraco, bastante tímido; Eu não fiz nada para me salvar. ((Tradução da autora))

11 Em retrospecto, devo confessar que não sei, ou não sei mais, o que queria alcançar com minhas palavras. Eu só sei que sem este testemunho, minha vida como escritor - ou minha vida, ponto - não teria se tornado o que é: a de uma testemunha que acredita ter a obrigação

Essa obrigação Wiesel aceitou com muita seriedade. Tinha apenas dezesseis anos quando foi libertado do *Lager*, —o único sobrevivente de uma família judia e a única testemunha que ainda podia falar em nome deles (WEINRICH, 2001, p. 251). E assim o fez, publicando o romance *Nuit* dez anos depois de sua libertação, publicado pela primeira vez em ídiche em 1956. Wiesel tornou-se imensamente conhecido por sua narrativa e sua veia humanitária, recebendo o Nobel da Paz em 1986. Para muitos, ele foi o grande representante, a grande testemunha.

Como já foi dito anteriormente, as experiências eram quase individuais: os que sobreviveram, o *fizeram* por motivos diversos. Raramente era algo que se conquistava, pois sobreviver não dependia apenas do próprio sobrevivente. Eram fatores aleatórios; sendo assim, os relatos diferenciam-se entre si, apresentando ao leitor panoramas diversos. Como Levi exemplifica, —quase nunca sucede que duas testemunhas oculares do mesmo fato o descrevam do mesmo modo e com as mesmas palavras, ainda que o fato seja recente e nenhum dos dois tenha interesse em deformá-lo (LEVI, 2004, p. 19). Um judeu polonês que esteve em um gueto não passou pela mesma experiência de um preso político alemão que esteve em um *Lager* de trabalho, por exemplo. As narrativas existem em sua individualidade, em sua experiência singular. Zoë Waxman usa esse mesmo exemplo, entre o gueto e o *Lager*, para demonstrar as diferenças entre essas narrativas: o gueto era um espaço urbano, seus moradores ainda mantinham seus nomes e suas famílias, enquanto tudo isso era confiscado no *Lager*:

while life in the concentration camps severely limited the ability to bear witness, and also introduced the Jews to a level of suffering hitherto unimaginable, writing still continued. Each camp gave rise to a different amount of documentation. Testimony from the death camps at Chelmno, Belzec, Sobibór, and Treblinka is extremely limited, as very few prisoners survived, and most of the documentation was destroyed by the Nazis. (WAXMAN, 2006, p. 52)¹²

moral de tentar impedir que o inimigo desfrute de uma última vitória. permitindo que seus crimes sejam apagados da memória humana ((Tradução da autora))

12 enquanto a vida nos campos de concentração limitava severamente a capacidade de testemunhar e também introduzia os judeus a um nível de sofrimento até então inimaginável, a escrita ainda continuava. Cada *acampamento* deu origem a uma quantidade diferente de documentação. O testemunho dos campos de extermínio em Chelmno, Belzec, Sobibór e

Entender que algumas narrativas jamais chegarão às nossas mãos é essencial para entender o impacto que o Holocausto causou. A diferença entre o *Lager* de trabalho e o *Lager* de extermínio, por exemplo, talvez nunca será entendida integralmente, pois essas testemunhas pereceram. Anne Frank jamais conseguiu terminar seu diário: sua experiência só foi registrada até 01 de agosto de 1944, quando escreve o último trecho do seu diário. Como afirma Hermman Langbein, -A esmagadora maioria daqueles que foram assassinados em Auschwitz nunca entraram no campo, pois foram levados para as câmaras de gás imediatamente depois de saírem dos trens. (LANGBEIN, 2004, 116). Suas histórias não foram lembradas, os registros de famílias inteiras foram apagados. Se pensarmos apenas nos judeus, são seis milhões de narrativas perdidas, de vozes que não chegaram aos nossos ouvidos.

O psiquiatra, psicanalista e sobrevivente da Shoá, Dori Laub (LAUB, 1995, p. 61) divide o *ato de testemunhar* em três níveis, baseado em suas próprias experiências e seu papel como *coletor de testemunhos*, como parte do *Fortunoff Video Archive for Holocaust Testimonies*, na Universidade de Yale:

- —o nível de ser testemunha de si mesmo dentro da experiencial: como suas memórias de infância permaneceram durante a sua idade adulta, *transcendendo* a maneira que essas mesmas memórias se comportariam numa criança;
- —o nível de ser testemunha dos testemunhos de outros: em seu papel como pesquisador, psiquiatra e como entrevistador de outras testemunhas, além de ouvir e entender as experiências do outro, ajudar a compreender o processo de testemunhar -ir além do evento e não ficar submerso e perdido nele;
- —o nível de ser testemunha do processo de testemunhar: enquanto psicanalista, parte do processo de ouvir outras testemunhas e de como existe uma relação de afastamento e aproximação dessas memórias.

Para Laub, não era preciso sobreviver para falar, mas o oposto: falar para sobreviver, como uma compulsão em narrar. Uma das sobreviventes

Treblinka é extremamente limitado, uma vez que pouquíssimos prisioneiros sobreviveram e a maior parte da documentação foi destruída pelos nazistas. ((Tradução da autora))

entrevistadas, por exemplo, vivia em um conflito com a sua realidade atual, como sobrevivente, e seu passado, suas memórias. Os comentários de Laub conectam-se com conceitos apresentados por Primo Levi em seu último livro publicado, *Os afogados e os sobreviventes*, onde o autor teoriza sobre o conceito de *incomunicabilidade* – no seu caso, o não poder falar de sua experiência —é um modo inútil e fácil de contribuir com a paz alheia e a própria, porque o silêncio, a ausência de sinais, é por sua vez um sinal, mas ambíguo, e a ambiguidade gera inquietude e suspeição (LEVI, 2004, p. 78). Ainda para Levi a maneira de comunicar – ou a necessidade de comunicar – suas experiências torna-se um hábito, como ele explica: —É um cansativo costume nosso intervir quando alguém (os filhos!) fala de frio, de fome ou de cansaço. Vocês, o que sabem disso? Deveriam passar pelo que passamos (LEVI, 2004, p. 78).

Segundo Agamben, Primo Levi é o —tipo perfeito de testemunhal, pois —conta sem parar a todos o que lhe coube viver (AGAMBEN, 2008, p. 26). Esse sentimento não é exclusivo de Levi. Essa *obsessão* relaciona-se com a questão da incomunicabilidade que Primo – e muitos outros prisioneiros do *Lager* – passaram: a barreira linguística entre os que falavam e os que não falavam alemão. Aqueles que não entendiam as ordens repassadas dentro do *Lager* pela primeira vez,

(...) a ordem, que havia sido pronunciada com a voz tranquila de quem sabe que será obedecido, era repetida em voz alta e enfiada, depois berrada a plenos pulmões, como se faria com um surdo, ou melhor, com um animal doméstico, mais sensível ao tom do que ao conteúdo da mensagem. (LEVI, 2004, p. 79)

O entendimento da raça ariana – logo, de sua língua – como superior apresentava-se de maneira *linguisticamente autoritária*¹³: na falta de uma língua universal, de uma maneira única de se entender, a única forma efetiva de compreender as ordens e o mundo ao seu redor era fazendo uso da violência. Como animais, que respondem a gestos, chicotadas, esporeadas,

13 -Eu aprendera algumas palavras de alemão poucos anos antes, quando ainda era estudante, com o único objetivo de entender os textos de química e de física: por certo, não para transmitir ativamente meu pensamento nem para compreender a linguagem falada. (LEVI, 2004, p. 83)

puxadas. Essa incapacidade, —o uso da palavra para comunicar o pensamento, este mecanismo necessário e suficiente para que o homem seja homem, tinha caducado (LEVI, 2004, p. 80). E, dentro do *Lager*, o mínimo conhecimento – ou a falta – da língua germânica era essencial para selecionar, quase naturalmente, aquele que sobreviveria ou não; geralmente nos primeiros dias.

Na memória de todos nós, sobreviventes, sofrivelmente políglotas, os primeiros dias de *Lager* ficaram impressos sob a forma de um filme desfocado e frenético, cheio de som e de fúria, e carente de significado: um caleidoscópio de personagens sem nome nem face, mergulhados num contínuo e ensurdecedor barulho de fundo, sobre o qual, no entanto, a palavra humana não aflorava. Um filme em cinza e negro, sonoro mas não falado (LEVI, 2004, p. 81)

A guerra tem seu próprio vocabulário, sua própria língua – ou línguas. Cada uma das palavras possui significados próprios que nós, humanos –em tempos de paz, nem sempre conseguimos entender. Em seu relato do julgamento de Adolf Eichmann, Hannah Arendt nos apresenta um pouco das palavras escolhidas pelos oficiais nazistas para explicar coisas que nós entendemos de modo diferente:

toda correspondência referente ao assunto ficava sujeita a rígidas -regras de linguagem, e, exceto nos relatórios dos *Einsatzgruppen*, é raro encontrar documentos em que ocorram palavras ousadas como -extermínio, -eliminação ou -assassinato. Os codinomes prescritos para o assassinato eram -solução final, -evacuação (*Aussiedlung*), e -tratamento especial (*Sonderbehandlung*); a deportação — a menos que envolvesse judeus enviados para Theresienstadt, o -gueto dos velhos para judeus privilegiados, caso em que se usava -mudança de residência — recebia os nomes de -reassentamento (*Umsiedlung*) e -trabalho no Leste (*Arbeitseinsatz im Osten*), sendo que o uso destes últimos nomes prendia-se ao fato de os judeus serem de fato muitas vezes reassentados temporariamente em guetos, onde certa porcentagem deles era temporariamente usada para trabalhos forçados. (ARENDR, 1999, p. 56)

Ao mesmo tempo, ao encarmos essa linguagem, essa maneira de se comunicar – fria, objetiva, mecânica – nós conseguimos entender muito do que era a vida dos milhões de mortos nos campos de concentração, ou no caso, no *Lager*.

Em 1946, um professor do Instituto de Tecnologia de Illinois chamado David Border, coletou gravações, músicas e depoimentos de sobreviventes dos

campos de concentração. Essas gravações são consideradas alguns dos primeiros registros orais dos sobreviventes e essas transcrições podem ser encontradas no website —Voices of the Holocaust¹¹ (<http://voices.iit.edu/>). No mesmo website – de modo a ajudar no entendimento das transcrições – existe um glossário de termos. Nesse glossário, *Lager* significa – termo militar alemão para campo ou acampamento. No sistema nazista, estes poderiam incluir trânsito, trabalho, concentração e campos da morte. Já no dicionário online *Langenscheidt*, a palavra *Lager* em alemão é traduzida para o italiano como:

—campo, campeggio, campo di prigionia, campo di lavoro, letto, magazzino, giacimento, cuscinetto, appoggioli¹⁴.

Existe o *Lager* real, espaço, — sistema como um sem razão e, portanto, uma ameaça para a humanidade¹² (PATRUNO, 1995, p. 09). E *Lager* como palavra, como Primo tinha ouvido entre 1943 e 1945, em —Nazi-german¹³, o alemão próprio do *Lager*. Uma língua que só pertencia à aquela memória, aquele momento histórico – e, dessa maneira, devia ficar clara e evidente como tal. Quando foi lançado *Se questo è un uomo* em 1946, talvez a palavra *Lager* não fizesse tanto sentido – podia ter sido substituída por qualquer outra das já citadas possíveis traduções para o italiano – mas a experiência não seria a mesma. A sensação não seria a mesma. E nada era mais importante para Primo do que sua memória e como ela seria ouvida¹⁵. Se pensarmos como as palavras se transformavam, criando seu próprio significado, o uso de *Lager* como é feito nos livros de Levi, e nessa dissertação, é entendido como parte essencial do processo de escrita, uma maneira de, fazendo uso da palavra e de seu significado naquela situação, conectar autor/obra e, mais uma vez, quebrar o muro entre os dois.

De acordo com Berel Lang, ao escrever *É isto um homem*, Levi procurava algum modo de narrar que havia vivido, – uma tentativa de descrever seus meses lá, sempre e onde quer que ele encontrava uma audiência¹⁶ (LANG, 2013, p. 49) – a obsessão em falar, mais uma vez, glorificada por Agamben. Entender que precisava *apropriar-se* de sua experiência e de sua voz, depois

14 campo, acampamento, campo de prisioneiros, campo de trabalho, cama, armazém, campo, rolamento, apoio – (Tradução da autora)

15 Sendo assim, a palavra *Lager* será usada durante toda a dissertação – com exceção dos textos traduzidos que usem sinônimos, onde serão usados os termos escolhidos pelo autor.

de seu tempo no *Lager*. É depois de muito tempo que Primo passa a perceber o *Lager* como um espaço com sua própria língua.

Outra questão interessante que perpassa a necessidade de testemunhar, é a questão religiosa. Como disse Wiesel, —ser judeu é recordarll (WIESEL apud WEINRICH, 2001, p. 254). A tradição judaica é baseada em escrituras, que guiam o caminho dos que ainda vão vir, geração após geração, —A nossa não é uma linhagem de sangue, mas uma linhagem de textoll (OZ, OZ-SALZBERGER, 2014, p. 11). O processo de transmissão das escrituras e das tradições era feito oralmente, de modo a perpetuar a sobrevivência dessas mesmas tradições. No livro *Os judeus e as palavras*, Amós Oz e sua filha, Fania Oz-Salzberger, analisam essas relações entre o escrito/narrado e como isso faz parte da cultura judaica. De acordo com eles, —uma descendência informada é a chave para a sobrevivência coletivall (OZ, OZ-SALZBERGER, 2014, p. 25). Ainda sobre essa relação dos judeus e memória, Weinrich afirma,

A memória judaica (...) é em seu cerne a memória de Deus, o que se pode ver do ponto de vista de Deus ou o do homem. Deus como senhor da memória de sua Criação e no sentido especial para seu povo escolhido, com qual firmou um pacto de memória que vale para toda a história universal. (WEINRICH, 2001, p. 254)

Essa relação memorialística se dá no *Lager* nos sentidos mais diversos: a tentativa de manter as celebrações, as orações, a própria língua, as relações que possuíam fora do *Lager*. Manter-se um certo grau de *lembrança da normalidade* dentro do *Lager*, pois, —para ser duradoura, a memória precisa lutar diariamente com o esquecimentoll (WEINRICH, 2001, p. 257). Além disso, ainda era necessário pensar em sua própria sobrevivência, criando-se uma espécie de paradoxo entre a necessidade de lembrar de uma vida pré-*Lager* e a necessidade de viver o *Lager* (ou melhor, sobreviver ao *Lager*). Uma maneira de entender essa relação com a memória e com a escrita é comparando a experiência judaica com a experiência romani, por exemplo. No artigo —Invisible Romall, o jornalista Bem Judah entrevista o sociólogo e ativista romani Nicu Fortuna, que faz uma comparação entre como a população romani e a população judaica *entenderam*, respectivamente, o *Porajmos* e a *Shoá*:

-There is a difference between the Jewish and Roma deportees,ll he adds.
-The Jews were shocked and can remember the year, date and

time it happened. The Roma shrugged it off. They said, 'Of course I was deported. I'm Roma; these things happen to a Roma.' The Roma mentality is different from the Jewish mentality. For example, a Roma came to me and asked, 'Why do you care so much about these deportations? Your family was not deported.' I went, 'I care as a Roma' and the guy said back, 'I do not care because my family were brave, proud Roma that were not deported.'¹⁶ <https://www.momentmag.com/invisible-roma/4/>

Além de questões de comunicação, a própria lembrança era dolorosa, —evocá-lo dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor (LEVI, 2004, p. 20). Essa reação às memórias pode ser a razão do silenciamento de diversos sobreviventes, ou até do suicídio de outros¹⁷. Essa sensação é muito bem exemplificada pelo recorte feito por Levi de um texto escrito por Jean Améry, que diz:

Quem foi torturado permanece torturado (...) Quem sofreu o tormento não poderá mais ambientar-se no mundo, a miséria do aniquilamento jamais se extingue. A confiança na humanidade, já abalada pelo primeiro tapa no rosto, demolida posteriormente pela tortura, não se readquire mais. (AMÉRY apud LEVI, 2004, p. 21)

O processo de testemunhar é *nebuloso* – e torna-se cada vez mais com o passar dos anos. O tempo faz com que essas memórias se dissipem cada vez mais, criando lacunas que não podem ser preenchidas. Como relatado por Benjamin no início do capítulo, o silêncio e, especialmente, o tempo distanciam a experiência oral da experiência escrita, além da experiência *real*. Essa dualidade entre o comunicar o que era incomunicável e o manter-se em silêncio permeou a vida de vários sobreviventes. Um exemplo é Leonardo De Benedetti¹⁸: ele aparece como personagem em *A trégua*, e como autor de alguns ensaios reunidos na coletânea *Assim foi Auschwitz*, publicada em português. Esses textos são, em geral, depoimentos sobre os processos, sobre

16 "Há uma diferença entre os deportados judeus e ciganos", acrescenta. -Os judeus ficaram chocados e podem lembrar o ano, a data e a hora em que isso aconteceu. Os ciganos deram de ombros. Eles disseram: "Claro que eu fui deportado. Eu sou cigano, estas coisas acontecem aos ciganos. »A mentalidade cigana é diferente da mentalidade judaica. Por exemplo, um cigano veio até mim e perguntou: "Por que você se importa tanto com essas deportações? Sua família não foi deportada ". Eu disse: " Eu me importo como cigano "e o cara disse: " Eu não ligo, porque minha família era corajosa e orgulhosa dos ciganos que não foram deportados ". ((Tradução da autora))

17 Como o filósofo francês Jean Améry ou o próprio Primo Levi.

18 Leonardo, cerca de dez anos depois da libertação, começou a fazer seminários semanais para falar sobre sua experiência, em especial para jovens (THOMSON, 2003, p. 275)

Monowitz, um documento que tentava reconstituir os nomes daqueles que os acompanharam nos comboios para o *Lager* e, em especial, o —Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz (Auschwitz – Alta Silésia) [1945-1946]ll, junto com Primo Levi. Esses depoimentos nos dão uma visão de que como foi a experiência de Leonardo: sabemos que Iolanda, sua esposa, foi levada para a câmara de gás na noite em que chegou ao *Lager* (DE BENEDETTI, LEVI, 2015, p. 50), e que foi poupado da câmara de gás por Joseph Mengele quatro vezes por ser médico (DE BENEDETTI, LEVI, 2015, p. 50). Como personagem de Primo é que temos uma visão não apenas *prática* – como era necessária para os depoimentos nos processos – mas também *sentimental* de Leonardo:

Suportava com dificuldade a fadiga e o gelo, e fora internado diversas vezes na enfermaria, por edemas nos pés, feridas infectadas e debilitação geral. (...) Possuía, além da sorte, outra virtude essencial para aqueles espaços: uma ilimitada capacidade de resignação, uma coragem silenciosa, não nativa, não religiosa, não transcendente, mas deliberada e desejada a cada instante, uma paciência viril, que o mantinha milagrosamente à beira do colapso (LEVI, 2010, p. 58)

Leonardo é apenas um exemplo de tantos outros personagens apresentados por Primo – e, ainda assim, temos poucos textos escritos pelo próprio Leonardo, ao contrário dos outros. As escolhas que esses sobreviventes fizeram são diversas. E suas memórias pertencem apenas a eles mesmos. Eventualmente, também, a experiência cria um vazio, um espaço sem memória. Ao falar de alguns dos personagens de seus livros – companheiros de *Lager* – Levi fala um pouco sobre a relação que alguns desses homens possuem com a sua própria experiência. Ao falar de *Arthur*, um dos seus companheiros do hospital nos últimos dias de *Lager*, afirma que ele

—está velho e doente, e não deseja receber uma visita que possa reavivar uma velha angústia (LEVI, 2001, p. 197). Já no caso de *Pikolo*, —(...) ele esqueceu muito do seu ano em Monowitz. As lembranças atrozess da marcha de evacuação parecem maiores para ele. No decorrer, ele viu todos os seus amigos (Alberto entre eles) morrer de exaustão (LEVI, 2001, p. 197). Como afirma Zoë Waxman, —não há experiência de sobrevivente universal (WAXMAN, 2006, p. 89)

Mas, para aqueles que fizeram a escolha de narrar – ou foram escolhidos, por razões que talvez jamais entenderemos – o fizeram com afinco. Dedicaram suas vidas a esse projeto, como uma missão que carregaram, como um pedaço do *Lager* de que nunca se desfizeram. Como Wiesel promete, –jamais esquecer!l:

NEVER SHALL I FORGET that night, the first night in camp, that turned my life into one long night seven times sealed. Never shall I forget that smoke.

Never shall I forget the small faces of the children whose bodies I saw transformed into smoke under a silent sky.

Never shall I forget those flames that consumed my faith forever. Never shall I forget the nocturnal silence that deprived me for all eternity of the desire to live.

Never shall I forget those moments that murdered my God and my soul and turned my dreams to ashes.

Never shall I forget those things, even were I condemned to live as long as God Himself.

Never. (WIESEL, 2006, p. 34)¹⁹

Não esquecer é a sua promessa consigo mesmo. Seu acordo com Deus. Ou até mesmo a quebra do acordo com Deus. As memórias da fumaça, das crianças, das chamas, fazem parte de sua memória onde, mais do que lembrar, ele não deveria esquecer. Nem ele, nem ninguém.

¹⁹ Não esquecerei jamais essa noite, a primeira noite de acampamento que fez de minha vida uma longa noite sete vezes amaldiçoada./Não esquecerei jamais essa fumaça. /Não esquecerei jamais os rostinhos das crianças cujos corpos se transformavam em volutas de fumo sob o azul mudo. /Não esquecerei jamais as chamas que consumiram para sempre a minha Fé. /Não esquecerei jamais esse silêncio noturno que me roubou pra sempre a vontade de viver./Não esquecerei jamais os instantes que assassinaram o meu Deus e a minha alma, meus sonhos que viraram areia do deserto./Não esquecerei jamais aquilo, mesmo que seja condenado a viver tanto tempo quanto o próprio Deus. Jamais. – (Tradução da autora)

1.3 PRECISAVA DIZER ALGO A ALGUÉM,/ MAS NÃO SEI MAIS O QUE E A QUEM: ESQUECI²⁰

No *Deutscher Historisches Museum* encontra-se a estátua fotografada ao lado: dois homens, um *segurando* outro²¹. O que segura está magro, ao ponto de ter sua caixa torácica visível. O outro homem, nu, é ainda mais magro, seus ossos mais visíveis do que os do outro homem. Seus pés mal tocam o chão. Está morto. Carregado por um vivo – um sobrevivente levando consigo aquele que não teve a mesma sorte. Aquele que não narrou, cujo testemunho não foi ouvido por seus amigos e família. Sua voz perdeu-se, e sua história ficou apenas com ele. Como afirma Renato Lessa,

Auschwitz, em sua máxima expressão – a do aniquilamento completo de suas vítimas-, pode ser imaginado como um experimento de vitória total do silêncio e como supressão definitiva das vozes humanas. O silêncio impõe-se, ao fim de tudo, em sua máxima compactação, precedido tão somente da inutilidade e finitude dos sons humanos. Tal como um coro em desespero, as derradeiras vozes terminam por condensar-se no definitivo *operador do silêncio* – a morte – e neles se dissolvem (LESSA, 2009, p. 85)

Mais do que aqueles que não conseguiram narrar, pois suas memórias falhavam ou os/as traíam – ou escolhiam manter-se em silêncio – existem aqueles que jamais tiveram sequer a oportunidade. Aqueles que pereceram, que ficaram pelo caminho, como as famílias de Elie Wiesel, de Wladyslaw Szpilman, dentre tantos outros que ficaram para trás. Ao fim da guerra, ao ver-se sozinho, Szpilman lembra das irmãs:

Dei-me conta de que as minhas irmãs, a bela Regina e o modelo de seriedade juvenil Halina, nem estes restos sobraram, e que nunca encontrarei os túmulos sobre os quais pudesse rezar pelas suas almas (SZPILMAN, 2008, p. 180)

A lembrança daqueles que não viveram o bastante para contar suas histórias — Dos seiscentos e cinquenta, todos que então partimos, voltávamos três (LEVI, 2010, p. 211) – torna-se a maior lacuna dentro dos estudos sobre as narrativas de Shoá. Mais uma vez, voltamos a Hurbinek, a criança que morre pouco após a libertação, e que *vive* apenas nas palavras de Primo Levi. O próprio autor, ao ser questionado se mantinha contato com aqueles que serviram de inspiração para os personagens de seus dois primeiros livros, afirma:

²⁰ Poema —Medida não despachada - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

²¹ Lista de Imagens – Figura 1

Most of the people who appear in these pages must, unfortunately, be considered to have died during their days in the camp or in the course of the huge evacuation march mentioned in the last chapter of the book. Other died later from illnesses contracted during their imprisonment. (LEVI, 2001, p. 197).²²

Liana Millu, no livro *Il fumo di Birkenau*, pouco aparece como personagem: dedicou sua narrativa aos que estavam ao seu redor, como afirma Levi na apresentação do romance; —ela é um olho penetrante, uma consciência soberbamente vigilante que registra e transcreve, em tons uniformemente dignos e medidos, eventos que foram, eles próprios, além da medida humana (LEVI, 2001, p. 07). Algumas de suas personagens não tiveram não tiveram a oportunidade de contar suas próprias histórias, ficaram a cargo de outros, aqueles que passaram pelo *Lager* e transcenderam. Diferente das companheiras de Liana, transcritas em sua narrativa, que tem no *Lager* o início, meio e fim de suas histórias.

No livro *The Age of Extremes (1914 – 1991)*, Eric Hobsbawm seleciona —doze pessoas analisam o século XXII (HOBBSAWN, 1995, p. 01). Entre essas frases, encontra-se uma de Primo Levi, que retrata bem o sentimento que separa aqueles que sobreviveram daqueles que pereceram no *Lager*:

We who survived the Camps are not true witnesses. This is an uncomfortable notion which I have gradually come to accept by reading what other survivors have written, including myself, when I re-read my writings after a lapse of years. We, the survivors, are not only a tiny but also an anomalous minority. We are those who, through prevarication, skill or luck, never touched bottom. Those who have, and who have seen the face of the Gorgon, did not return, or returned wordless. (LEVI apud HOBBSAWN, 1995, p. 01)²³

Mencionada por Levi, a mítica Górgona remete às três irmãs monstruosas, com cobras no lugar do cabelo e que transformavam em pedras

22 A maioria das pessoas que aparecem nessas páginas devem, infelizmente, ser consideradas como tendo morrido durante seus dias no acampamento ou durante a enorme marcha de evacuação mencionada no último capítulo do livro. Outros morreram mais tarde devido a doenças que sofreram durante o seu encarceramento.

23 Nós que sobrevivemos aos Campos não somos testemunhas verdadeiras. Essa é uma noção desconfortável que gradualmente aceitei lendo o que outros sobreviventes escreveram, inclusive eu, quando reli meus escritos depois de um lapso de anos. Nós, os sobreviventes, não somos apenas uma minúscula, mas também uma minoria anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, nunca tocaram no fundo. Aqueles que têm, e que viram o rosto da Górgona, não retornaram ou retornaram sem palavras. ((Tradução da autora))

aqueles que as encaravam (ROMAN, ROMAN, 2010, p. 179). A metáfora usada por Levi funciona com perfeição: aqueles que encaravam o monstro de frente – aqueles que perdiam suas famílias e amigos, suas casas, seu país – perdiam-se no caminho.

A sobrevivência no *Lager*, além de aleatória, era um *ponto fora da curva*. Não se devia sobreviver. Ninguém devia contar essas histórias e o sistema interno buscava cumprir esse papel, de modo a destruir não apenas a mente, mas o corpo, —não poderia restar nenhum rastro desses mortos, nem seus nomes, nem seus ossos (GAGNEBIN, 2006, p. 46). E é desse sistema que nasce o *muselmann*, —o prisioneiro que havia abandonado qualquer esperança (...). Era um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia (AMÉRY apud AGAMBEN, 2008, p. 49).

A única maneira de reconhecermos esses prisioneiros – defini-los, separá-los no meio de tantos outros – é nos testemunhos daqueles que não foram *muselmann*. Como afirma Gagnebin,

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p. 57)

Para os que tiveram a chance de testemunhar, sobreviver não significava apenas a volta para casa e para a vida que se havia deixado antes:

—sair do tormento foi um prazer somente para uns poucos afortunados, ou somente por poucos instantes, ou para almas simples; quase sempre coincidiu com uma fase de angústia (LEVI, 2004, p. 61). E essa angústia tornava-se testemunho, pois existia o medo constante —de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados (LEVI, 2004, p. 10), além de terem que encarar uma Europa destruída: —A pequena geração judaica que sobreviveu à guerra começou a procurar as vidas daqueles que foram mortos, talvez na esperança de encontrar sua própria identidade. (LAST, WOLFSWINKEL, 1996, p. 136).

O processo de narrar em nome dos que haviam morrido – além de considerar sua própria experiência – era extremamente difícil: para Primo Levi era mais que isso, pois era impossível entender que sua sobrevivência havia sido parte de um *projeto maior*. Quando um amigo religioso diz para Levi que ele —sobrevivera a fim de dar testemunho, ele discorre sobre esse pensamento;

Eu o dei da melhor forma que pude, e não teria podido deixar de dá-lo; e ainda o faço, sempre que se me apresenta a ocasião; mas a ideia de que o privilégio de sobreviver aos outros e de viver por muitos anos sem maiores problemas tenha propiciado este meu testemunho, esta ideia me inquieta, porque não vejo proporção entre o privilégio e resultado. (LEVI, 2004, p. 72)

Esse pensamento, como ele mesmo afirma, não o impediu de escrever e teorizar frequentemente sobre a experiência. Ele apresentou aquilo que esteve em sua frente e o fez com maestria. Um bom exemplo é no poema *Shemà*, que aparece como prólogo – e de onde veio o título – de *É isto um homem*.

pensem bem se isto é um homem
 que trabalha no meio do barro,
 que não conhece paz,
 que luta por um pedaço de pão,
 que morre por um sim ou por um não.
 Pensem bem se isto é uma mulher,
 sem cabelos e sem nome,
 sem mais força para lembrar,
 vazios os olhos, frio o ventre,
 como um sapo no inverno. (LEVI, 1998, p. x)

Ao questionar o leitor se *isto é um homem*, Primo nos coloca de frente ao *muselmann*, aquele que perdeu sua humanidade: fica a cargo do leitor *decidir* ou não. Além disso, o título do poema, *Shemà*, é a base do credo monoteísta judaico, encontrado em Deuteronômio 6: 4-9, onde declara —Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é Um!²⁴. O *Shemà* deve ser repetido diariamente, além de estar dentro do *mezuzah*, na porta de casa. No poema,

²⁴ <https://www.bibliaonline.com.br/acf/dt/6>

Primo não se apropria da voz daqueles que não sobreviveram. Porém, tal como Liana Millu, apresenta-os ao leitor – e, além disso, confronta o leitor sobre a humanidade do *muselmann* e a sua própria, assemelhando-se ao narrador que Benjamin apresenta, aquele que –incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes (BENJAMIN, 1994, p. 201): ao comunicar-se com o leitor, questiona-o e o julga.

Porém, deparar-se com essas narrativas ainda é entender que elas são exceções. Aquele que sobrevive pode carregar, como mostra a estátua, o *corpo* e a lembrança dos que jamais saíram do *Lager*. Mas suas palavras são apenas suas, os que ficaram foram silenciados, mortos, formam uma lacuna que jamais será preenchida. Esse silêncio também é parte dos testemunhos, mas jamais sendo; —O silêncio é constituído pela ausência de palavras, mas é, portanto, e simultaneamente a presença de sua ausência (SCHLANT, 1999, p. 15). Por fim, a conclusão que podemos chegar encontra-se nas palavras de Paul Celan: —Ninguém testemunha para a testemunha. (II)²⁵

1.4 ATÉ QUE SE CUMPRA O QUE FOI DITO,/ATÉ QUE SUA FORÇA SE DESFAÇA,/ATÉ QUE VOCÊ MESMO SE ACABE²⁶

Ao explicar sobre o *Lumpensammler*, o —narrador sucateiro (II), do conceito de Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin afirma que esse narrador, segundo Benjamin:

não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer (...) o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. (GAGNEBIN, 2006, 54)

O paradoxo de falar sobre o que ninguém fala, escrevê-lo pensando que, em algum momento, aquele testemunho poderia fazer algum sentido, alcançou seu apogeu pouco antes, durante e anos depois da Segunda Guerra Mundial. Esse grupo de autores, escritores de diários, narradores, testemunhas

²⁵ <https://www.poetryfoundation.org/poems/58206/ashglory>

²⁶ Poema —O canto do corvo (II) - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

leave us with the mandate to deny complacency in the face of modern genocide: in the Balkans, in Chechnya, in Rwanda, in Darfur, in terrorism driven by a variety of extremist ideologies. The literature of the Holocaust reminds us never to forget—what happened in Hitler's Germany, and also what can happen, is happening, now. (ROTH, 2008, p. 04)²⁷

Livros como *O diário de Anne Frank*, por exemplo – —o livro mais lido no mundo, depois da Bíblia (LAST, WOLFSWINKEL, 1996, p. 10) – que já foi adaptado para o cinema dezoito vezes, de acordo com o Internet Movie Database²⁸. Autores vencedores do Prêmio Nobel de Literatura como Nelly Sachs e Imre Kertész. Filmes como *The Pianist* ou *Schindler's List*, vencedores do Oscar. Narrativas feitas por sobreviventes estão em todos os lugares. Até nos dias atuais: o livro *A Man's searching for meaning*, escrito pelo neurologista, psiquiatra e sobrevivente de vários Lager, incluindo Auschwitz, Viktor Frankl foi o 88º livro mais vendido na Amazon²⁹ estadunidense em 2018, mesmo tendo sido publicado em inglês em 1959³⁰. *Maus*, a graphic novel de Art Spiegelman que fala da história de seu pai, Vladek, enquanto tentava salvar-se, foi vencedora do Prêmio Pulitzer em 1992. Esses são apenas alguns exemplos de como essas narrativas ainda permeiam a contemporaneidade.

No Brasil, o estudo dedicado a esse tipo de narrativa é chamado de *literatura de testemunho*, como explica Jaime Ginzburg;

Encontramos a acepção *literatura de testemunho* em estudos dedicados a Primo Levi, referentes à Segunda Guerra Mundial. O termo foi apropriado pelos estudos latino-americanos, com referência a autores como Rigoberta Menchú, e recentemente, a expressão carcerária, em Luiz Alberto Mendes e André du Rap. Falamos em testemunho também para referir à escrita de resistência à colonização na África, como no caso de Pepetela. (GINZBURG, 2008, p. 01)

27 nos deixam com o mandato de negar a complacência diante dos genocídios modernos: nos Bálcãs, na Chechênia, em Ruanda, em Darfur, no terrorismo impulsionado por uma variedade de ideologias extremistas. A literatura do Holocausto nos lembra de nunca esquecer - o que aconteceu na Alemanha de Hitler, e também o que pode acontecer, está acontecendo agora. ((Tradução da autora))

28 <https://www.imdb.com/name/nm0290833/>

29 Em 2016 – ano de sua morte – *Night*, de Elie Wiesel ocupou a 43ª posição na mesma lista: https://www.amazon.com/gp/bestsellers/2016/books/ref=zg_bsar_cal_je

30 https://www.amazon.com/gp/bestsellers/2018/books/ref=zg_bsar_pg_2?ie=UTF8&pg=2

Ao tentar definir o que é literatura de testemunho, Wilberth Salgueiro, no artigo *O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap)* enumera doze pontos —que caracterizam este híbrido e complexo —gênerolll (SALGUEIRO, 2012, p. 292):

- O registro em primeira pessoa;
- Compromisso com a sinceridade do relato;
- O desejo de justiça;
- A vontade de resistência;
- Abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético;
- Apresentação de um evento coletivo;
- Presença do trauma;
- Rancor e ressentimento;
- Vínculo estreito com a história;
- Sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas;
- Sentimento de culpa por ter sobrevivido;
- Impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido.

Já o termo *Holocaust Literature* é usado para definir mais especificamente as narrativas relacionadas à Shoá em países de língua inglesa – diários, documentos, testemunhos de sobreviventes ou de seus filhos, por exemplo. Essas narrativas auxiliam no entendimento da Shoá como algo maior:

—testemunhos publicados não só relacionam experiências de testemunhas, mas também nos dizem algo sobre o entendimento coletivo do Holocaustoll (WAXMAN, 2006, p. 03). Conceitualizar, porém, não é tão fácil. Na introdução do livro *Literature of the Holocaust*, o crítico estadunidense Harold Bloom, em sua introdução, assume não saber se existe uma *literature of the Holocaust*, como o título do livro,

If I remain skeptical about the literature of the Holocaust, my recalcitrance has to do with what is or is not possible to represent in imaginative literature. I doubt that a committee of Dante,

Shakespeare, Milton, and Blake, despite their superhuman gifts, could be equal to such an endeavor (BLOOM, 2004, p. 01)³¹

Joseph Sungolowsky, por exemplo, ao analisar os textos autobiográficos de sobreviventes, usa os termos –literatura da –atrocidadell ou –decomposiçãoll (SUNGOLOWSKY, 2003, p.91). O próprio Elie Wiesel questiona o próprio caráter literário dessas narrativas, ao dizer que "um romance sobre Auschwitz não é um romance, ou então não é sobre Auschwitz" (WIESEL apud HOROWITZ, 1997, p. 15). Esse questionamento também aparece em Adorno, quando afirma que —escrever poesia depois de Auschwitz é bárbaroll (ADORNO apud HOROWITZ, 1997, p. 23) e em Aharon Appelfeld, —...horror e arte. Eles podem coexistir?ll (APPELFELD apud HOROWITZ, 1997, p. 23). Essas frases nos ajudam a entender como a relação entre o que é literatura e o que é testemunho, além do modo distinto com que eram vistos entre alguns daqueles que escreviam testemunhos. Em -Perché si scrive?ll, um dos artigos que compõe *L'altrui mestiere*, publicado em 1985, Primo Levi lista algumas razões que fazem alguém escrever. É possível conectar as razões com a sua obra – em 1985, Primo já havia publicado outros livros, romances, artigos, poemas, que não necessariamente tratavam de sua experiência como sobrevivente da Shoá – e relacioná-las com outras narrativas sobre a Shoá, como —Porque sentimos o desejo ou a necessidade ll ou -Para se livrar de alguma fonte de angústia ll (LEVI, 2015, p. 2045).

As razões que se discutem são as mais diversas. Mas o termo existe e é usado, como demonstra pesquisa feita no Reino Unido, onde o número de cursos sobre *Holocaust Literature* passou de um, em 1996, para nove, em 2013 (GAWTHROPE, MARTIN apud EAGLESTONE, LANGFORD, 2008, p. 01). Entender que essa *literatura de Holocausto*³² existe – por que se faz necessária, por que se entende como um conjunto de textos e testemunhos,

31 Se eu permanecer cético em relação à literatura do Holocausto, minha recalcitrância tem a ver com o que é ou não é possível representar na literatura imaginativa. Duvido que um comitê de Dante, Shakespeare, Milton e Blake, apesar de seus dons sobre-humanos, possa ser igual a tal empreendimento. - (Tradução da autora)

32 Nesse caso, o termo Holocausto daria um sentido completo: não apenas as narrativas escritas por judeus, mas por todos aqueles que foram vítimas ou perpetradores, além das narrativas ficcionais. Sendo assim: Shoá é utilizado na destruição dos Judeus , Holocausto é utilizado de maneira geral – como tradução do termo utilizado em inglês.

por que se é estudada – é parte essencial desse trabalho. Para justificar esse pensamento, e como ele será construído durante a dissertação, trazemos Antonio Candido, em seu texto *Direito a Literatura*

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 1970, p. 175)

Uma literatura transgressora, que vai de encontro às palavras de alguns de seus mais famosos precursores, mas que é parte essencial do processo de humanização, instrução e rememoração, além de abrir espaço para outras narrativas, outros testemunhos. O poder da literatura foi sentido por aqueles que escreveram suas histórias e cabe a nós, leitores, manter a promessa de jamais esquecer.

2 FELIZ O HOMEM QUE ALCANÇOU O PORTO,/ QUE DEIXA PARA TRÁS DE SI MARES E TORMENTAS ³³

Então eles ainda falaram: O Deus dos hebreus nos encontrou; portanto deixa-nos, pedimos-te, ir caminho de três dias ao deserto, e oferecer sacrifícios ao Senhor nosso Deus, para que ele não venha sobre nós com pestilência ou com espada (Shemot, 5:3)

Em artigo publicado em 24 de março de 1944, o autor e jornalista George Orwell fala sobre o conceito de fascismo: cada população, cada país, cada grupo possui uma maneira própria de defini-lo – assim, a palavra —é quase desprovida de todo significadooll (ORWELL, 2017, p. 88)³⁴. O movimento fascista italiano não é igual ao fascismo que ouvimos hoje em dia: esse conceito transformou-se com o tempo e com as diversas maneiras pelas quais a palavra passa a ser aplicada em outros panoramas e línguas. O que é fascismo para um pode não ser considerado fascismo para outros, adequando- se a cada realidade diversa no mundo atual. Wilhelm Reich descreve o fascismo como -(...) a soma total de todas as reações irracionais do caráter humano normal. ll (REICH, 1946, p. 7), ou seja, tudo que é extremo e distante do que se pode esperar.

Porém, é preciso delimitar qual acepção de fascismo será necessário para o entendimento da obra de Primo Levi: nesse caso, o Fascismo Italiano, movimento político que ocorreu nas primeiras décadas do século XX. Para Walter Laqueur,

What made fascism different from earlier dictatorships was the presence of a mass party that monopolized power through its security services and the army and that eliminated all other parties, using considerable violence in the process. This new style of party was headed by a leader who had virtually unlimited power, was adulated by his followers, and was the focus of a quasi-religious cult. The party's doctrine became an obligatory article of faith for not only its members but all other citizens and was constantly projected by means of a powerful propaganda machinery. Such a party—and, later, a state apparatus— would not have been feasible earlier in history because it would have been impossible to impose similar political, social, and

33 Poema —Chegadall - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias(2019)

34 O que não impediu o próprio Orwell de lutar contra os movimentos totalitários, além de exemplificá-los em seus livros

cultural controls and to influence masses of people so intensively. (LAQUEUR, 1996, p. 15)³⁵

Entender o que Laqueur diz ao afirmar que o fascismo se diferenciava das ditaduras também nos ajuda a compreender o que é trazido na introdução de *Italian Fascism: 1915 – 1945*, de Philip Morgan, que coloca o Fascismo Italiano sob duas perspectivas históricas, denominadas *'parêntese'* e *'revelação'*. Na perspectiva *'parêntese'*, o Fascismo é considerado um —ponto fora da curva na história da Itália: antes da chegada do partido fascista ao poder, o país —estava desenvolvendo-se gradualmente em uma nação industrial moderna, com instituições parlamentares (MORGAN, 2004, p. 4), sendo esse momento quebrado devido à Primeira Guerra Mundial. Na segunda perspectiva — *'revelação'* — o impacto que a Primeira Guerra causou ainda é de extrema importância, mas não é a única razão. O sistema liberal da Itália já vinha em decadência muito antes, sendo a Primeira Guerra o ponto de ebulição:

So the crisis of the liberal system of government in Italy was not just down to the effects of the war. It went further back to the imperfect process of national unification and the *'abnormal'* liberal politics of the pre-war period, when Italians were not made to feel citizens of their own nation and a huge gap had opened up between the mass of the people and their supposedly liberal state and political system (MORGAN, 2004, p. 4)³⁶

Ainda segundo Morgan, a crença em cada uma das teorias está ligada a um resultado diferente para a Itália pós-1945: —Se o fascismo era um *"parêntese"* (...) definitivamente era *"ultrapassado"* e dificilmente se repetiria.

35 O que tornou o fascismo diferente das antigas ditaduras foi a presença de um partido de massas que monopolizou o poder através de seus serviços de segurança e do exército, e que eliminou todos os outros partidos, usando violência considerável no processo. Esse novo estilo de partido era liderado por um líder de poder virtualmente ilimitado, adulado por seus seguidores, e o foco de um culto quase religioso. A doutrina do partido tornou-se um artigo de fé obrigatório não apenas para todos os seus membros, mas para todos os outros cidadãos, e foi constantemente projetado por meio de um poderoso mecanismo de propaganda. Tal partido - e, mais tarde, um aparato estatal - não teria sido viável no início da história porque teria sido impossível impor controles políticos, sociais e culturais semelhantes e influenciar massas de forma tão intensa. ((Tradução da autora))

36 Então a crise do sistema liberal de governo na Itália não foi apenas até os efeitos da guerra. Foi mais atrás, para o imperfeito processo de unificação nacional e da política liberal "anormal" do período pré-guerra, quando os italianos não foram levados a sentir seus próprios cidadãos nação e uma enorme lacuna havia se aberto entre a massa do povo e seu estado supostamente liberal e sistema político ((Tradução da autora))

No entanto, se o fascismo foi a "*revelação*" do passado recente da Itália, então também poderia ser uma "*revelação*" do presente e futuro da Itália. (MORGAN, 2004, p. 5). É a partir desse ponto de vista e de sua possível relação com o presente que essas teorias se distanciam.

O entendimento da história da Itália nos anos pré-Mussolini – em especial o processo de unificação – é parte essencial da obra de Primo Levi: sua história de vida envereda pelos caminhos do Movimento Fascista, - do início ao fim - onde aproxima-se durante a infância e distancia-se na idade adulta. O que era parte de sua rotina, o clube de sua infância, torna-se, mais a frente, o que tenta elimina-lo. A *utopia* italiana, criada pelo Fascismo, que tentava vender a ideia de um país unido por uma língua e cultura, que agregasse movimentos sociais e aqueles que viam a Itália como o seu lar, superando desavenças territoriais e bairristas, virou-se contra os seus próprios.

2.1 JOGUE, QUE SEU TEMPO É CURTO;/NÃO OUVES O TIQUE-TAQUE DO RELÓGIO?³⁷

A Itália pré-fascista, em especial nos primeiros anos do século XX, passava por um processo de modernização interno – as tentativas de expansão internacional haviam sido falhas, em especial Adowa, em 1896 – e os movimentos nacionalistas e imperialistas começavam a crescer, pressionando o governo e exigindo uma expansão semelhante aos países vizinhos da Europa (PAYNE, 1995, p. 80). A classe trabalhadora continuava a crescer, assim como a desigualdade social. É nesse período que Benito Mussolini aparece pela primeira vez – mais especificamente em 1912, como líder do Partido Socialista Italiano. Mussolini e seus companheiros de partido eram, inicialmente, contrários à adesão da Itália na Primeira Guerra Mundial – opinião que eventualmente muda em 1915, ao unir-se a grupos nacionalistas, na esperança de que a Guerra pudesse cooperar com esses ideais e, fundamentalmente, de expansão do território italiano, na conquista de colônias

– em especial na África (PASSMORE, 2002, p. 50). Porém, o entendimento de

37 Poema —Xadrez (II) - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias(2019)

identidade nacional Italiana – identidade essa que havia sido *forçada* na população no *Risorgimento* - não foi totalmente bem sucedido:

Whereas Germany had been the great loser of World War I, Italy had been among the victors .But Italy had not come close to receiving the spoils of victory it had hoped for. Furthermore, nationalist passions were running as high as they were in Germany, - only two generations had passed since the nation had unified, and the people did not yet feel that their country was secure,a self-evident fact (LAQUEUR, 1996, p. 17)³⁸

A união de vários movimentos políticos e sociais forma o *Fascio di Combattimento*, na cidade de Milão, em março de 1919, com a ideia de unir -(...) nacionalismo com republicanismo, anticlericalismo, sufrágio feminino e reforma social, tendo como ideia norteadora a mobilização de homens e mulheres, trabalhadores e empregadores, camponeses e latifundiários de uma comunidade nacional secularll (PASSMORE, 2002, p. 51). A união desses movimentos sociais formou o movimento que —é ação e é pensamentoll, (MUSSOLINI, 2019, p. 13) parte de uma doutrina ainda maior. Essa doutrina —ênfatiza a importância do estado e aceita o indivíduo apenas na medida em que seus interesses coincidam com os do Estado, que representa a consciência e a vontade universal do homem como entidade históricall (MUSSOLINI, 2019, p. 16).

É nesse período – mais especificamente, em 31 de julho de 1919 na Corso Re Umberto, 75 – que nasce Primo Michele Levi, em Turim, dentro de uma família de judeus assimilados. Primo, de —primogênitoll, o primeiro filho de dois primogênitos – Cesare Levi e Ester Luzzati; Michele, o nome de seu avô paterno³⁹. Como mandava a tradição judaica, -o bebê foi circuncidado no oitavo dia de sua vida e uma gota de vinho colocado em seus lábios em bênçãoll (THOMSON, 2003, p. 18).

38 Enquanto a Alemanha fora a grande perdedora da Primeira Guerra Mundial, a Itália estava entre os vencedores. Mas a Itália não chegara nem perto de receber os espólios da vitória que esperava. Além disso, as paixões nacionalistas estavam tão altas quanto na Alemanha - apenas duas gerações se passaram desde que a nação se uniu, e as pessoas ainda não sentiam que seu país estava seguro, um fato evidente. ((Tradução da autora))

39 -Eu não conheci meu avô paterno. Ele suicidou-se, apesar de não saber as circunstâncias. Eu não sei se foram problemas financeiros. Eu tenho o nome dele, eu me chamo Michele como elell (LEVI, TESIO, 2018, p. 11)

O movimento liderado por Mussolini, poucos anos depois, em 1922, já possuía 250 mil membros, mesmo ano em que ele é nomeado primeiro-ministro: depois da —Marcha de Romall, onde os fascistas atacaram os escritórios de serviços públicos em outubro de 1922, o rei Vittorio Emanuele —concedell a Mussolini o cargo de primeiro-ministro (THOMSON, 2003, p. 27) . Com a chegada de Mussolini ao poder, o movimento fascista ganhou ainda mais adeptos, modificando a representação que as pessoas possuíam dos integrantes, o que foi essencial para o fortalecimento do regime:

By the late 1920s the prevailing image of the Fascist was no longer the young, single man who fought Socialists whilst professing not to 'give a damn', but the responsible husband and father who worked from nine to six in the building of a new nation, as his wife bore babies for Italy. (PASSMORE, 2002, p. 57)⁴⁰

Esse perfil familiar também era o perfil dos Levi: Cesare era engenheiro, Esther cuidava dos filhos – Primo e Anna Maria, sua irmã mais nova. Mussolini já estava no poder, tinha apoio do povo e sua imensa máquina de propaganda concluía seu plano de doutrinação nas bases da sociedade⁴¹. Foi exatamente na escola primária que Primo teve o contato inicial com o movimento fascista:

Primary schools were the regime's most important agency in molding obedient young Fascists. Mussolini was mired in a drawn-out battle to build a Fascist Empire in East Africa, and Primo was required to chant the regime's bellicose youth anthem, 'Giovinezza', during his weekly singing lessons. Slogans in the corridors reassuringly proclaimed that 'MUSSOLINI IS ALWAYS RIGHT' (item eight of the Fascist Decalogue) (THOMSON, 2003, p. 30)⁴²

40 No final da década de 1920, a imagem que prevalecia do fascista não era mais o homem jovem e solteiro que lutava contra os socialistas, enquanto professava não "dar a mínima", mas o marido e pai responsável que trabalhava das nove às seis na construção de uma nova nação, como sua esposa deu à luz bebês para a Itália ((Tradução da autora))

41 -Em 1942, aos 10 anos de idade, ganhei o primeiro prêmio nos Ludi Juveniles (um concurso com livre participação obrigatória para jovens fascistas italianos – vale dizer, para todos os jovens italianos). Tinha trabalhado com virtuosismo retórico sobre o tema: -Devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?!. Minha resposta foi afirmativa. Eu era um garoto esperto. (ECO, 2018, p. 9)

42 As escolas primárias foram a agência mais importante do regime na moldagem de jovens fascistas obedientes. Mussolini estava atolado em uma batalha prolongada para construir um império fascista na África Oriental, e Primo foi obrigado a cantar o belicoso hino juvenil do regime, "Giovinezza", durante suas aulas semanais de canto. Slogans nos corredores proclamavam que "MUSSOLINI ESTÁ SEMPRE CERTO" (item oito do Decálogo Fascista) ((Tradução da autora))

Em 1924, Primo já fazia do Movimento Jovem Fascista, chamado de *Figli della Lupa*, ou –filhos da Loba, em alusão à lenda da fundação de Roma. Porém, discussões políticas costumavam ser evitadas em casa, pois Cesare não apoiava totalmente o partido – e menos ainda Mussolini – apesar de ter se tornado membro, mais por comodismo e para manter seu emprego do que por questões ideológicas (THOMSON, 2003, p. 28). Mesmo assim, como é possível ver no trecho da entrevista realizada em 1985 e publicada na *The Paris Review*, Primo começou a questionar o movimento fascista ainda jovem:

A filosofia fascista insistia muito na questão do espírito. Seu slogan era: é o espírito que controla a matéria. Por exemplo, o exército italiano era mal equipado, mas, se é o espírito que domina a matéria, então poderíamos vencer a guerra mesmo sem equipamentos. A ideia era que, uma vez que tivéssemos o espírito de luta, seríamos capazes de vencer. Era uma tolice, mas aquilo havia impregnado a atmosfera da escola. Na linguagem usada nas aulas de filosofia, a palavra espírito tinha um sentido bastante ambíguo. A maioria dos meus colegas aceitava, enquanto eu ficava irritado com a insistência nessa história de espírito. O que é o espírito? Espírito não é alma. Eu não tinha fé; não tenho fé. O espírito é algo que não se pode tocar. Naquele tempo, a insistência sobre algo que não se podia ver com os próprios olhos, ouvir, tocar com os dedos, me soava como uma mentira oficial. (LEVI, 2010, p. 174)

Porém, Mussolini ainda não soava como uma ameaça para as populações judaicas na Itália: muito desse sentimento vem da relação que esses judeus italianos possuíam com o país. Em entrevista à autora e também sobrevivente da Shoá, Edith Bruck, Primo fala sobre essa questão, ao ser perguntando —o que significa ser judeu para você:

I was turned into a Jew by others. [*Primo Levi replies in his sweet, persuasive voice*] Before Hitler I was a middle-class Italian boy. The experience of the Race Laws helped me recognize, amongst the many threads that made up the Jewish tradition, a number that I could accept. (BELPOLITI, GORDON, 2001, p. 262)⁴³

Primo nasceu dentro do judaísmo, mas, para sua família, —ser judeu era —menor: os Levi já haviam assimilado a cultura italiana, e as celebrações religiosas serviam muito mais para reunir a família do que conectar-se com

43 Eu fui transformado em judeu pelos outros. [Primo Levi responde com sua voz doce e persuasiva] Antes de Hitler, eu era um menino italiano de classe média. A experiência das Leis Raciais ajudou-me a reconhecer, entre os muitos tópicos que compunham a tradição judaica, um número que eu poderia aceitar.

Deus (THOMSON, 2003, p. 33). De acordo com Levi, sua família já se encontrava em terras italianas desde 1500, fugindo dos ataques antissemitas na Espanha; sendo assim, já se consideravam totalmente assimilados (THOMSON, 2003, p. 6). Essas populações judaicas foram, por muitos anos, confinadas em guetos, e acabaram alcançando cada vez mais espaço na sociedade, desse modo, integrando-se à –raça italianall. Inclusive, –mais de um terço dos judeus italianos adultos (cerca de dez mil) (...) eram membros do Partido Fascistall (LANG, 2013, p. 77). O entendimento do que era ser judeu havia se modificado na Europa Ocidental, especialmente após a Revolução Francesa, como é explicado por Mars no texto *Reflections of an Atheist Jew*

Jewish identity in Europe before the French Revolution was based on the fusion of two elements- a religious element and an ethnic element. Jews were both a people and a religion. The French Revolution split this fused identity into its components. In Western Europe, first in France, full civil rights were bestowed on French Jews so that they became citizens of the French state, members of the French nation as individuals but not as a group. Religion became a private matter-a question of individual conscience. Jews became French men and French women of the Jewish religion, similar to Frenchmen who may be Roman Catholic or Protestant. The ethnic element was de- emphasised and was supposed to wither away. (MARS, 2016, p. 39)

Ainda sobre o tópico, Hannah Arendt afirma que até o século XIX, o Estado costumava fazer acordo com judeus mais ricos, oferecendo-lhes certos benefícios, não apoiando a assimilação desse grupo à população *local*, sendo só no século XIX que esses grupos vão ser assimilados na sociedade (ARENDR, 2009, p. 23). Em geral, ainda de acordo com Arendt, os judeus – mesmo assimilados – constituíam um grupo próprio, —não formavam uma classe nem pertenciam a qualquer das classes (...). Como grupo, não eram nem trabalhadores nem gente da classe média, nem latifundiários, nem camponesesll (ARENDR, 2009, p. 24), sendo a Itália uma exceção à regra. Essa relação —de integraçãoll é descrita por Primo Levi, em entrevista para Philip Roth em 1986, um ano antes de sua morte,

Levi: Os judeus italianos (...) deram uma contribuição importante à vida cultural e política do país sem abrir mão de sua identidade, aliás o fizeram justamente mantendo a fé em sua tradição cultural. Possuir duas tradições, o que acontece com os judeus, é uma riqueza – para os escritores, mas não apenas para os escritores. (ROTH, 2016, p. 22)

Essas duas tradições pareciam ser bem claras e durante muito tempo funcionaram muito bem para Levi. A quebra da relação religiosa que Primo tinha veio completou-se logo após o seu Bar Mitzvah, aos treze anos, quando ele começou a se interessar por ciência – em especial em —A origem das espéciesll, de Darwin (THOMSON, 2003, p. 45). Mas o —ser judeull não o abandona jamais, algo que fica claro em *É isto um homem*: —nos interrogatórios que se seguiram, preferi declarar minha condição de —cidadão italiano de raça judiall (LEVI, 1988, p. 12), assim como no —Prefácio à edição escolar de *A trégua*:

Existem muitas maneiras diferentes de ser judeu: desde a plena observância das regras religiosas e das tradições até a indiferença e à aceitação do modo de pensar e de viver da maioria. Para mim, ser judeu significava algo vago, não propriamente um problema: significava ter consciência tranquila da antiquíssima história do meu povo, uma espécie de incredulidade benévola em relação à religião, forte tendência ao mundo dos livros e das discussões abstratas. (LEVI, 2015, p. 21)

Os movimentos antissemitas estavam em crescimento acelerado desde o final do século XIX: o papel de poder dos judeus havia diminuído consideravelmente nos últimos séculos, tornando-os vítimas fáceis para serem culpabilizados pelos conflitos e problemas do país, como bode expiatório (ARENDDT, 2009, p. 18). Para fortalecer ainda mais esse processo de exclusão das comunidades judaicas, o —terrorll tem papel essencial:

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor (ARENDDT, 2009, p. 18).

Outros fatores essenciais para o avanço dos movimentos antissemitas foram o Caso Dreyfus, na França e a publicação dos —Protocolos dos Sábios do Siãoll. O oficial judeu francês Alfred Dreyfus foi acusado de espionagem, em um julgamento sigiloso em 1894, onde apenas um *bordereau* apresentado foi uma carta supostamente escrita por Dreyfus. Anos depois, em 1896, o responsável encarregado por informações e contraespionagem, coronel

Picquard, foi transferido para a Tunísia, após defender a inocência de Dreyfus, - o verdadeiro culpado, segundo o coronel, era o oficial Walsin-Esterhazy - repetindo a alegação um ano mais tarde, ao vice-presidente do Senado. O caso passou por reviravoltas, ao ponto de Picquard ter sido preso e o autor francês Émile Zola —aderiu aos partidários de Dreyfus (ARENDE, 2009, p. 83), chegando a ser julgado e posteriormente condenado, por calúnia contra o Exército.

Em agosto de 1898, Walsin-Esterhazy foi reformado por crime de peculato. Imediatamente, contou a um jornalista inglês que ele — e não Dreyfus! — era o autor do *bordereau*, tendo forjado a letra de Dreyfus por ordem do coronel Sandherr, seu superior e antigo chefe da Seção de Estatística. Alguns dias mais tarde, o tenente-coronel Henry, outro membro do mesmo departamento, foi preso por ter forjado várias peças do dossiê secreto de acusação; ele se suicidou na prisão. Em seguida, o Tribunal de Apelação ordenou uma nova investigação do processo Dreyfus (ARENDE, 2009, p. 83)

Apesar da anulação da sentença em 1899 e de sua libertação, o caso Dreyfus nunca foi efetivamente encerrado e tampouco esquecido: em 1908, ele chegou a ser atacado na rua – sendo o agressor inocentado pelo ataque (ARENDE, 2009, 84). Lembrado por muitos anos após o seu acontecimento até os dias atuais, —O Caso Dreyfus, em suas implicações políticas, pôde sobreviver porque dois de seus elementos cresceram em importância no decorrer do século XX. O primeiro foi o ódio aos judeus; o segundo, a desconfiança geral para com a república, o Parlamento e a máquina do Estado (ARENDE, 2009, p. 85).

Já para explicar —Os Protocolos dos Sábios do Sião, apresentamos a frase que inicia a *graphic novel* *O complô – a história secreta dos Protocolos dos Sábios do Sião* do autor estadunidense Will Eisner: —Sempre que um grupo de pessoas é ensinado a odiar outro grupo, inventa-se uma mentira para insuflar o ódio e justificar um complô. É fácil encontrar o alvo, porque o inimigo é sempre o outross (EISNER, 2005, p. 05). A aura de mistério que rodeava as tradições do judaísmo fez que seus seguidores fossem constantemente considerados como a representação do anti-Cristo, sendo acusados de crimes como assassinatos de crianças cristãs. Essas lendas acabam evoluindo na modernidade, com a criação do mito da dominação judaica da sociedade, como um grande complô mundial, como um governo secreto

que controlará a todos e transformará todos os humanos em judeus (COHN, 2005, p. 22). Muitos textos já foram escritos sobre essa temática, como o livro *O judeu internacional*, publicado em 1920 pelo industrial estadunidense Henry Ford, e o brasileiro Gustavo Barroso, autor cearense e membro da Academia Brasileira de Letras, que publicou e traduziu diversos livros, artigos e ensaios sobre essa possível conspiração judaica que estava acontecendo no mundo.

É um texto escrito por Osman-Bey, em 1840, que é usado como base para a *escrita* dos *Protocolos*: um livreto dividido em 24 partes, narrando como os —Sábios do Sião— – membros de um grupo secreto – pretendiam iniciar uma

Messianic age, when the whole world will be United by a single religion, Judaism, and will be ruled over by a Jewish sovereign of House of David. This age is divinely ordained, for God has chosen the Jews to dominate the world, but it will also be characterized by a very definite political structure. Society will be organized to take full account of the reality of human inequality. (COHN, 2005, p. 70)⁴⁴

Aspectos políticos, econômicos e educacionais também se encontram nesses protocolos, como o plano de manter as massas fora da política, além do fim da liberdade de expressão, o entendimento sobre o —passado caótico e o presente em ordem— (COHN, 2005, p. 71), do controle dos direitos, resultando em um mundo de justiça e sem violência, controlado pelos mais poderosos judeus. Os *Protocolos* foram publicados inicialmente na Rússia, entre 1903 e 1907, voltando a serem publicados no resto da Europa nos anos após a Primeira Guerra Mundial. O jornal britânico *Times*, em 1921, conecta o texto inicial dos *Protocolos* com um panfleto escrito pelo francês Maurice Joly, como crítica ao governo de Napoleão III, em 1864, —um panfleto liberal em que Maquiavel, que representa o cinismo do ditador, conversa com Montesquieu— (ECO, 2017, p. 141). Porém, mesmo com a pesquisa realizada pelo *Times*, os *Protocolos* continuaram sendo aceitos como verdade e continuam sendo divulgados até hoje⁴⁵.

44 Era messiânica, quando o mundo inteiro será unido por uma única religião, o judaísmo, e será governado por um soberano judaico da Casa de Davi. Esta era é divinamente ordenada, pois Deus escolheu os judeus para dominar o mundo, mas também será caracterizado por uma estrutura política muito definida. A sociedade será organizada para levar plenamente em conta a realidade da desigualdade humana. ((Tradução da autora))

45 A versão brasileira dos *protocolos* só veio a ser publicada em 1936, traduzida pelo autor cearense Gustavo Barroso, pela Editora Civilização Brasileira.

No entanto, o desenvolvimento das leis antisemitas na Itália foi diferente da Alemanha. Por exemplo, além do sentimento nacionalista italiano ter começado a se formar poucos anos antes, o pensamento de superioridade ariana em relação às colônias era igualmente recente, pois as conquistas coloniais da Itália haviam sido tardias; por fim, os movimentos de *limpeza racial*, como a eugenia, não foram aceitos socialmente (BRUSTEIN, 2003, p. 162). Esse sentimento mudou em 1938: as vontades totalitaristas de Mussolini cresciam cada dia mais: –(...) até 1938 não era totalitário, mas apenas uma ditadura nacionalista comum, que havia evoluído logicamente a partir de uma democracia multipartidária (ARENDR, 2009, p. 210).

Logo, é só com o desenvolvimento do regime nazista na Itália e o crescimento desses movimentos, que Mussolini instaura suas próprias leis raciais na Itália, em 1938 (PASSMORE, 2002, p. 60), com a publicação do –II Manifesto Della Razzal⁴⁶. Esse manifesto, escrito por pensadores italianos vinculados ao fascismo, —esclareciall o que significava a —verdadeira raça italianall, quem fazia partia – os arianos, de onde, em tese, a *raça italiana* descendia – e quem não fazia – como os judeus. Até a própria definição de judeu apresentada foi feita especificamente para excluir a maior quantidade de pessoas possíveis, como é apresentado por Raul Hilberg:

- (a) se ambos os pais pertencessem à religião judaica; (b) se um dos pais pertencesse à religião judaica e o outro fosse estrangeiro; (c) se a mãe pertencesse à religião judaica e o pai fosse desconhecido (d) se um dos pais fosse judeu e o outro italiano, desde que, porém, em 1º de outubro de 1938, os filhos pertencessem à religião judaica, ou fosse um membro da comunidade judaica ou –de alguma outra forma participasse de algum empreendimento judaicoll (HILBERG, 2016, p. 813)

Crianças judias – como Anna Maria, irmã de Primo – foram expulsas das escolas estatais e, poucos meses depois, dois movimentos começaram a se formar dentro da comunidade judaica: judeus começaram a fugir da Itália ou se batizarem, convertendo-se ao catolicismo. A família Levi optou por continuar em Turim e continuar judia. O que realmente preocupava Primo era a Universidade: por ter entrado antes da promulgação das leis raciais, ele podia concluir o curso, mas não poderia continuar além disso (THOMSON, 2003, p.

46 http://www.deportati.it/archivio-storico/manifesto_razza/ (acessado em 02 de julho de 2019)

107). Primo, assim como muitos outros judeus de Turim, mudaram-se para cidades maiores, como Milão, em busca de empregos cada vez mais escassos. Judeus italianos não podiam mais visitar cidades perto de fronteiras, o que afetou Primo, que era entusiasta do montanhismo⁴⁷ (ANISSIMOV, 1998, p. 75). De maneira mais pessoal, as leis raciais foram importantes para a formação da identidade judaica italiana, quase de maneira afetiva,

Levi: (...) Nunca tentei analisar a sério essa minha timidez, mas não há dúvida que as leis raciais de Mussolini desempenharam um papel importante. Eu tinha amigos judeus que enfrentavam o mesmo problema, alguns de nossos colegas -arianosll zombavam de nós, dizendo que a circuncisão era nada menos que uma castração, e nós, ao menos num nível inconsciente, tendíamos a acreditar (...) (ROTH, 2014, p. 14)

Essa característica foi muito importante, considerada por Primo como parte da comunidade judaica italiana, até mesmo para criar o contraponto com os judeus, como ele, que fizeram parte de movimentos de resistência. A escolha política – e sentimental – de retratar essa comunidade de alguma maneira foi parte dos seus livros, como ele também explica para Roth, ao falar do romance *Se não agora, quando*:

Levi: (...) Eu queria negar um lugar-comum que ainda prevalece na Itália: o judeu é uma pessoa pacata, estudiosa (religiosa ou profana), pacífica, humilhada, que tolerou séculos de perseguição sem jamais reagir. Achei que tinha o dever de homenagear aqueles judeus que, em condições desesperadoras, tiveram a coragem e a capacidade de resistir. (ROTH, 2014, p.23)

Primo perdeu o pai, Cesare, e poucas semanas depois, em 6 de maio de 1942, —um decreto fascista anunciou que todos os judeus italianos deveriam ser mobilizados para trabalhos forçadosll (THOMSON, 2003, p. 116), entre eles Primo, durante suas folgas do emprego que havia conseguido em minas de amianto. Eventualmente, Primo muda-se para Milão, e é lá que ele encontra outros judeus que, como ele, haviam perdido sua liberdade, empregos, família.

47 Esportes como montanhismo eram parte essencial do Fascismo. Como Alberto da Costa e Silva afirma no prefácio do volume *Fascismo*, — O fascismo cultuava a saúde, o gosto pelo ar livre e o prazer da ginástica, mas, ao celebrar a beleza da mocidade, ressaltava que o grande momento de um ser humano, e o mais iluminado de um jovem, era estar de armas nas mãosll (SILVA, 2019, p. 07)

São esses jovens que se unem à resistência⁴⁸, assim como Primo: —de acordo com seus documentos militares pós-guerra, (...) juntou-se à Resistência Italiana em 1 de outubro de 1943 (THOMSON, 2003, p. 138). Os movimentos de Resistência contra o fascismo começaram juntamente com a Primeira Guerra Mundial, organizadas pelos maiores partidos de esquerda. Esses partidos, eventualmente, unem-se num movimento político e militar chamado de -Comitato di Liberazione Nazionale (CLN), em 1943. Muitos grupos – inclusive aquele a que Primo se uniu – abrigavam-se nas cidades de fronteiras, onde os batalhões nazistas se dirigiam, geralmente em grupos pequenos – desse modo, conseguiriam se esconder facilmente entre os moradores locais, além de manterem relações de parceria e negócios com esses mesmos locais. Esses integrantes da resistência eram, em geral, pessoas com pouca formação militar ou organizacional, pessoas —comuns, como observa Tom Behan, ao afirmar que —este não era um exército regular sob a autoridade convencional, mas um exército não convencional lutando por um novo mundo, um mundo cujas regras ainda não haviam sido escritas. (BEHAN, 2009, p. 70).

A invasão alemã na Itália instaurou a chamada *Repubblica de Salò*, onde os governos fascista e nazista controlavam o território italiano. É nesse momento que ocorre o ponto de ebulição para a formação desses movimentos de resistência: judeus italianos eram perseguidos e assassinados, -os nazistas ofereciam uma recompensa de cinco mil liras por informações que levassem à prisão de judeus italianos (THOMSON, 2003, p. 135).

É nessa Itália à mercê dos nazistas, a jovem pátria que havia abrigado tantas gerações de judeus, que Primo Levi encontra-se e perde-se, nos trilhos de um trem, ao lado de mulheres, homens, idosos, crianças, lutando por um espaço, uma gota de água e respostas.

2.2 FICOU TARDE PARA VIVER E AMAR,/ PARA PENETRAR O CÉU E COMPREENDER O MUNDO⁴⁹

Logo na primeira frase de sua introdução para *É isto um homem*, Primo Levi faz uso da palavra *sorte*:

48 Quase um terço da população de judeus Italianos – cerca de 1000 – uniu-se aos movimentos de resistência (THOMSON, 2003, p. 138)

49 Poema —Rumo ao valell - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

Por minha sorte, fui deportado para Auschwitz só em 1944, depois que o governo alemão, em vista da crescente escassez de mão-de-obra, resolveu prolongar a vida média dos prisioneiros a serem eliminados, concedendo sensíveis melhoras em seu nível de vida e suspendendo temporariamente as matanças arbitrárias (LEVI, 1988, p. 7)

Sorte é a sua justificativa: pelas suas falhas, pelas informações repetidas, pelos defeitos estruturais do texto. Como se ele, ao contrário de tantos outros, tivesse conhecido um *Lager* diferente, menos cruel do que aqueles que haviam perecido antes dele. E é assim que Primo inicia sua jornada, justificando-se ao leitor e o convidando a entender e acompanhá-lo em seu percurso.

Capturado pela Milícia, enquanto fazia parte dos movimentos de resistência antifascista, em dezembro de 1943, aos 24 anos

pouco juízo, nenhuma experiência e uma forte propensão, favorecida pelo regime de segregação ao qual as leis contra os judeus haviam me obrigado durante os últimos quatro anos, a viver num mundo só meu, um tanto apartado da realidade, povoado de racionais fantasmas cartesianos, de sinceras amizades masculinas e minguadas amizades femininas. Cultivava um moderado e abstrato espírito de rebelião. (LEVI, 1988, p. 11)

Foi esse —moderado e abstrato espírito de rebelião que o levam a unir-se à resistência – ou o que chamavam de resistência, que estava longe de ser organizada ou bem preparada⁵⁰.

É isto um homem é um livro curto, não chegando a 200 páginas, publicado apressadamente em 1947, enquanto suas memórias ainda estavam vivas, enquanto permanecia obcecado com sua própria história: —Levi se viu como um contador de histórias retornado da borda da civilização, com conselho urgente para seus ouvintes (THOMSON, 2004, p. 44). A pequena editora,

50 Naquele tempo, ainda não me fora ensinada a doutrina que, mais tarde, eu seria obrigado a aprender rapidamente no campo de concentração: que o primeiro mandamento do homem é perseguir seus intentos por meios idôneos, e que quem erra, paga. De acordo com essa doutrina, eu não poderia deixar de concluir que tudo o que nos aconteceu foi rigorosamente certo. (LEVI, 1988, p. 11)

chamada De Silva, que aceitou publicá-lo em sua primeira versão fez apenas 2,500 cópias, das quais cerca de 600 perderam-se em uma enchente na cidade italiana de Florença (PATRUNO, 1995, p. 08). A versão definitiva, porém, foi publicada anos depois, pela reconhecida editora italiana Einaudi, em 1958. A obra narra a experiência no *Lager* de Buna-Monowitz durante pouco mais de um ano de sua estadia, até ser libertado no fim da guerra.

Mais do que um romance ou *documento* sobre o funcionamento do *Lager*⁵¹, *É isto um homem* é um tratado sobre a humanidade em seus limites, sobre homens e suas relações em situações extremas, sobre a luta por sobrevivência:

At the core of the book, and behind its memorialistic façade, there is an eloquently expressed ethical and civic message. Through this chronicle of observations, Levi reveals not only the harsh realities of the daily struggle for survival but, often, the clash between good and evil, at both the physical and philosophical levels. (PATRUNO, 2005, p. 34)⁵²

Essa relação fica clara quando o próprio Levi compara o hábito de escrever ao —equivalente ao confessional ou ao divã de Freud|| (LEVI, 2015, p. 2045). Porém, o autor alerta àqueles que buscam encontrar na escrita paz em sua angústia – como ele mesmo encontrou -muitos anos atrás|| – que tenham precaução ao expressar sua raiva, pois correm o risco de contaminar os leitores (LEVI, 2015, p. 2045). Esse foi um sentimento que Primo adquiriu com a maturidade, tanto como escritor quanto com os anos que se seguiram em sua vida. *É isto um homem* não segue essa —maturidade||, sendo uma narrativa crua que procura *contaminar* os leitores, mostrando, desde o início, como era aquele mundo cruel em que o autor se encontrava. Mesmo assim, porém, é importante entender a variedade das narrativas escritas por sobreviventes, a variedade de histórias e origens pré-*Lager*, o quanto se sabia sobre o *Lager* e a habilidade de se comunicar em alemão de cada prisioneiro:

51 O -Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz (Auschwitz – Alta Silésia) [1945-46]|| foi escrito por Primo Levi e Leonardo De Benedetti, publicado em português no livro -Assim foi Auschwitz||, em 2015 e mencionado no capítulo anterior dessa dissertação.

52 No centro do livro, e por trás de sua fachada memorialística, há uma mensagem ética e cívica eloquentemente expressa. Através desta crônica de observações, Levi revela não apenas as duras realidades da luta diária pela sobrevivência, mas, muitas vezes, o choque entre o bem e o mal, tanto no nível físico quanto no filosófico – (Tradução da autora).

—Cercado pela morte, ele era muitas vezes incapaz de avaliar a extensão do abate que tomava conta de seus olhos (LEVI, 2015, p. 2602). Nós entramos nos olhos de Levi e somos convidados a entender o que *ele* entendia do *Lager*. Como o próprio autor afirma

But in writing *If this is a man*, I had no literary ambitions; I did not plan to write a book, even less to become a writer. Indeed, I wrote the chapters not in chronological order but in order of urgency, beginning with the last, and I didn't even bother to structure the book or to fix its fragmented nature (LEVI, 2015, p. 1215)

Além disso, durante toda a narrativa, começando pelo seu título, nos deparamos com o processo de desumanização: como o *Lager* funciona na decisão do que é humano ou não. Dentro de sua estrutura, Primo nos apresenta como pequenos detalhes eram parte de um plano maior de destruição da individualidade e do senso de humanidade, civilidade e respeito. As imagens desse processo de desumanização são de extrema importância dentro da narrativa e este recorte focará exatamente essas etapas.

Ao narrar os julgamentos de Adolf Eichmann, Hannah Arendt afirma que o oficial costumava tratar tudo com muita objetividade: -falar dos campos de concentração em termos de —administração e dos campos de extermínio em termos de —econômico — era típica da mentalidade da SS, e algo de que Eichmann ainda muito se orgulhava no julgamento. (ARENDR, 1999, p. 46). Essa objetividade soa absurda, ao pensarmos que os espaços considerados de —administração e —econômico eram, na verdade, espaços de morte e tortura. O ideal inicial – apoiado por movimentos sionistas judaicos – era a criação de um território para judeus, longe da sociedade germânica:

-considerava os judeus como oponentes para os quais era preciso encontrar uma solução mutuamente justa, mutuamente aceitável [...] Essa solução, eu imaginei, seria colocar solo firme debaixo de seus pés, de forma que tivessem um lugar próprio, um solo próprio. E estava trabalhando alegremente em direção a essa solução. Eu cooperei para se chegar a essa solução, com muita alegria, porque era também o tipo de solução que era aprovada pelos movimentos do próprio povo judeu, e eu considerava isso a solução mais adequada para o assunto (EICHMANN apud ARENDR, 1999, p. 39)

Como se sabe, esse não foi o resultado: a verdadeira solução é narrada por Primo Levi em seu relato: a *Solução Final*. Existiam várias maneiras de

tratar a questão judaica e isolar os judeus de um mundo que já existia. Ao pensarmos nos —Protocolos dos Sábios de Sião e no plano de dominação mundial que parecia ser parte dos dogmas religiosos do Judaísmo, era fácil entendê-los como aqueles que queriam destruir a religião cristã, enviados do inferno, representações do Diabo. Como analisa Dan Stone, fazendo uso das teorias de Arendt

For Arendt, one of the most insightful critics of Nazism, it was precisely the fact that the totalitarian regime destroyed the possibility of political action, depriving its victims of the anthropological status of human beings⁵³, which constituted the awful uniqueness of the Holocaust. (STONE, 2013, p. 50)⁵⁴

Além disso, sobreviver no *Lager* era um processo tão vinculado à individualidade que afastava-se totalmente do contexto de sociedade, inerente ao ser humano: o *Lager* devia se afastar cada vez mais do mundo *de fora*, para que suas regras fossem compreendidas e aceitas como tal, onde as mentiras começavam no momento da entrada, onde o trabalho não libertava e a paz não existia.

Ao contrário da resistência da qual Primo fez parte, o *Lager* possuía uma organização, regras e leis definidas por aqueles que o comandavam: o que cada prisioneiro podia ter, como sua origem poderia interferir na sua posição dentro da dinâmica do *Lager*, a escala de comando, horários, trabalhos, punições. Como já foi explicado, o *Lager* buscava a exclusão da individualidade e da humanidade dos seus prisioneiros. Primo consegue manter-se vivo e, além de tudo, ainda consegue escrever sobre. Além disso, a falta de notícias do mundo exterior dava também a impressão de que o tempo também havia parado. Perdidos no tempo e no espaço, reféns desse universo que procurava os eliminar. Ao entrar no *Lager*, o autor —encontrou uma série de condições de fronteira política e metafísica (...): uma escassez hobbesiana, um universo irracional sem nenhum sinal de Deus, e o impulso morto do destino” (HOMER, 2001, p. 24).

53 Idéias semelhantes foram usadas durante os processos coloniais, velhos conhecidos dos europeus.

54 Para Arendt, uma das críticas mais perspicazes do nazismo, foi precisamente o fato de que o regime totalitário destruiu a possibilidade de ação política, privando suas vítimas do status antropológico dos seres humanos, o que constituiu a terrível singularidade do Holocausto ((Tradução da autora))

Primo e seus companheiros questionavam para onde o vagão em que eles se encontravam ia, pois os boatos corriam por toda Europa, –(...) um dos famosos comboios alemães, desses que não retomam, dos quais, com um calafrio e com uma pontinha de incredulidade, tantas vezes tínhamos ouvido falarll (LEVI, 1988, p. 15). O processo de desumanização começava por ali, apertados como animais, em vagões de carga. No primeiro capítulo, Levi usa números para falar de quantos voltaram e quantos ficaram, os gêneros que definem para onde cada um será mandado – homens para um lado, mulheres e crianças para outro.

Tudo era silêncio, como num aquário e como em certas cenas de sonhos. Teríamos esperado algo mais apocalíptico, mas eles pareciam simples guardas. Isso deixava-nos desconcertados, desarmados. Alguém ousou perguntar pela bagagem; responderam: "Bagagem depois"; outros não queriam separar-se da mulher; responderam: "Depois, de novo juntos"; muitas mães não queriam separar-se dos filhos; responderam: "Está bem, ficar com filho". Sempre com a pacata segurança de quem apenas cumpre com sua tarefa diária; mas Renzo demorou um instante a mais ao se despedir de Francesca, sua noiva, e derrubaram-no com um único soco na cara. Essa também era a tarefa diária. (LEVI, 1988, p. 18)

Como Dante em sua Divina Comédia, Primo inicia sua jornada no inferno, esperando o tempo passar —gota a gotall (LEVI, 1988, p. 20) e mais regras, filas. Precisam abandonar suas roupas, seus cabelos, documentos, —tomarmos banho, quer dizer que não nos vão matar – aindall (LEVI, 1988, p. 22). O banho é como a passagem final, o último ponto entre o que aqueles homens eram para os homens que virão a ser: passam a ser uniformizados, padronizados e tornam-se *Haftling*. E é isso que serão, ao menos aqueles que sobreviverem, por cerca de um ano. Além de sua memória, seu corpo foi igualmente marcado: tatuado com o número 174.517, Levi perde seu nome – é apenas um número, como um animal.

Primo nos traz um panorama arquitetônico do *Lager*: os blocos residenciais; os blocos para *Kapos*; o *Frauenblok*, o prostíbulo do *Lager*; a Praça da Chamada. E apresenta também suas regras: como lidar com os alimentos – –(...) nós também, agora, raspamos o fundo da gamela, e a seguramos debaixo do queixo quando comemos pão, para não desperdiçar migalhasll (LEVI, 1988, p. 31) – e as leis de sobrevivência, além de — grande parte do regulamento do Campo, que é

absurdamente complicado. (LEVI, 1988, p. 32). Aprender a se defender e a se proteger, entender como aquele universo funciona e como sobreviver a ele. O processo de desumanização é tão intenso que afeta, também, as relações sociais, como o autor explica:

Resolvêramos encontrar-nos, nós, italianos, cada domingo à noite, num canto do Campo, mas paramos logo com isso.; era triste demais contar-nos, encontrar-nos cada vez em menor número, cada vez mais disformes, esqueléticos. E custava caminhar até lá, par perto que fosse; e, ainda, encontrando-nos, aconteceria lembrar, pensar... melhor não. (LEVI, 1988, p. 35)

Uma das ironias do *Lager* é que o espaço mais pacífico que Levi encontra é o *Ka-be*, a enfermaria; —Não faz frio, não se trabalha, e — desde que não se incorra em alguma falta grave — não se apanha (LEVI, 1988, p. 49). Mesmo doente, é o local onde é possível descansar e isolar-se da barbárie ao redor — apesar de ter que lidar com a realidade da doença, da precariedade do tratamento médico, do risco de contaminação. Outro espaço visto como um —oásis de paz (LEVI, 1988, p. 68) é a latrina, que — mesmo que jamais possam ir sozinhos — envolve uma longa caminhada, distanciando os prisioneiros do trabalho por um período de silêncio e paz. Isola-se também em seus sonhos, sonhos quentes e pacíficos. Mas, até em seus sonhos, a indiferença o assombra, como uma maneira de separá-lo ainda mais do mundo fora do *Lager*, como um espaço que jamais o entenderia ou que ele jamais faria parte novamente;

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-la porque é mais forte que eu. (...) É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio (LEVI, 1988, p. 60)

Levi também nos apresenta questões filosóficas, de modo a comparar a maneira que essas questões se relacionam com o mundo exterior e com o *Lager*. No capítulo —Um dia bom (LEVI, 1988, p. 71): a necessidade de se ter um objetivo na vida, —(...) enraizada em cada fibra do homem (LEVI, 1988,

p. 71). Para o homem *exterior* – o que não está e que nunca passou pelo *Lager* – esse objetivo pode ser diverso: profissões, relacionamentos, moradia. Para os *haftling*, o objetivo era limitado ao que se podia esperar no *Lager*, nada além disso, sendo essa falta de perspectiva mais um aspecto do processo de desumanização.

Hoje, e aqui, o nosso objetivo é aguentarmos até a primavera. No momento, não pensamos em outra coisa. Depois desse objetivo não há, por enquanto, outro. (...) e tudo ao redor é de cor cinza, e nós também somos cinzentos; de manhã, quando ainda está escuro, todos esquadrihamos o céu ao nascente, à espera dos primeiros sinais da primavera, e cada dia comentase o levantar do sol - hoje um pouco antes do que ontem, hoje um pouco mais quente; em dois meses, num mês, o frio abrandará, teremos um inimigo a menos. (LEVI, 1988, p. 71)

A expectativa para a chegada da primavera, como é retratada no trecho acima, acaba sendo uma maneira de *se manter humano*: o entendimento da mudança de estações como parte de um sentimento de renovação é quase inerente ao ser. Observar a natureza – as estações do ano, a temperatura, a neve, o sol – como amigos ou inimigos, além da relação que temos com esses fenômenos, é um sentimento que o próprio Levi já traz no poema que abre o livro, ao questionar o leitor e o conforto de sua própria casa: —Vocês que vivem seguros/ em suas cálidas casas,/ vocês que, voltando à noite,/ encontram comida quente e rostos amigos|| (LEVI, 1988, p. 9). O inverno – além de todos os desafios impostos pelos homens que comandavam o *Lager* – era o desafio imposto pela própria natureza⁵⁵, ainda mais distante do controle dos *haftling*. Além disso, a primavera chega para mostrar que o *Lager* ainda segue as *leis da natureza*: —Pela primeira vez, nos demos conta de que, para os lados da estrada, aqui também a campina é verdell (LEVI, 1988, p. 72). A chegada da primavera, além do sol e da grama verde, traz a renovação da esperança – de acordo com Levi, o entendimento de que o fim do inverno traria um problema a menos: —Se não fosse pela fome...- (LEVI, 1988, p. 73)⁵⁶. A chegada do sol é

55 Em determinado momento do inverno, -Resnyk retrai a cabeça entre os ombros, calca o boné até as orelhas, olha para o céu baixo e cinzento de onde redemoinha a neve impiedosa: - *Si j'avey une chien, je ne le chasse pas dehors*. (Se tivesse um cachorro, não o mandaria para fora.)|| (LEVI, 1988, p. 70)

56 Porque assim é a natureza humana: as penas padecidas simultaneamente não se somam em nossa sensibilidade; ocultam-se, as menores atrás das maiores, conforme uma lei de prioridades bem definida. Isso é providencial, e nos permite viver

como um objeto que achamos entre a bagunça da bolsa e nos lembramos onde compramos, uma fotografia antiga onde as pessoas retratadas nela já não estão mais nas nossas vidas, uma pequena dose de humanidade,

Ao pôr-do-sol, toca a sirena do Feierabend, do fim do trabalho, e, já que todos estamos fartos (ao menos por algumas horas), não há brigas, sentimo-nos bem-dispostos, o Kapo não tem vontade de espancar-nos, conseguimos pensar em nossas mães e em nossas mulheres, o que raramente acontece. Durante algumas horas, podemos ser infelizes à maneira dos homens livres (LEVI, 1988, p. 77)

Outra maneira de desafiar o isolamento do mundo exterior e o processo de desumanização são as relações de comparação entre o *Lager* e o que está fora dele – como a percepção, quase óbvia, de que a campina do *Lager* também é verde. Ao afirmar que —A fábrica é grande como uma cidade (...) desesperadamente, essencialmente cinzenta e opaca. Este emaranhado sem fim de ferro, cimento, fumaça e lama é a negação da beleza (LEVI, 1988, p.

72) – cria-se uma conexão que é essencial para a sobrevivência e rememoração, um modo de lembrar que existe um outro mundo fora do *Lager* e que, por mais distante que possa parecer, talvez ainda será possível reencontrá-lo⁵⁷, ficando a cargo daqueles que possuíam o poder dentro do *Lager* lembrar aos prisioneiros que eles se esforçariam para que esse reencontro jamais ocorresse, mesmo em pequenos detalhes, como o uso de uma palavra, como é apresentada no trecho seguinte:

Até o trabalho parece leve, hoje, frente à perspectiva dos dois litros espessos e quentes que nos esperam no galpão. De vez em quando, o Kapo passa entre nós e chama: - *Wer hat noch zu fressen?* (Quem deve comer ainda?) Realmente, *fressen* não é bem "comer". "Comer" é comer como gente, sentados à mesa, religiosamente: é *essen*. *Fressen* é comer como bichos, mas o Kapo não fala assim por escárnio. Comer assim, de pé, a toda a pressa, prendendo o fôlego, queimando-nos boca e garganta, é, realmente, *fressen*; é esta a palavra certa, a que costumamos dizer. (LEVI, 1988, p. 76)

É possível ver, pelos trechos do livro, que esses limites entre o que faziam os prisioneiros humanos e não-humanos era muito estreito: como um

no Campo. (LEVI, 1988, p. 73)

⁵⁷ É interessante falar sobre a constante circulação de boatos – -tendência incorrigível para ver em cada acontecimento um sinal e um simbololl (LEVI, 1988, p. 78) – dentro do *Lager*

espaço onde a moral era dúbia – como a —Bolsall (LEVI, 1988, 79), espaço onde aconteciam escambo, contrabando e roubos frequentes – , pode-se até afirmar que os prisioneiros já não eram mais humanos (ou eram humanos diferentes daqueles que eram fora do *Lager*, onde sua honestidade nunca foi questionada ou nunca precisaram chegar às últimas consequências para sobreviverem)

Quem passou pelo campo – tempo afogado ou sobrevivido – suportou tudo o que podia suportar; inclusive o que não deveria ou queria suportar. Esse -sofrer levado à potência mais extrema, essa exaustão do possível, já não possui, porém, nada de humano (AGAMBEN, 2008, p. 83)

É esse pensamento que nos leva à principal *teoria* apresentada por Primo durante a narrativa: a que de existem duas categorias de homens —particularmente bem definidas: a dos que se salvam e a dos que afundam. (LEVI, 1988, p. 89). Primo afirma que essas categorias também existem no mundo fora do *Lager*, porém menos comum —onde é raro que um homem se perca, porque em geral ele não está sozinho e seu subir ou descer é ligado ao destino e quem está perto dele (LEVI, 1988, p. 89), fator que não acontece no *Lager*, onde o destino de cada um —é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só (LEVI, 1988, p. 89) – seja para salvar-se, seja para afundar-se. É assim que se diferenciam os sobreviventes e o *musselmann*⁵⁸ :

Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar "morte" à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la. Eles povoam minha memória com sua presença sem rosto, e se eu pudesse concentrar numa imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento. (LEVI, 1988, p. 91)

Mesmo assim, Primo acaba por não sucumbir à solidão ou, de certo modo, sua teoria sobre o isolamento cai por terra ao conhecer Lorenzo Perrone. Nascido em 1904, na cidade italiana de Fossano, Perrone —era um homem sensível, quase analfabeto, mas realmente uma espécie de santo. (LEVI, 1988, p. 91)

58 Ou *muçulmano*, na tradução de Luigi del Re (nota da autora)

(LEVI, 2010, p. 180). Trabalhava no complexo de Auschwitz como pedreiro e — trouxe um pedaço de pão e os restos das suas refeições, cada dia, durante seis meses; deu-me de presente uma camiseta cheia de remendos; escreveu por mim um cartão-postal à Itália e conseguiu respostall (LEVI, 1988, p. 121). Ao contrário do que Levi poderia prever, Lorenzo jamais pediu-lhe nada em troca. E é exatamente isso que marca o autor ainda mais: entre todos os seus companheiros no *Lager*, cuja —humanidade ficou sufocada, ou eles mesmos a sufocaram, sob a ofensa padecida ou infligida a outrosll (LEVI, 1988, p. 124), Lorenzo era humano ao ponto de lembrar que o próprio Levi também o era,

em todo caso, creio que devo justamente a Lourenço o fato de estar vivo hoje. E não só por sua ajuda material, mas por ter-me ele lembrado constantemente (com a sua presença, com esse seu jeito tão simples e fácil de ser bom) que ainda existia um mundo justo, fora do nosso; algo, alguém ainda puro e íntegro, não corrupto nem selvagem, alheio ao ódio e ao medo; algo difícil de definir, uma remota possibilidade de bem pela qual valia a pena conservar-se (LEVI, 1988, p. 124)

Lorenzo faleceu em de tuberculose, em 1952. Em seu conto *Il ritorno di Lorenzo*, publicado em 1981, Levi conta com maiores detalhes sua convivência com Lorenzo, além de sua história nos anos pós-guerra, quando morava na rua. Apesar das tentativas de Levi em ajudá-lo e cuidar de seus problemas com bebida,

He got sick; thanks to doctor friends I was able to get him into the hospital, but he couldn't have any wine and he left. He was confident and consistent in his rejection of life. Lorenzo was found nearly dead a few days later, and he died in the hospital, in solitude. He who was not a survivor of the camps died of the illness of survivors. (LEVI, 2015, p. 1207)

Uma das maneiras que Primo encontra de agradecer a Lorenzo é contando sua história e seus feitos, além de nomear seus filhos em sua homenagem: Lisa Lorenza, nascida em 1948 e Renzo, nascido em 1957. A história de Lorenzo Perrone, o pedreiro quieto que dividia o pouco que recebia com aqueles que possuíam menos ainda —Certa vez, me perguntou, laconicamente: ‘Para que viemos ao mundo senão para ajudar uns aos outros?’. Só isso. Ponto.ll (LEVI, 2015, p. 180) — tornou-o um dos seis

—Righteous Among the Nations in Auschwitz⁵⁹, sendo reconhecido em junho de 1998⁶⁰.

Cada personagem que Primo encontra passa a observar o *Lager* e sua condição de maneira muito singular e é comum que Primo faça um certo juízo de valor sobre sua personalidade. Como Henri, por exemplo, responsável por parte do contrabando, cuja conversa é —útil e agradavell (LEVI, 1988, p. 101); ou Kuhn, cujas orações de agradecimento a Deus por não ter sido escolhido na seleção ⁶¹ (LEVI,1988, p. 132); Kraus, com o vigor excessivo, que ainda não compreenda totalmente as leis não ditas do *Lager* (LEVI, 1988, p. 134) ou Alberto, amigo da Universidade, companheiro de divisão de todos os benefícios que pudessem ser alcançados. Dando-lhes características e traços de personalidade – mesmo como julgamento – é possível entender que esses personagens ainda mantinham esses traços que os faziam ser quem eram, pedaços do que ficava com eles nas situações mais extremas do *Lager*. É interessante observar como as relações ainda existiam dentro do *Lager*: em especial com Alberto e com os integrantes do quarto em que Primo foi instalado após a evacuação do *Lager*. A divisão de tarefas e dos benefícios que eram raramente encontrados é parte essencial da sobrevivência, em que parcerias são feitas – por circunstâncias, por afinidade, por amizade pré- *Lager*. Como é possível ver, os que salvaram nem sempre o fizeram sozinhos, as relações sociais eram uma maneira de respirarem em meio ao naufrágio, procurando nos outros um pouco de ar.

A sorte de Primo aparece, mais uma vez, ao ser convocado para trabalhar no laboratório de química do *Lager*. Com a chegada do inverno, estar em um local fechado era garantia de conforto e menos sofrimento. A chegada dos russos já era aguardada, cada dia que se passava o *Lager* estava cada vez mais perto de ser destruído, o que causava ainda mais dúvidas em todos aqueles que estavam lá – mas esses mesmo prisioneiros já compreendiam que não era possível contar com as notícias externas, nada parecia real. É no

59 <https://www.yadvashem.org/righteous/about-the-righteous.html> (acessado em 24 de junho de 2019)

60 <https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/righteous-auschwitz/perrone.asp> (acessado em 24 de junho de 2019)

61 Seleção era a etapa que escolhia quais seriam os próximos prisioneiros a serem enviados para a câmara de gás (nota da autora)

laboratório que Primo encara com as maiores doses de realidade externa que ele teve durante o seu ano no *Lager*: mulheres como companheiras de trabalho, além de suas conversas mundanas, tão distantes do que ele pensava em conversar com seus companheiros

Estas moças cantam, como cantam todas as moças de todos os laboratórios deste mundo, e isso nos entristece profundamente. Conversam entre si, falam do racionamento de gêneros alimentícios, de seus namorados, de suas casas, das próximas festividades.

- Vais para casa no domingo? Eu não; viajar é tão incômodo!
 - Eu irei no Natal. Ainda duas semanas e já será Natal outra vez; nem parece verdade, este ano passou tão depressa! (LEVI, 1988, p. 145)

O capítulo final, —A história de dez dias^{ll}, tem um formato diferente dos outros: assemelha-se a um diário, entre os dias 18 a 26 de janeiro: iniciando-se no momento em que o *Lager* é evacuado. Primo encontra-se na enfermaria – havia contraído escarlatina,^{ll} tinha direito a quarenta dias de isolamento^{ll} (LEVI, 1988, p. 153) – e estava incapaz de, junto com tantos outros, fazer a caminhada final⁶²,

Ao chegar, eu era o décimo terceiro. Dos doze restantes, quatro estavam com escarlatina (dois franceses "políticos" e dois rapazes, judeus húngaros); havia mais três com difteria, dois com febre tifóide, um com uma repelente erisipela no rosto. E ainda dois com várias doenças, incrivelmente esgotados (LEVI, 1988, p. 153)

Esses – ou aqueles que sobreviverem entre eles – serão os seus companheiros nos momentos de isolamento. Com a eventual evacuação do *Lager*, não haverá comida, médicos, enfermeiros: os mais saudáveis cuidarão daqueles que definham⁶³. Entre os barulhos de bombas, o isolamento, a busca por alimentos e suplementos, o *Lager* “recém-morto, já estava se decompondo^{ll} (LEVI, 1988, p. 160). É nesse momento que acontece algo que Levi considera o início da recuperação da humanidade quando, um de seus companheiros de quarto, sugere que Primo, Charles e Arthur – dois franceses que, junto com o

62 Mais uma vez, a doença acabou sendo um fator de sorte, pois a maioria daqueles que evacuaram o *Lager* foram mortos, por cansaço, doença ou assassinados pelos alemães – incluindo Alberto – -Talvez um dia alguém escreva a sua história.^{ll} (LEVI, 1988, p. 153)

63 Nós ficamos em nossos beliches, sozinhos com nossas doenças e com nossa inércia mais forte que o medo. (LEVI, 1988, p. 153)

autor, saem em busca de comida – ganhem mais pão que os outros, em agradecimento⁶⁴. Esse é o sinal do fim: o sentimento de gratidão, tão raro dentro do *Lager*, sinaliza o seu fim.

Nos dias que se passam, Primo vai descobrindo um *Lager* vazio, abandonado, encontra sua liberdade dentro daquelas grades, a morte de seus companheiros, os barulhos de bombas e balas ao redor. Entre mortos, feridos, os que sobrevivem e os afogados, Levi permanece. Sua sorte, jogada desde as primeiras linhas do texto, mantêm-se ao seu lado. Junto com suas dúvidas sobre o mundo e os homens, junto com seus julgamentos e sua história, escrita em -Avigliana-Turim, dezembro 1945 - janeiro 1947|| (LEVI, 1988, p. 175).

64 Ainda um dia antes, esse acontecimento seria inconcebível. A lei do Campo mandava: "Come teu pão e, se puderes, o do teu vizinho", e não havia lugar para a gratidão (LEVI, 1988, p. 162)

3 VOEI SEM DESCANSO,/POR CEM MILHAS SEM DESCANSO⁶⁵

De pedras brutas edificarás o altar do Senhor teu Deus, e sobre ele oferecerás holocaustos ao Senhor teu Deus (Devarim, 27:6)

Escrito com —amor e fúriall (LEVI apud THOMSON, 2003, p. 241), a primeira edição de *É isto um homem* foi um fracasso nas vendas, porém recebeu elogios dos críticos literários: —a maioria dos críticos deu avaliações mensuráveis e muito convencionais, elogiando a moralidade de Levi, sem saber com que tipo de livro eles estavam lidandoll (THOMSON, 2003, p. 252). As poucas vendas do livro foram essenciais para Primo entender que a Itália não estava pronta para ouvir sua narrativa e, assim, continua sua carreira como químico (THOMSON, 2003, p. 254).

Emiliano Perra, ao analisar o contexto cinematográfico italiano sobre o Holocausto, apresenta o -mito do bom italianoll, em oposição ao —alemão mall (PERRA, 2010, p. 06): a razão para isso era criar uma narrativa na qual a Itália se distanciava da Alemanha, tornando-se menos responsável pelos eventos acontecidos na Segunda Guerra.

For many years this hegemonic narrative influenced the ways in which the Holocaust was commemorated by Jewish institutions and remembered by survivors in their memoirs, which centered predominantly on episodes of help from non-Jews and on the last two years of war. (PERRA, 2010, p. 06)⁶⁶

Essa recusa cultural em compreender o papel da Itália na deportação de judeus para o *Lager* era algo intrínseco na sociedade italiana, de modo que —os seis memoriais escritos por sobreviventes judeus dos campos entre 1945 e 1947, cinco por mulheres mais a primeira edição de *É isto um homem*, de Primo Levi, não foram seguidas por outros na década seguintell (BRAVO apud PERRA, 2010, p. 12). As narrativas de sobreviventes não combinavam com o

65 Poema —O canto do corvöll Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

66 Por muitos anos, essa narrativa hegemônica influenciou as maneiras pelas quais o Holocausto foi comemorado por instituições judaicas e lembrado por sobreviventes em suas memórias, que se centraram predominantemente em episódios de ajuda de não-judeus e nos últimos dois anos de guerra. ((Tradução da autora))

sentimento de renovação e otimismo que dominava o país, que procurava se reconstruir depois dos anos de fascismo e de ocupação nazista. No aniversário de dez anos de sua deportação, Primo afirma que a Itália se encontra em completo esquecimento:

Today it is unseemly to speak of the camps. One is at risk of being accused, in the best hypothesis, of self-pity or a gratuitous love for the macabre; in the worst, of pure and simple dishonesty, or maybe indecent behavior (LEVI, 2015, p. 903)⁶⁷

Essa maneira isolada, considerando a Shoá como um aspecto da história *dos judeus* – e não da história da Itália como um todo –, conecta-se com o discurso apresentado por Zygmunt Bauman no ensaio —Modernity and the Holocaustll, ao considerar o evento como continuação de uma cultura de antissemitismo já apresentada no capítulo anterior, além desse pensamento isolacionista tentar explicar a Shoá como ‘conjunto de itens’, um episódio único, que talvez lança alguma luz sobre a *patologia* da sociedade em que ocorreu, mas dificilmente aumenta a nossa compreensão do estado normal desta sociedade^{ll} (BAUMAN, 2008, p. 01). A maneira que *nossa memória coletiva moderna*⁶⁸ reage em relação à Shoá aproxima-se da maneira que a sociedade italiana recebeu as narrativas de sobreviventes: *esquecendo* aquelas narrativas, além de afastar uma possível culpa, afastava também a hipótese de repetição,

The unspoken terror permeating our collective memory of the Holocaust (and more than contingently related to the overwhelming desire not to look the memory in its face) is the gnawing suspicion that the Holocaust could be more than an aberration, more than a deviation from an otherwise straight path of progress, more than a cancerous growth on the otherwise healthy body of the civilized society; that, in short, the Holocaust was not an antithesis of modern

67 Hoje é impróprio falar dos campos. Corre-se o risco de ser acusado, na melhor das hipóteses, de autopiedade ou de um amor gratuito pelo macabro; no pior, de pura e simples desonestidade, ou talvez de comportamento indecente. ((Tradução da autora))

68 Tudo o que foi dito, portanto, não pretende implicar que os avisos sobre a possibilidade de um outro Holocausto é completamente infundada, ou seja, o mundo em que vivemos hoje. Mas isso significa que a ameaça de tais holocaustos pode ter vindo com muita frequência o escrutínio é desviado do terreno no qual as ameaças genuínas estão arraigadas. Um traço sinistro da cosmovisão unidimensional é que, enquanto concentramos nossa atenção em uma direção, fechamos nossos olhos para a natureza múltipla dos perigos reais. (BAUMAN, 2008, p. 243)

civilization and everything (or so we like to think) it stands for. (BAUMAN, 2008, p. 08)⁶⁹

O fardo de *não lembrar*, o isolamento dos sobreviventes dentro da narrativa que havia sido construída, foi questionada por Levi, ao perguntar para o leitor: —Este silêncio é justificado? Devemos tolerar isso, nós sobreviventes?! (LEVI, 2015, p. 1127). O próprio autor responde, ao afirmar que não: não se deve silenciar, não se deve esquecer,

Yet silence prevails. There is a silence that is the product of an insecure conscience, or even a bad conscience. It is the silence of those who, urged or forced to express an opinion, try by every means to change the subject, bringing up nuclear weapons, indiscriminate bombing, the Nuremberg trials, and the troublesome Soviet labor camps—subjects not in themselves without importance but completely irrelevant for the purposes of a moral justification for the Fascist crimes, which in method and extent constitute a monument to ferocity so great that in all human history we find no comparison (LEVI, 2015, p. 1128)⁷⁰

Em 1955, uma exposição sobre os dez anos da liberação do *Lager* foi o ponto de partida para a renovação do status desses sobreviventes: convidado para falar durante a abertura, Primo foi recebido por um grupo de jovens interessados em sua história, em sua experiência. Além disso, Paolo Serini – consultor da Einaudi – afirma que —disse que era um escândalo que *É isto um homem* tivesse que ser guardado em um armazém de Florença (THOMSON, 2003, p. 274). Era a hora: ainda em 1955, Giulio Einaudi resolveu que o público já estava preparado, e em julho o contrato foi assinado para que *É isto um homem* fosse republicado pela primeira vez.

Para a reedição, o livro foi revisado e aumentado: capítulos foram adicionados, novos personagens acrescentados e, —no vigésimo aniversário

69 O terror não dito que permeia nossa memória coletiva do Holocausto (e mais do que contingentemente relacionado ao desejo avassalador de não olhar a lembrança) é a suspeita de que o Holocausto poderia ser mais do que uma aberração, mais do que um desvio de um caso contrário. caminho reto do progresso, mais do que um crescimento canceroso no corpo saudável da sociedade civilizada; que, em suma, o Holocausto não era uma antítese da civilização moderna e tudo (ou assim gostamos de pensar) isso representa.

70 No entanto, o silêncio prevalece. Há um silêncio que é o produto de uma consciência insegura, ou mesmo de uma má consciência. É o silêncio daqueles que, instigados ou os julgamentos de Nuremberg, e os problemáticos campos de trabalho soviéticos – assuntos que não são em si mesmos sem importância em nome da justificação moral dos crimes fascistas, qual método e extensão constituem um monumento à ferocidade tão grande que em toda a história humana não encontramos comparação ((Tradução da autora))

das leis raciais de Mussolini, em junho de 1958, *É isto um homem* foi publicado – esgotando seis meses depois – e, segundo Levi no apêndice adicionado em 1976 para a versão escolar de *É isto um homem*, -desde então o interesse do público não diminuiu (DE BENEDETTI, LEVI, 2015, p. 181). Essa nova edição dá a Levi a voz – e os ouvidos interessados – que ele achou que jamais conquistaria, tendo esse processo duas consequências: as primeiras traduções de seus livros para outras línguas e uma renovação de seu desejo de continuar escrevendo.

Sobre ser traduzido, Primo – que além de autor, também era tradutor – tinha fortes opiniões:

Being translated is not work for either the weekday or the weekend; it is not work at all but a state of semi-passivity similar to that of a patient on a surgeon's gurney or a psychoanalyst's couch, and it abounds in violent and conflicting emotions. The author who finds before him a page of his own work translated into a language he understands will, variously, or all at once, feel that he has been flattered, betrayed, ennobled, X-rayed, castrated, planed smooth, raped, embellished or murdered. (LEVI, 2015, p. 2123)⁷¹

Foi esse pensamento que moldou parte do processo de tradução de seus livros, que foi acompanhado intensamente por ele, em especial os dois primeiros: a versão em inglês traduzida por Stuart Woolf e a versão alemã, traduzida por Heinz Riedt. As etapas da tradução foram totalmente diferentes entre si, com Levi reagindo de maneira quase oposta nos dois casos. Sua relação com Woolf era de parceria: —senso de humor seco e reserva inglesa, como uma coruja de Woolf o atraiu (THOMSON, 2003, p. 285), enquanto Woolf considera Levi —um homem que estava confiante em suas próprias ideias sobre literatura, e também completamente modesto (ANISSIMOV, 1998, p. 277). O trabalho feito a quatro mãos, em que autor e tradutor se reuniam semanalmente, e a versão em inglês do livro foi publicada em 1959, pela Orion Press (THOMSON, 2003, p. 285).

⁷¹ Ser traduzido não é trabalho nem para o dia da semana nem para o fim de semana; não é um trabalho, mas um estado de semi-passividade semelhante ao de um paciente na maca de um cirurgião ou no divã de um psicanalista, e abunda em emoções violentas e conflitantes. O autor que encontrar diante dele uma página de seu próprio trabalho traduzido em uma língua que ele entenda, sentirá, de várias maneiras ou de uma só vez, que foi lisonjeado, traído, enobrecido, radiografado, castrado, aplainado, esturpado, embelezado ou assassinado. – (Tradução da autora).

Ter seu livro traduzido para o alemão, porém, não foi algo fácil:

—compreensivelmente ansioso, Levi escreveu uma carta "insolente" para os editores alertando-os para não remover uma única palavra de seu livro ou adulterar sua integridade de qualquer forma (THOMSON, 2003, p. 285). É apenas depois de receber carta escrita pelo seu futuro tradutor, que Levi passa a aceitar melhor a possibilidade de publicação de seu texto em terras germânicas. Na carta, Riedt afirma que

The publication of your book in Germany seems to me extremely important and necessary. I hope with all my heart that its success here will not just be in terms of the numbers sold, but that your book might penetrate the human soul, and be an occasion for reflection. (RIEDT apud THOMSON, 2003, p. 286)⁷²

O trabalho de tradução foi feito por cartas entre Primo, o editor Samuel Fischer e o tradutor, Heinz Riedt. Cada página tinha que ser aprovada por Primo e o maior conflito envolvia o fato de Riedt tentar refinar o texto cada vez mais, buscando —purificar o alemão nazista. Mas Levi conseguiu preservar intactas suas amostras da linguagem da morte (ANISSIMOV, 1998, p. 279), com Levi frequentemente lembrando das frases que havia ouvido no *Lager* e procurando colocá-las no texto. A "restauração" (ANISSIMOV, 1998, p. 279) — como Levi chamou o processo de tradução para o alemão — foi concluído com uma carta enviada por Levi, em agradecimento ao tradutor, que se tornou o prefácio da edição alemã do romance:

(...) E assim terminamos: estou contente, satisfeito com o resultado, grato ao senhor e ao mesmo tempo um pouco triste. Entenda, é o único livro que escrevi, e agora que acabamos de transplantá-lo para o alemão sinto-me como pai de um filho que cresce e vai embora, e já não pode mais cuidar dele. (LEVI, 2002, p. 19)

Ser republicado e traduzido trouxe uma renovação no desejo de continuar contando a sua história: desejo esse que sempre existiu, ao menos em escrever a continuação de *É isto um homem*, tendo escrito algumas páginas e as guardando posteriormente. Outro sinal de seu interesse em escrever sua história é uma carta enviada em 1949 para Jean Samuel

72 A publicação do seu livro na Alemanha parece-me extremamente importante e necessária. Espero de todo o coração que o seu sucesso aqui não seja apenas em termos dos números vendidos, mas que o seu livro possa penetrar na alma humana e ser uma ocasião para reflexão.

(companheiro do *Lager*, chamado de *Pikolo* em *É isto um homem*), onde diz pretender escrever sobre sua volta para a Itália (BELPOLITI, 2015, p. 92). Mas é apenas em 1961 que Primo decide ser hora de voltar-se para sua experiência (ANISSIMOV, 1998, p. 294) que, segundo o autor, já era bastante conhecida por todos que conviviam com ele, pois costumava repeti-la com frequência⁷³. Escrito durante um ano – concluindo em novembro de 1962 – e revisado constantemente por seus amigos mais próximos, além de autores como Giulo Bollati, Italo Calvino e o crítico literário Guido Davido Bonino (ANISSIMOV, 1998, p. 295), parte essencial da escrita do livro.

When I wrote *The Truce* I chose the clearest possible language, in the hope that the information would come through without distortion to the reader, who by buying my books is making a contract with me. It would be a commercial fraud not to give him what he expects, and a discourtesy to write in a way that he did not understand. For these reasons, I impose a maximum clarity and the greatest concision upon myself (LEVI apud ANISSIMOV, 1998, p. 294)⁷⁴

Levi costumava comparar seus dois romances, ao afirmar que *É isto um homem* apresentava um —mundo monocromático, enquanto *A trégua* dá a impressão de um brilho de arco-íris, um mundo em technicolor (THOMSON, 2003, p. 299). Muito desse pensamento se dá, como afirma ao escrever o *Prefácio à edição escolar de A trégua*, publicado em 1965, pelo fato de considerá-lo um romance —escrito por um homem diferente (LEVI, 2002, p. 25): seu trabalho, tanto como autor quanto como químico já era reconhecido; era um homem casado, com dois filhos; convivía nos círculos criativos de Turim, além do mais óbvio: *A trégua* falava de liberdade. Porém, ao mesmo tempo, apresenta uma Europa destruída, —ébria de liberdade e, ao mesmo tempo, inquieta no terror de uma nova guerrall (LEVI, 2002, p. 25), homens fragmentados e a redescoberta do espaço fora do *Lager*. Além disso, *A trégua*

73 -a história de *A trégua* é a história de todos os contos que contei durante anos, sem mudar de linha, para meus amigos, os poucos amigos íntimos que tenho aqui em Turim, sabe, velhos amigos de escola, quando nos encontramos em cafés em casa, caminhando ao longo do rio. E eles costumavam me dizer, por que você não os publica? (LEVI apud BELPOLITI, GORDON, 2001, p. 80) – (Tradução da autora)

74 Quando escrevi *A trégua*, escolhi a linguagem mais clara possível, na esperança de que a informação viesse sem distorção para o leitor, que comprando meus livros está fazendo um contrato comigo. Seria uma fraude comercial não dar a ele o que ele esperava, e uma descortesia de escrever de uma forma que ele não entendia. Por estas razões, eu imponho uma clareza máxima e a maior concisão sobre mim – (Tradução da autora).

foi escrito de maneira linear⁷⁵, muito mais lenta, como a sua viagem da Polônia para a Itália,

(...) Il libro mi è costato duecento ore di lavoro, un capitolo al mese. Considerato però che posso lavorare soltanto la sera, dopo il lavoro nell'azienda, e che mi occorre in media un'ora buona per cambiare pelle, ossia per diventare da chimico scrittore, diciamo che il libro è nato in tre, quattrocento giorni (LEVI apud BELPOLITI, 2015, p. 93)⁷⁶

Inicialmente chamado de *Vento Alto*, a primeira versão do livro não possuía os capítulos finais, nos quais Primo chega na Itália e encara a sua condição de sobrevivente (DRUKER, 2009, p. 97). Caso esses capítulos tivessem realmente sido excluídos da edição final, a narrativa possuiria um tom mais otimista, mas os capítulos finais são essenciais para entender a experiência de Levi como um todo, em todas as suas nuances, como afirma Druker: —O que poderia ter sido uma narrativa de renascimento torna-se um trauma latente marcado por esquecimento e evasão (DRUKER, 2009, p. 97).

Ao contrário de seu primeiro livro, *A trégua*, publicado em junho de 1963, foi um sucesso de vendas para a época, vendendo 40 mil cópias no primeiro mês (THOMSON, 2003, p. 302), e foi traduzido para o inglês e francês poucos anos depois (apesar das vendas terem sido insignificantes na Inglaterra e na França). Foi um dos três finalistas do Prêmio Strega, um dos mais importantes da Itália, perdendo o prêmio para Natalia Ginzburg, mesma editora que rejeitou *É isto um homem* na Einaudi, em 1946⁷⁷; venceu a primeira edição do Prêmio Campiello⁷⁸, colocando-o na mesma posição dos grandes autores italianos da época; sendo também comparado com autores como os russos Pushkin e Gogol (THOMSON, 2003, p. 301). Era a apoteose literária de Levi, que ele não havia alcançado ao publicar *É isto*

75 Todos os capítulos, escritos a mão, foram datados por Levi enquanto escrevia (fonte: BELPOLITI, 2015, p. 94)

76 O livro me custou duzentas horas de trabalho, um capítulo por mês. Considerando, porém, que só posso trabalhar à noite, depois de trabalhar na fazenda, e que preciso, em média, de uma boa hora para trocar de pele, ou me tornar um escritor químico, digamos que o livro nasceu em trezentos, quatrocentos dias. – (Tradução da autora)

77 Eu não fiquei chateado, você sabe, sobre o Prêmio Strega (...) Claro, eu teria ficado feliz em vencer, mas fiquei feliz em não vencer também; afinal, eu havia dito o que tinha a dizer. Em todo caso, foi meu primeiro gosto do mundo literário em carne e osso (LEVI apud BELPOLITI, GORDON, 2001, p. 80) – (Tradução da autora). Primo vence o Strega em 1979, com *A Chave Estrela*.

78 E vence novamente em 1982, com *Se não agora, quando?*

um homem: a garantia de que suas palavras não seriam esquecidas e sua voz ainda tinha muito a ser ouvida.

3.1 REVÊ OS ROSTOS DOS COMPANHEIROS/LÍVIDOS NA LUZ PRIMEIRA,/ CINZAS DE PÓ DE CIMENTO/ INDISTINTOS NA NÉVOA⁷⁹

O desenho de Marc Chagall encontrado na capa original de *A trégua* mostra, em linhas simples, uma casa com uma cerca, a lua e um homem voando, afastando-se. Libertando-se. Voar, o sonho infantil, o superpoder, o supremo sinal de liberdade, como Peter Pan voando em direção às estrelas em busca da Terra do Nunca, onde não se envelhece e tudo é mágico. Como —um sonho dentro de outro sonho, plural nos particulares, único na substância (LEVI, 2010, p. 212).

Formada por espaço e personagens, companheiros, amigos, inimigos, Rússia, Polônia, Áustria, Romênia, Alemanha, *A trégua* é uma narrativa de viagem, mas é mais do que isso. A imagem repetitiva do *Lager* transforma-se na estrada, nos trilhos de trem, nas longas caminhadas, nos vilarejos destruídos e vazios, dos mercados de escambo. Os sobreviventes: aqueles que o *Lager* não manteve dentro de si, que não foram destruídos pelo mundo que os prendeu. Os personagens são passageiros, todos em sua busca pelos seus lares, em busca do mundo que o *Lager* escondeu.

O *Lager* não era o único espaço destruído: *A trégua* nos mostra que o mundo fora dos muros também não era mais o mesmo. Como afirma Italo Calvino, é um livro —ainda cheio de mortell (CALVINO apud BELPOLITI, 2015, p. 100). O mundo que haviam deixado para trás não era mais o mesmo, os sobreviventes teriam que aprender a se reconhecer nesse mundo mais uma vez, como que pela primeira vez.

O poema *Alzarsi*⁸⁰, que abre o livro, foi escrito um dia depois de *Shemá*, que abre (e dá nome) a *É isto um homem*. Com apenas dois versos, retrata a mudança

79 Poema —O Sobreviventell - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

80 Levantar-se, em italiano

de *Haftling* a homem livre, ao som da palavra polonesa *Wstavach*:

-levante-sell.

Sonhávamos com noites ferozes
sonhos densos e violentos
Sonhados de corpo e alma:
Então soava breve e submissa
a ordem do amanhecer:
-Wstavachll;
E se partia no peito o coração

Agora reencontramos a casa,
Nosso ventre está saciado,
Acabamos de contar.
É tempo. Logo ouviremos ainda
o comando estrangeiro:
-Wstavachll
(LEVI, 2010, p. 01)

Essa divisão de trechos – e de situações – é um bom modo de iniciar o romance, criando um senso de continuidade entre os dois livros que é essencial: não apenas o poema nos apresenta as duas situações, ou o fato deles terem sido escritos um dia após o outro, mas também o fato de *A trégua* começar no ponto em que *É isto um homem* termina, explicando o que aconteceu nos dias finais do funcionamento do *Lager*, quando aqueles que conseguiam fizeram a caminhada final, quando os enfermos lutavam para sobreviver isolados no *Lager*, abandonados por todos, esperando a chegada dos russos.

Os primeiros russos chegaram em 27 de janeiro de 1945, avistados por Levi e seu companheiro de enfermaria, o francês Charles – que —tirou o boné, para saudar os vivos e os mortosll – enquanto levavam o corpo de Sómogyi para enterrá-lo. Esses —quatro homens armados, mas não armados contra nós; quatro mensageiros da paz, de rostos rudes e pueris sob os pesados capacetes de peloll (LEVI, 2010, p. 10) eram os primeiros homens livres com quem tinham contato, os primeiros aliados que encontravam. E, naqueles homens livres, viam sentimentos semelhantes aos que sentiam:

(...) pareciam sufocados, não somente por piedade, mas por uma confusa reserva, que selava as suas bocas e subjugava os seus olhos ante o cenário funesto. Era a mesma vergonha conhecida por nós, a que nos esmagava após as seleções, e todas as vezes que devíamos assistir a um ultraje e suportá-la: aquelas que os alemães não conheciam, aquela que o justo experimenta ante a culpa cometida por outrem (...) (LEVI, 2010, p. 10)

Encarar a liberdade foi recebida com um desejo de esquecer, como se fosse possível cruzar as portas do *Lager* e deixar para trás toda a sua experiência, num misto de -felicidade e doloroso sentimento de pudorll (LEVI, 2010, p. 10): a alegria de terem sobrevivido e, ao mesmo tempo, o peso de terem sido, por alguma razão, *escolhidos* entre tantos. Sentir-se livre não era algo fácil: -(...) diante da liberdade nos sentíamos confusos, esvaziados, atrofiados e inadaptadosll (LEVI, 2010, p. 12). Esse era mais um dos poderes do *Lager*: tornar o conceito de liberdade, o fim da experiência, como algo que causava tanto incômodo quanto a experiência em si. Para Primo, a doença ainda o atormentava: coincidentemente, na noite em que vira os russos pela primeira vez, não consegue dormir, dominado por dores constantes, no momento em que

(...) a esperança de voltar à vida deixava de ser considerada absurda, eu me encontrava subjugado por uma dor nova e mais vasta, antes sepultada e relegada às fronteiras da consciência, por outras dores mais urgentes: a dor do exílio, da casa distante, da solidão, dos amigos perdidos, da juventude perdida, e da multidão de cadáveres nas proximidades (LEVI, 2010, p. 13)

A maior representação desses sentimentos mistos em relação à liberdade é Thylle: um prisioneiro político alemão, posição mais alta da hierarquia do *Lager*, e também um dos prisioneiros mais antigos. Sofria de saudades, após dez anos preso e de —silêncio, com um fio de voz estridente, grotesco e solene a um só tempo, começou a cantar a *Internacional*, deixando-me atônito, desconfiado e comovidoll (LEVI, 2010, p. 14).

Uma característica marcante na narrativa é o uso de adjetivos referentes às sensações e emoções, como uma maneira de realçar a capacidade de sentir as coisas ao seu redor. Como as —meninas polonesas, pálidas de piedade e nojoll (LEVI, 2010, p. 14) ou -irrespirável o ar nevoento e delicadoll, o —charco esquálidoll que o *Lager* havia se tornado, graças ao degelo que trazia à tona o cheiro de fezes e dos cadáveres em decomposição.

Primo finalmente sai do *Lager* em uma carroça, -junto com uma carga de moribundos, de quem eu não me sentia muito diferentell (LEVI, 2010, p. 15), observando os detalhes que estava deixando para trás: a forca, a irônica árvore

de natal e, ainda mais irônico, —as três palavras de escárnio: *-Arbeit macht frei*”

“Só o trabalho liberta” (LEVI, 2010, p. 15).

É cruzando o portal que separa Buna-Monowitz do —campo maior, Auschwitz, que Primo entende a proporção do espaço em que ele esteve e das diferenças de um *Lager* para outro, começando a entender a dimensão do que havia acontecido (LEVI, 2010, p. 16).

Um dos mais importantes momentos do processo de transição entre o mundo exterior e o *Lager* era o banho, onde os prisioneiros se despiam de suas roupas, seus cabelos eram cortados, suas roupas eram substituídas. Um processo semelhante acontece ao sair do *Lager*: foram recebidos por um banho quente, mas totalmente diferente do (...) banho de humilhação, um banho grotesco-demoníaco-sacral, um banho de missa negra, como o que havia marcado a nossa descida ao universo do campo de concentração (LEVI, 2010, p. 16). Ao mesmo tempo, assim como fizeram os alemães, o banho oferecido pelos soviéticos também procurava limpá-los não só da sujeira do *Lager*, mas —nos despojar dos vestígios de nossa vida anterior, de fazer de nós homens novos, segundo seus modelos, impondo sua marca (LEVI, 2010, p. 16). No momento que as enfermeiras soviéticas —sem cerimônia, nos ensaboaram, esfregaram, massagearam e nos enxugaram da cabeça aos pés (LEVI, 2010, p. 17) muitos encararam, depois de tanto tempo, mãos femininas em seus corpos, viram-se com sentimentos conflitantes —com tabus ancestrais (LEVI, 2010, p. 17): esse sentimento parecia tão contrastante com os sentidos no *Lager*, onde o contato com mulheres não existia.

Um dos pontos mais importantes dos dois romances iniciais de Levi — e que vai permear boa parte de sua obra — é a descrição de personagens: seus companheiros, amigos, conhecidos e, especialmente, desconhecidos. Personagens sem nome, sem história, que aparecem num pequeno momento. Um desses exemplos é de um dos —200 000, um dos Vosges (LEVI, 2010, p. 18), identificado pelo número tatuado em seu braço,

(...) um fantasma, um homenzinho calvo, nodoso como uma parreira, esquelético, embrulhado numa horrível contratura de todos os músculos: haviam-no tirado do vagão, como um bloco inanimado, e agora jazia o chão sobre um flanco, enrascado e rígido, numa desesperada posição de defesa, com joelhos espremidos contra o

rosto, os cotovelos colados nos flancos, e as mãos em cunha com os dedos apontados contra as costas (LEVI, 2010, p. 17)

Sua primeira noite fora do *Lager* manteve-se cheia de morte: na Seção de Infeciosos, —um quarto enorme e escuro, cheio até o teto de sofrimentos e lamúriasll (LEVI, 2010, p. 18), onde o tratamento médico e sanitário era escasso. Enviado para um quarto menor, Primo permaneceu —deitado por três ou quatro dias, sufocado por uma febre altíssima, consciente de tempos em tempos, incapaz de comer, e atormentado por uma sede atrozll (LEVI, 2010, p. 19). Aqueles que haviam sido abandonados no *Lager* eram os doentes mais debilitados, incapazes de caminhar; logo, aqueles que se encontravam libertos

– os que haviam sobrevivido ao abandono dos alemães – estavam nos mais diversos estágios de doença. E após os primeiros cinco dias, Primo começa a perceber que —os moribundos estavam todos mortos, enquanto nos outros a vida recomeçava a fluir tumultuosamentell (LEVI, 2010, p. 19): ouvia-se música sons, gritos, alegria, —os funestos caminhos do Campo não estavam mais desertos, pululavam num ir e vir álaçre, confuso e rumoroso, que parecia ser um fim em si mesmoll (LEVI, 2010, p. 19).

Mas, como uma lembrança do constante sofrimento que haviam passado, restava Hurbinek, com seus poucos anos de vida, —um nada, um filho da morte, um filho de Auschwitzll (LEVI, 2010, p. 19), com suas pernas paralisadas e atrofiadas, mas com os olhos —terrivelmente vivos, cheios de busca de asserção, de vontade de libertar-se, de romper da tumba do mutismoll. Repetia uma palavra secreta obstinadamente, que jamais foi traduzida ou entendida por nenhum de seus companheiros, de todas as partes da Europa. Seu desejo de viver, de falar, seus olhos atentos e vivos, contrastavam com a incapacidade de entendê-lo, sua doença e, eventualmente, sua morte, —liberto mas não redimidoll (LEVI, 2010, p. 21).

É na enfermaria que Primo conhece alguns moradores dos blocos das crianças no *Lager*, como Henek, quatorze anos, *Kapo* do bloco, responsável pela seleção das crianças. O funcionamento do bloco de crianças era específico, funcionava como —aves de arribação: passados alguns dias, foram transferidas ao Bloco das experiências, ou diretamente às câmaras de gásll

(LEVI, 2010, p. 22). Também somos apresentados a outro personagem que representa um aspecto ainda não totalmente conhecido do *Lager*, especialmente do *Lager* masculino: Kleine Kiepura, —o mascote de Buna- Monowitzll (LEVI, 2010, p. 23).

Tudo nele era irregular, a começar pela sua própria presença no Lager, onde normalmente crianças não entravam vivas: ninguém sabia como nem por que fora admitido, e ao mesmo tempo todos sabiam até bem demais. Irregular era a sua condição, pois não marcava para o trabalho, mas permanecia em semiclausura no Bloco dos funcionários; vistosamente irregular, enfim, ao seu aspecto (LEVI, 2010, p. 23)

Aos doze anos, Kiepura era —protegidoll⁸¹ dentro do *Lager*, onde —(...) todos o temiam e o evitavamll (LEVI, 2010, p. 24). Com a evacuação do *Lager*, Kiepura não tinha mais poder algum mas, em seu delírio, ll(...) vociferava em alemão imperiosos comandos para uma tropa de escravos inexistentesll (LEVI, 2010, p. 24). Seus gritos eram intensos, suas ordens pareciam reais, como os militares alemães que conhecia tão bem; seu desaparecimento da enfermaria foi recebida pelos companheiros de quarto com alívio, que tentaram —em vão, arrancá-lo de seu delírio: a infecção do *Lager* fizera nele grande progressoll (LEVI, 2010, p. 25).

Os primeiros dias fora do *Lager* também significou o renascimento de sentimentos que ficaram por tanto tempo esquecidos, como amor, companheirismo, amizade, desejos e vaidade. Personagens como as jovens polonesas responsáveis pela enfermaria: Hanka, que —passava os dias diante do espelho ou a lixar as unhas das mãos e dos pésll (LEVI, 2010, p. 25) e Jadzia, que —tinha a necessidade urgente de um homem, de um homem qualquer, logo de todos os homensll (LEVI, 2010, p. 25), assim como Noah que —passeava pelos quartos femininos como um príncipe do Oriente (...) Era amigo de todos os homens e amante de todas as mulheresll (LEVI, 2010, p. 26). Muitos desses sentimentos estavam vinculados a algum trauma ou experiência passada no *Lager* ou antes dele, como Frau Vida, responsável por transportar partes de cadáveres, que se dedicava a cada um dos enfermos com —um amor

81 A ideia que Primo procura passar com o termo -protegidoll era de que Kiepura relacionava-se sexualmente com seu protetor.

simples e fraternoll (LEVI, 2010, p. 26). A liberdade, o fim das duras penas e dos trabalhos forçados, causavam as mais diversas reações, das mais carnis às mais sentimentais.

Ao perceber-se —não já curado, mas estacionárioll (LEVI, 2010, p. 30), Primo abandona a enfermaria e começa oficialmente sua viagem de volta. É nessa primeira fase da viagem que conhece Mordo Nahum, —o Gregoll que dá nome ao terceiro capítulo do romance. O início da viagem deixa claro, de certo modo, como o resto da jornada seria: caótica e imprecisa, pois a crença de muitos após a saída do *Lager* era encontrar um mundo organizado, pronto para recebê-los de volta, em suas casas aquecidas, seus amigos à espera, —(...) um mundo reto e justo, milagrosamente restabelecido em seus fundamentos naturais após uma eternidade de transtornos, erros, tragédias, após o tempo de nossa longa paciênciall (LEVI, 2010, p. 35). O otimismo da libertação foi substituído por um sentimento de confusão, em que *chegar em casa* era o ponto final, mas o caminho e o modo de chegar era desconhecido.

A relação entre Primo e o Grego era, ao mesmo tempo, de companheirismo e a de mestre/discípulo⁸², como o autor descreve ao afirmar que —poucas vezes na minha vida, antes e depois, senti sobre a minha cabeça uma sabedoria tão concretall (LEVI, 2010, p. 38). Entre as lições mais importantes de Mordo Nahum encontravam-se a necessidade de sempre possuir bons sapatos, a arte do escambo nos mercados de Cracóvia e que —Guerra é sempre (LEVI, 2010, p. 49). A relação do Grego com o trabalho também era algo que fascinava Levi; ao contrário do autor, que —considerava belo que alguém me sustentasse: considerava bela, entusiasmadora, a explosão de solidariedade nacionall (LEVI, 2010, p. 43), Mordo Nahum considerava indigno ser sustentado, como o autor deixa claro no trecho a seguir

O trabalho era o fundamento de sua ética, que ele sentia como um sacro dever mas que compreendia num sentido mais amplo. Era trabalho tudo e apenas aquilo que traz lucros sem comprometer a liberdade. O conceito de trabalho compreendia pois, além de algumas

82 Ou como Levi define sobre a maneira que o tratava em uma de suas longas conversas: —de patrão-escravo ao meio dia, a titular-assalariado à uma hora, a mestre-discípulo às duas, maior-irmão menor às trêsll (LEVI, 2010, p. 48)

atividades lícitas, igualmente, por exemplo, o contrabando, o furto, a trapaça (mas não o roubo: não era um violento) (LEVI, 2010, p. 43)

As visitas ao mercado – com o Grego ou com os companheiros que viriam após ele – eram sempre um evento: um lugar onde se via vida novamente, praticava-se o escambo, conectavam-se com outros humanos, aqueles que não sabiam muito sobre a vida no *Lager*,

havia dentro de mim uma fome antiga, e o frio, e a inércia, e juntamente com isso curiosidade, irresponsabilidade, e uma nova e saborosa vontade de conversar, de estabelecer contatos humanos, de ostentar e gastar minha desmedida liberdade (LEVI, 2010, p. 45)

Essa necessidade de -estabelecer contatos humanos é um aspecto que permeia toda a narrativa. A incessante busca pelo que foi tirado durante seu tempo como prisioneiro, num mundo sem a constante disputa por sobrevivência, sem a fome e o cansaço. Um dos momentos em que esse sentimento fica mais evidente é ao se deparar —no centro de um denso círculo de curiosos que me interrogavam levemente em polonês (LEVI, 2010, p. 51), homens e mulheres que nunca haviam visto um sobrevivente, sedentos em ouvir a sua história. A barreira linguística foi superada com a ajuda de um advogado, que se prontificou a traduzi-lo,

Era polonês, falava bem francês e alemão, era uma pessoa muito amável e benévola: possuía, afinal, todos os requisitos para que eu, finalmente, após longuíssimo ano de escravidão e silêncio, reconhecesse nele o mensageiro, o porta-voz do mundo civil: o primeiro que encontrei. Tinha uma avalanche de coisas urgentes para contar ao mundo civil: coisas minhas mas de todos, coisas de sangue, coisas que, me parecia, acabariam por fazer tremer toda consciência e seus fundamentos. (LEVI, 2010, p. 51)

Ao mesmo tempo, as mesmas pessoas que o ouviam – como o advertiu seu tradutor, ao afirmar que Levi era um —prisioneiro político italiano e não -judeu, como ele havia se definido – ainda carregavam em si muito da guerra que, como disse o Grego e reafirmou seu tradutor, não havia acabado, a guerra era sempre. É neste momento que entende completamente o que isso realmente significava: o sentimento que o havia dominado, o fato de poder falar e ser ouvido pela primeira vez, —a onda quente do sentir-se livre, do sentir-se

homem entre os homens, do sentir-se vivo, refluía longe de mimll (LEVI, 2010, p. 51), seu pesadelo de todas as noites em Auschwitz se tornou real: –falar e não sermos ouvidos, reencontrar a liberdade e permanecer solitáriosll (LEVI, 2010, p. 51). Além disso, os sentimentos sobre como ele era visto eram conflitantes: entre a necessidade de contar sua história ou a vergonha de como se encontrava. Ao descrever sua relação com Galina, uma de suas companheiras de trabalho num dos campos⁸³ de refugiados em que morou, fez com que Levi se deparasse com a sua condição física de ex-prisioneiro. Entre as mais diversas marcas que o *Lager* havia deixando nele, uma delas era a sua aparência.

Diante dela, eu me sentia fraco, doente e sujo; tinha dolorosa consciência de meu aspecto miserável, de minha barba malfeita, de minhas roupas de Auschwitz; tinha aguda consciência do olhar de Galina ainda quase infantil, onde uma incerta piedade acompanhada de uma definida repulsa (LEVI, 2010, p. 62)

Ao chegar no campo de Katowice, Primo encontra-se com alguns de seus companheiros de viagem, velhos conhecidos, alguns poucos sobreviventes entre italianos enviados para o *Lager* ou aqueles que trabalhavam na Alemanha durante a guerra. O campo era comandado por um pitoresco grupo de russos, —como se fosse uma grande família provisória, sem formalismos militaresll (LEVI, 2010, p. 56), o mais distante possível do *Lager*.

Os italianos moravam em um dos barracões do campo, comandados por Rovi, um contador que se denominava coronel, com um grande apreço por organização e um desejo de poder que jamais conseguiria conquistar com qualquer tipo de luta. Levi o comparava a uma aranha que constrói suas teias para sobreviver, —pois do mesmo modo como a aranha sem teia, assim também Rovi sem cargo não sabia viverll (LEVI, 2010, p. 57).

Encontra-se também com Leonardo, anteriormente citado nesse trabalho, sobrevivente do *Lager*, atuando como médico da enfermaria e une-se a este como —enfermeiroll, mesmo não tendo formação. Para Levi, era importante – ou, em suas palavras, –necessárioll – não ser -um qualquerll (LEVI, 2010, p. 59), por isso ele se junta a Leonardo no ambulatório e no estoque,

⁸³ *Campo* foi o escrever suas experiências pelo tradutor brasileiro, Marco Lucchesi, diferenciando do *Lager*.

fazendo a escrita de relatórios, e o controle de piolhos. Um papel dentro do campo também significava mais comida, pois ele e seus companheiros estavam —sempre dominados por uma fome descontrolada, e em boa parte psicológicall (LEVI, 2010, p. 66).

Dois fatores de extrema importância para Primo também acontecem em Katowice: o fim do inverno e o reencontro com César. O fim do inverno significava conforto e liberdade, o que também significava visitas ao mercado e a diferentes partes da cidade ao lado de César. Descobrir a cidade pós-guerra também era perceber que a guerra não resumia ao *Lager*: o rastro de destruição encontrava-se em todos os caminhos.

A cada passo topávamos com os vestígios da impressionante tragédia, que nos tocara e miraculosamente nos poupava. Túmulos a cada esquina, túmulos mudos e apressados, sem cruz, mas encimados pela estrela vermelha dos militares soviéticos mortos em combate. Um interminável cemitério de guerra num parque da cidade, cruces e estrelas comunistas, e quase todas trazendo a mesma data: a data da batalha pelas ruas, ou, talvez, do último extermínio alemão (LEVI, 2010, 75)

Os sobreviventes – do *Lager*, da cidade, da guerra – encontravam-se nos mercados, onde César jogava o seu jogo de escambos, trocas, compra e venda. Diferenciava-se do Grego, pois tratava tudo como diversão, sem a seriedade pesada do companheiro anterior do autor; comprava —tudo que lhe calhassell (LEVI, 2010, p. 77), como uma maneira de provar a si e ao mundo que, mesmo depois de privado de tudo no *Lager*, ainda podia possuir o que bem entendesse. No meio do sentimento de —mal estar, nostalgia e, principalmente, tédio (LEVI, 2010, 82) que encontrava por estar em solo estrangeiro, preso num país destruído, acompanhar César era uma diversão.

É com o fim oficial da guerra que a saudade e o desejo de voltar para a Itália tornam-se ainda mais pesados. Para os sobreviventes, depois de tanto tempo sem notícias de casa, a distância e a falta de perspectiva de repatriamento era especialmente dolorosa. O fim da guerra era a resposta para as perguntas que tanto preenchiam suas mentes;

Com efeito, daquele dia em diante, nossas casas não estavam mais proibidas, nenhum front de guerra já nos separava, nenhum obstáculo era concreto, apenas papéis e repartições. Sentíamos que o repatriamento agora nos era devido, e cada hora passada no exílio

pesava como chumbo; pesava ainda mais a absoluta falta de notícias da Itália (LEVI, 2010, p. 87)

Esses pensamentos, porém, não impediram Primo e seus companheiros de celebrarem o fim da guerra. Relata uma peça de teatro encenada pelos russos responsáveis pelo campo e um jogo de futebol entre italianos e poloneses, ocorrido debaixo de chuva, que resultou em mais um período de convalescença para Primo, que manteve-se

(...) deitado e imóvel por vários dias, engolindo com sofreguidão apenas alguns goles de sopa, pois cada movimento que buscasse empreender, e a cada bocado sólido que buscasse engolir, a dor despertava raivosa, cortando-me a respiração. (LEVI, 2010, p. 93)

E é com a ajuda de Leonardo e César que se recupera, enquanto a paz e a primavera nasciam ao redor da Europa. Se mantinha entretido ouvindo as histórias de seus companheiros de enfermagem, como o Mouro de Verona, cujo —crânio calvo, nobremente convexo, era circundado na base por uma coroa de cabelos brancos (LEVI, 2010, p. 95) e suas blasfêmias; Ferrari e seus constantes piolhos; Pôr do Sol e sua constante guerra contra a sociedade; o —grande músico incompreendido sr. Unverdorben e D'Agata, com seu medo de percevejos, o —único com inimigo talvez concreto, presente, tangível, suscetível de ser combatido, espancado, esmagado contra a parede (LEVI, 2010, p. 103).

A eventual melhora do autor é acompanhada da notícia de repatriamento via Odessa. É quando o —sonho de sempre tornara-se realidade (LEVI, 2010, p. 108), a viagem entre Odessa e Itália.

A perspectiva de percorrer muitas centenas de quilômetros naqueles vagões avariados, dormindo no chão, não nos preocupava em absoluto, e nem sequer nos preocupavam as ridículas reservas alimentares preparadas pelos russos: um pouco de pão, e uma caixa de margarina de soja para cada vagão. (LEVI, 2010, p. 108)

Durante a viagem, entre encontros pela estrada, noites de febre e mendicância, encontraram alemães, vestidos de -farrapos coloridos, nos quais reconheciam, contudo, os orgulhosos uniformes da Wehrmacht [as forças armadas da Alemanha] (LEVI, 2010, 119), longe do poder que um dia

possuíram: —estavam esvaziados e inertes, como as folhas mortas que o vento amontoa nos lugares recônditos: não procuraram salvar a pele na fuga (LEVI, 2010, p. 119). Eram prisioneiros passivos, pedintes, em busca de um pedaço de pão qualquer. O mundo era o seu *Lager*, sem as grades que prendiam seus prisioneiros.

É nesse percurso que encontra o Grego pela última vez, -quase irreconhecível pela suntuosa obesidade e pelo impreciso uniforme soviético que usava (LEVI, 2010, p. 123), como um grande rei, perguntando se Primo precisava de algo – de roupas? Mulheres? Jamais foi visto novamente, —nem ouvi mais falar a seu respeito (LEVI, 2010, 124), mas jamais o esquece, eternizando-o em seus escritos.

Um fator interessante sobre Primo e seus companheiros é como o conceito de tempo se modifica: o *agora* é mais importante do que o que virá. O *Lager* destrói o futuro: cada dia parecia o último, o fim do sofrimento parecia nunca chegar. Fora do *Lager*, longe de casa, sem saber qual o próximo destino, sem data para chegar em casa, pensar no futuro torna-se quase desnecessário. Aproveita-se cada minuto do presente como uma dádiva e uma conquista pós-*Lager*, como o autor explica no seguinte trecho,

Estávamos contentes porque naquele dia (amanhã não sabíamos: mas nem sempre tem importância o que pode acontecer amanhã) podíamos fazer coisas que havia muito tempo que não fazíamos: beber água de um poço, deitar ao sol em meio à grama alta e densa, sentir o ar do verão, acender o fogo e cozinhar, andar no bosque para buscar morangos e cogumelos, fumar um cigarro, olhando um céu varrido pelo vento (LEVI, 2010, p. 135)

Ao mesmo tempo, esse sentimento de ócio e distanciamento do presente não dura muito: a Europa pós-Guerra não tem espaço para a paz da contemplação. Era preciso buscar comida, buscar o que fazer, movimentar-se. O ócio dava lugar a uma —nostalgia penetrante (LEVI, 2010, p. 145), misturada com uma necessidade de solidão, de voltar a conectar-se consigo mesmo, como o autor fala ao dissertar sobre a experiência de isolamento, especialmente nas florestas:

Talvez por isso, a floresta ao redor do campo exercesse em nós atração profunda. Talvez por que oferecesse, a quem procurasse, o dom inestimável

da solidão: havia quanto tempo éramos dela privado! Talvez porque recordasse para nós outros bosques, outras solidões de nossa existência interior; ou talvez, ao contrário, porque era solene, e austera, e intacta como nenhum outro cenário que nos fosse conhecido. (LEVI, 2010, p. 145)

A natureza era um local que Primo conhecia e admirava. Em seu período em Stáryie Doróghi, sentia-se —numa interminável indolência, sonolenta e benéfica como férias prolongadas, interrompidas apenas a intervalos pelo pensamento doloroso da casa distante e pela natureza reencontrada (LEVI, 2010, p. 153). É nesse período de paz, num cenário bucólico – diferente do *Lager*, diferente dos outros campos de trânsito que se encontraram – que o sentimento de nostalgia o contaminou de maneira mais forte, mais tocante. Sentiam-se inertes e acomodados como o sedimento de um aluvião (LEVI, 2010, p. 165). Peças de teatro amadoras apresentadas pelos moradores do acampamento, filmes, caminhadas, eram as únicas atividades que pareciam tirá-los no ócio. E é numa dessas peças de teatros que, finalmente, chega a notícia que todos esperavam – era hora de voltar para casa: a escolta já estava pronta, os víveres para a viagem também, os papéis em ordem. Dentro de poucos dias, o trem estaria esperando por nós na estação de Stáryie Doróghill (LEVI, 2010, p. 181).

A viagem foi caótica, como narrada nos últimos três capítulos do livro. É interessante observar como esse trajeto de volta é narrado de maneira rápida, em menos de quarenta páginas, assim descrito pelo autor:

(...) aquele itinerário feliz delineava-se longo e laborioso, e não desprovido de surpresas: uma pequena odisseia ferroviária dentro de nossa odisseia maior. Era preciso ainda paciência, em dose imprevisível: outra paciência (LEVI, 2010, p. 184)

A falta de comida, de água, de espaço, de lenha era parte essencial desse processo caótico. Os escambos eram realizados dentro dos vagões lotados. As cidades não eram aproveitadas: todas não passavam de borrões, e o desejo de tocar em solo italiano parecia se intensificar a cada segundo. Mas, antes desse desejo tornar-se realidade, Primo e seus companheiros passam por mais um desafio: pisar em solo alemão pela primeira vez, o que —somava

ao nosso cansaço um estado de alma complexo, feito de impaciência, de frustração e de tensão (LEVI, 2010, p. 209).

Estar em solo alemão era a raiz de um dos mais complexos questionamentos trazidos por Primo durante a narrativa: até onde aquelas pessoas, moradores comuns, tentando – assim como os sobreviventes – viver em escombros e restos de um local que antes existia, acostumando-se com um mundo pós-guerra, sabiam o que havia de fato ocorrido?

Sabiam, -eles, a respeito de Auschwitz, da tragédia silenciosa e cotidiana, a um passo de suas portas? Se sabiam, como podiam caminhar pelas ruas, voltar para casa e olhar os próprios filhos, transpor os umbrais de uma igreja? Se não sabiam, deviam, deviam sagradamente ouvir, saber de nós, de mim, tudo e depressa: eu sentia o número tatuado no braço queimando como uma chaga. (LEVI, 2010, p. 209)⁸⁴

A chegada na Itália, por fim, é dominada por mais incertezas. A falta de notícias de casa parece pesar ainda mais a cada segundo em que se aproximam: —nós nos sentíamos velhos de séculos, oprimidos por um ano de lembranças ferozes, esvaziados e inermes (LEVI, 2010, p. 211). Era o fim de sua *aventura*, de suas noites sonhando com a casa, a incerteza do que e para onde voltar, de dez meses entre a sua libertação e a sua casa; dos vinte meses longe do lar. O sonho que o levava para casa, as lembranças de dias mais fáceis, transformou-se assim que adentrou as portas da Corso Re Umberto: foi invadido por sonhos macabros, em que se encontrava de novo no *Lager* —e nada era verdadeiro fora do *Lager* (LEVI, 2010, p. 213). Seus sonhos eram cinzentos, caóticos. E eram mais do que sonhos: eram lembranças de uma jornada feita de cinzas, trilhos de trem e fumaça. Feita de dor. Feita de trauma.

84 Esse trecho, em especial, é uma resposta para a estrofe final de *Shemà*, livro que abre *É isto um homem*: -Meditai que isto aconteceu/Vos comando estas palavras./Gravai-as em vossos corações/Estando em casa, caminhando na rua,/Deitando, levantando:/Repeti-las a vossos filhos./Ou que vossa casa se desfaça,/A doença vos impeça,/Vossa prole desvie o rosto de vós. (LEVI, 2019, p. 25)

3.2 TODA VIDA É INACABADA⁸⁵

O século XX foi essencial para os estudos sobre trauma: um século caótico, permeado por guerras e conflitos, o que fez com que o entendimento do que é *trauma* e seus impactos na sociedade, na construção do sujeito, se tornasse essencial, além de multidisciplinar. No campo da literatura, os estudos de trauma permitem testemunhar eventos que podem não ser conhecidos em absoluto e nos apresenta experiências que, de outra forma, permaneceriam não ditas e inéditas (ABUBAKAR, 2017, p. 120). Tornou-se impossível não saber sobre essas experiências, deixá-las distantes de nossa realidade e não compreendê-las. A literatura transforma-se em um suporte potente para esses estudos.

Os processos traumáticos são físicos e psicológicos, passageiros ou eternos. Podem vir em forma de sonhos, medos, comportamentos. Ao falar sobre *post-traumatic stress disorder*, Cathy Caruth afirma que a maneira de se diagnosticar é a partir da —estrutura da experiênciall, sendo sentida posteriormente (CARUTH, 1995, p. 4). Se pensarmos que a escrita e publicação de *A trégua* foi feita mais de 10 anos depois de sua libertação, é possível presumir que muitos dos sintomas da PTSD – o trauma contínuo, atrasado – possam ser encontrados no romance.

O trauma também possui um outro poder: o de falsificar e alterar a memória, pois

A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz (...) As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos. (LEVI, 2004, p. 19)

É interessante perceber como Primo, de certo modo, se exclui dessa *certeza*, ao afirmar, sobre os eventos que narra no seu livro final, *Os afogados e os sobreviventes*: —o tempo desbotou um pouco, mas não destoam do contexto e me parecem a salvo das derivações que descrevill (LEVI, 2004, p. 29). É como se Primo fosse incapaz de esquecer, como um caso isolado dentro de seu próprio pensamento, carregando em si sua experiência como

85 Poema —Encargos pendentess - Primo Levi – tradução de Mauricio Santana Dias (2019)

uma roupa frequentemente usada, puída, mas que ainda serve e traz algum tipo de conforto com o passar dos anos.

Ao leitor, para que as narrativas de trauma sejam compreendidas em sua totalidade, é necessário —extensão simbólica e identificação psicológicall (ALEXANDER, 2012, p. 33), ou seja: é preciso reconhecer realidades que não são as nossas, mas nos identificar com elas. É preciso ouvir essas histórias de maneira singular, —sem reduzi-las a clichês ou torná-las todas versões da mesma históriall (CARUTH, 1995, p. 7). Se pensarmos no exemplo apresentado no início desse texto — os soldados combatentes da Primeira Guerra Mundial, silenciosos e chocados, apresentados por Walter Benjamin — temos narradores presentes, de todas as idades e gêneros. As diferentes perspectivas apresentam o trauma como denominador comum.

Mesmo assim, essas narrativas — no caso específico da literatura de Shoá — são um recorte muito pequeno dentro da história completa, pois a maioria dos judeus libertos após maio de 1945 tinham entre 16 e 40 anos, e mesmo depois da libertação, -dezenas de milhares morreram de fome, doenças e os efeitos da desnutriçãoll (MARRUS apud WAXMAN, 2006, p. 90). Mesmo para aqueles que sobreviveram ao pós-*Lager*, a volta para casa não foi fácil, pois eles não tinham dimensão dos horrores da guerra, de quantos familiares havia restado, se suas casas ainda estavam em pé. Primo, dessa maneira, foi um dos —sortudosll: sua família havia sobrevivido, sua casa estava em pé, era como se sua vida tivesse sido *pausada* durante seu período longe.

Ainda assim, —uma das maiores perdas impostas pelos campos de concentração e morte foi a destruição da matriz de significados geralmente empregados para entender o mundoll (WAXMAN, 2006, p. 117). Essa perda ocorreu independente do sobrevivente, como fica claro nos parágrafos finais de *A Trégua*, em que Primo descreve seu comportamento nos meses após sua libertação, ao chegar em Turim:

Eu estava inchado, barbudo e maltrapilho, e tive dificuldade em fazer- me reconhecer. Encontrei os amigos cheios de vida, o calor da mesa segura, a concretude do trabalho cotidiano, a alegria libertadora de contar. Reencontrei uma cama ampla e limpa, que de noite (instante de terror) cedeu suavemente com o meu peso. Passados muitos meses, desapareceu em mim o hábito de caminhar com os olhos

fixos no chão, como se procurasse algo para comer ou guardar logo no bolso, e vender para obter pão; e não cessou de visitar-me em intervalos, ora compactos, ora escassos, um sonho cheio de assombro (LEVI, 2010, p. 212)

Essa dificuldade encontrada por Levi – acostumar-se à sua vida *real* – é parte de um conceito elaborado por David Patterson: *The Failure of Liberation*. Para Patterson, —a distância de casa não é tanto geográfica quanto metafísica. Não está nas milhas que separam Levi da Itália, mas no vazio que o isola dos seres humanos ao seu redor, vivos e mortos. (PATTERSON apud WAXMAN, 2006, p. 118). As atividades mundanas, como deitar-se na cama, —olhar nos olhos, sonhar, tornam-se difíceis e pesadas. A *Shoá* para Levi não durou entre a sua prisão e sua libertação, mas toda a sua vida posterior e a sua percepção de futuro,

Survivors not only have to deal with the nature and trauma of their wartime experiences, but also have to negotiate the rupture of not being able to live the life that was mapped out for them in childhood. Very few deportees realized when they left that they would never return. (WAXMAN, 2006, p. 119)⁸⁶

Essa dificuldade de conectar-se com o mundo fora do *Lager* é, ainda de acordo com Patterson, especialmente complexa para Levi: ter sobrevivido por tanto tempo aumentava o desafio de lidar com a sua perda e com as experiências passadas no *Lager*, ou, como diria Waxman, -o sofrimento raramente é uma experiência que melhore a vida (WAXMAN, 2006, p. 118)

Segundo Stanislao G. Pugliesi, no livro *The Legacy of Primo Levi*, a vida de Primo foi formada por —pequenos traumas, entre rejeições amorosas e episódios depressivos, muito antes de sua experiência no *Lager* (PUGLIESI, 2005, p. 03). Esses *traumas*, ainda de acordo com Pugliesi, transformaram-se em —transgressão e, finalmente, testemunho, na tentativa de derrotar os demônios (reais e imaginários) que o atormentaram a maior parte de sua vida.

86 Os sobreviventes não apenas precisaram lidar com a natureza e o trauma de suas experiências de guerra, mas também precisaram negociar a ruptura de ser capaz de viver a vida que foi traçada para eles na infância. Poucos deportados perceberam quando saíram que nunca mais retornariam. — (Tradução da autora)

(PUGLIESI, 2005, p. 03)⁸⁷. Esses estágios estão intrinsecamente conectados, iniciando-se e concluindo-se em diferentes etapas da vida do autor, sendo o trauma como a *força* que impulsiona as outras etapas, como uma resposta a um sentimento que o assolava. Entender essas características e conceitos são essenciais para um estudo mais aprofundado do aspecto traumático na narrativa de *A trégua*.

A trégua é um portal, em diversos sentidos. Sua narrativa se inicia com a libertação do *Lager* e, além disso, depois de *A trégua* é que Primo passa a dedicar-se à literatura de maneira mais consistente. Depois do fracasso de vendas e do total esquecimento de *É isto um homem*, o segundo romance de Levi é, como foi descrito por Gian-Paolo Biasin, —assombrado pelas lembranças do passado horrível... que projetam sua longa sombra sobre toda a narraçãoll (BIASIN apud DRUKER, 2009, p. 89). Se pensarmos no título, por exemplo:

—trégua é uma paz momentânea, um cessar fogo passageiro. A trégua narrada por Levi pode ser vista de diversas perspectivas, como um momento de trégua na Europa, permeada pelo terror e pela destruição; como uma trégua dentro de si mesmo, num período após o terror do *Lager*, no qual busca encontrar-se consigo mesmo e com a vida que deixou para trás.

A partir dessas observações, é possível perceber, ao longo da narrativa, uma vontade de viver – afinal, já se havia sobrevivido, o pior havia passado – e todas as dúvidas que se apresentavam em sua frente. Para Jonathan Druker, *A trégua* apresenta as três etapas de trauma pensadas por Freud, sendo elas

First, there is the initial shock, which is so extreme and unexpected that the subject cannot immediately absorb its impact; then, there is the latency period, an interval of forgetfulness between the primary exposure and the appearance of pathological symptoms; and finally, there is the onset of recurring traumatic memories that may last a lifetime. (DRUKER, 2009, p. 89)⁸⁸

87 Transgressão, para Primo, foi juntar-se ao movimento de resistência antifascista, em 1942 e, por fim, seu testemunho deu-se na sua capacidade de narrar sua experiência no *Lager* – nota da autora.

88 Primeiro, há o choque inicial, que é tão extremo e inesperado que o sujeito não pode absorver imediatamente seu impacto; depois, há o período de latência, um intervalo de esquecimento entre a exposição primária e o aparecimento de sintomas patológicos; e, finalmente, há o aparecimento de memórias traumáticas recorrentes que podem durar a vida inteira. – (Tradução da autora).

Fazendo uso da divisão pensada por Druker, a primeira fase contempla desde a sua saída do *Lager* até o início efetivo de sua viagem, ou seja, seu tempo na Polônia. É nesse momento em que Primo passa a reconhecer os impactos de sua experiência, como ao chegar ao —Campo maiorll – como Primo chama Auschwitz – e perceber o seu tamanho:

Quando a carroça de Yankel ultrapassou a famosa soleira, ficamos atônitos. Buna-Monowitz, com seus doze mil habitantes, era, em comparação, uma aldeia. Nada de -Blocksl de madeira de um andar, mas inumeráveis edifícios tétricos e quadrados, de tijolo, de três andares, todos iguais; entre eles passavam estradas pavimentadas, retílineas e perpendiculares, a perder de vista. Tudo o mais era deserto silencioso, esmagado sob o céu baixo, repleto de lama, chuva e abandono. (LEVI, 2010, p.16)

Com o passar da narrativa, necessidades que haviam sido esquecidas vêm à tona. Um exemplo é a reação do autor após uma conversa em Latim com um padre: —pela primeira e única vez na minha vida pós escolar, colhi os frutos dos anos de estudos clássicos, estabelecendo em latim a mais extravagante e confusa das conversasll (LEVI, 2010, p. 47), quando —Esquecera completamente a fome e o frio, tanto assim que a necessidade de contatos humanos deve ser incluída entre as necessidades primordiaisll (LEVI, 2010, p. 47). Sair do *Lager* o coloca em frente a *desafios* que eram cenas corriqueiras na sua vida antes do aprisionamento. Como afirma Patrino,

Even in liberation, they will be unable to feel happiness. The Lager has contaminated their memory and their conscience. It has convinced them that there is nothing in the future that could be good enough or powerful enough to erase the shameful stain of the past. Total and absolute freedom can no longer be theirs, and Levi underscores this sentiment when he states that the freedom he now possesses, which seemed so distant and unlikely when he was at Auschwitz, has given neither him nor the other survivors access to a Promised Land (PATRUNO, 1995, p. 32)⁸⁹

89 Mesmo na libertação, eles serão incapazes de sentir a felicidade. O Lager contaminou sua memória e consciência. Convenceu-os de que não há nada no futuro que possa ser bom o suficiente ou poderoso o suficiente para apagar a mancha vergonhosa do passado. A liberdade total e absoluta não pode mais ser deles, e Levi ressalta esse sentimento quando afirma que a liberdade que ele agora possui, que parecia tão distante e improvável quando ele estava em Auschwitz, não deu a ele nem aos outros sobreviventes acesso a uma Terra Prometida. – (Tradução da autora)

A segunda fase do trauma, o esquecimento, pode ser observado no período em que Levi encontra-se na Rússia. É importante lembrar que Buna- Monowitz foi libertado por soldados russos, o que os coloca em uma situação de destaque: a Rússia é o país que combateu os opressores, que derrotou os nazistas. Russos não faziam distinção entre judeus, prisioneiros políticos, comunistas (DRUKER, 2009, p. 96), além disso

The Russians make Levi a -new man, ll however superficially, whose previous life and sufferings are supposed to have been washed away by the cleansing waters of the bath, enabling a forgetful state in which the trauma of Auschwitz temporarily recedes into the unconscious as he makes his way eastward. (DRUKER, 2009, p. 96)⁹⁰

Ao pensarmos nas diferenças na narrativa entre o período de Levi na Rússia – especialmente durante seu período em Stáryie Doróghi – e a sua viagem de volta para a Itália, a sensação descrita por Druker fica ainda mais evidente: sua estadia na Rússia é repleta de detalhes, com tons de bucolismo, enquanto a volta para a Itália é caótica, repleta de amargura (se pensarmos na reação de Primo ao chegar na Alemanha, por exemplo). Mais uma vez, observando a Rússia como país responsável pela sua libertação, não é surpreendente que a relação do autor com o país seja mais livre, mais leve, pois é lá que ele procura compreender essas sensações. Os próprios russos agiam de maneira oposta aos alemães: eram bagunçados e sem regras, uma imensa distinção entre os soldados nazistas com quem estava acostumado. Em Stáryie Doróghi, Primo era tratado de uma maneira igualitária, as hierarquias não eram instituídas a ferro e fogo, como um mundo inverso, um anti-*Lager*, como fica claro no trecho seguinte,

Éramos tratados exatamente como os soldados russos, quanto à alimentação e ao alojamento, e não éramos submetidos a qualquer tipo de obediência ou disciplina. Poucos italianos trabalhavam, só aqueles que se ofereceram espontaneamente para o serviço da cozinha, dos banheiros e do gerador; além disso, Leonardo como médico, e eu, como enfermeiro; mas agora, com a boa estação, os doentes eram pouquíssimos, e a nossa tarefa constituía uma sinecura (LEVI, 2010, p. 140)

90 Os russos fazem de Levi um "homem novo", ainda que superficialmente, cuja vida e sofrimentos anteriores devam ter sido lavados pelas águas limpas do banho, permitindo um estado esquecido no qual o trauma de Auschwitz recua temporariamente no inconsciente enquanto ele faz o seu caminho para o leste. – (Tradução da autora)

A Rússia é o local onde todos estão curados de suas mazelas, que foram muitas e pareciam eternas e incuráveis. Era um espaço de pequenas aventuras e anedotas – como a busca de César e Primo por uma galinha, presos pela barreira linguística (LEVI, 2010, p.133) – ou fazer coisas mundanas, como —beber água de um poço, deitar ao sol em meio à grama alta e densa, sentir o ar do verão, acender o fogo e cozinhar, andar no bosque para buscar morangos e cogumelos, fumar um cigarro, olhando um céu varrido pelo vento. (LEVI, 2010, p.135). É uma maneira de encontrar-se com a sua própria humanidade, perdida, raptada pelo *Lager*, aproveitando a liberdade do país que o libertou.

Por fim, *o sonho dentro de outro sonho*, a terceira fase, o trauma que cria raízes e consome o sobrevivente, como parte de sua existência. Esse é o tom dos três últimos capítulos, os mais *rápidos* do livro, a viagem final, em que tudo que não era o *Lager* —eram férias breves, o engano dos sentidos, um sonho: a família, a natureza em flor, a casa (LEVI, 2010, p. 213). Essa incapacidade de esquecer – e o seu impacto na vida dos sobreviventes – é repensada por Primo posteriormente, no artigo —A memória da ofensa, em *Os afogados e os sobreviventes*, ao afirmar que —a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática (LEVI, 2004, p. 20).

Seguindo sua chegada à Itália, é como se Levi mudasse de status: não é mais apenas um sobrevivente do *Lager*, vagando pela Europa, mas também é um homem, com casa, família e o peso de sua história. Esse é o ponto principal de *A trégua*, nos últimos trechos da narrativa: é preciso ler o livro até o fim para entendê-lo realmente. É nesse momento que a potência de sua experiência é elevada ao máximo, nas últimas linhas do romance nas quais fica clara a identidade que o autor vai manter durante boa parte de sua vida, os pensamentos que serão a base de seus textos sobre o *Lager*, especialmente sua obra final, *Os afogados e os sobreviventes*. É a fase final – ou o início.

The structure of trauma is such that only *after* surviving a life-threatening experience, and only *after* forgetting it, does the memory return with its full psychic force. In this sense, Levi's homecoming is not only a return but also a departure toward a new, difficult life

conditioned by his own near-death experience and the deaths of hundreds of his fellow deportees. (DRUKER, 2009, p. 102)⁹¹

A sua jornada para a liberdade não o liberta. Como o ouroboros, mordendo sua própria cauda, o trauma nunca se vai: ele permanece, preso à sua condição, intrínseco em sua existência, contínuo. Transforma-se em sonhos, livros, poesia. Transforma-se em sua vida, conecta-o com os seus leitores, nunca vai embora. Torna-se eterno. Torna-o eterno.

91 A estrutura do trauma é tal que, somente após sobreviver a uma experiência com risco de vida e somente depois de esquecê-la, é que a memória retorna com toda a sua força psíquica. Nesse sentido, o regresso a casa de Levi não é apenas um retorno, mas também uma partida para uma vida nova, difícil, condicionada por sua própria experiência de quase morte e pela morte de centenas de seus colegas deportados. – (Tradução da autora)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma matéria publicada no dia 02 de março de 2018 na Folha de São Paulo, começa com a seguinte frase: —No coração de todo italiano há um espacinho para o fascismo⁹². A matéria não apresenta trechos do passado. Muito pelo contrário: a frase foi dita por Alberto Palladino, 30 anos na época em a matéria foi escrita, —diante do Panteão de Roma. Palladino faz parte da Casa Pound⁹³ – partido de extrema-direita que procura restaurar os valores implementados por Mussolini durante os anos do partido Fascista no poder italiano. Mais recentemente, em 28 de novembro de 2019, uma matéria publicada pela BBC⁹⁴ informa que a polícia italiana encontrou armas, livros escritos por Hitler e Mussolini, além de bandeiras e símbolos nazi-fascistas, onde estava sendo planejado a criação de um partido político. A senadora italiana e sobrevivente da Shoá, Liliana Segre, de acordo com matéria publicada no El País⁹⁵, recebe 200 ameaças fascistas por dia e terá que ser acompanhada por dois policiais em todos os atos públicos.

O Osservatorio Antisemitismo – parte da Fondazione Centro Di Documentazione Ebraica Contemporanea – registra, desde 1975, as facetas do antisemitismo na Itália, tendo seu website atualizado diariamente com notícias, denúncias, promovendo o debate sobre essas práticas em território italiano⁹⁶. No último relatório anual publicado, referente ao ano de 2018, foram registrados 197 incidentes de antisemitismo – 67 casos à mais do que nos anos anteriores, 2017 e 2016, ambos com 130 incidentes⁹⁷.

O crescimento do antisemitismo na Itália é uma interessante demonstração de como os discursos de nacionalismo extremo são cíclicos: a busca por uma glória do passado travestida de racismo e xenofobia. É a repetição de um discurso entre os

92 <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/03/partido-de-extrema-direita-rompe-tabu-do-discurso-do-fascismo-na-italia.shtml> - Acessado em 04 de janeiro de 2020

93 O nome do partido – Pound – homenageia o poeta e crítico literário estadunidense Ezra Pound, grande apoiador do fascismo – Nota da autora

94 <https://www.bbc.com/news/world-europe-50590924> - acesso em 04 de janeiro de 2020

95 https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/07/internacional/1573166266_137273.html - Acesso em 4 de de janeiro de 2020

96 <https://www.osservatorioantisemitismo.it/> - Acesso em 4 de janeiro de 2020

97 https://osservatorioantisemi-c02.kxcdn.com/wp-content/uploads/2019/05/REPORT_English.pdf - Acesso em 4 de janeiro de 2020

aliados versus os inimigos, sendo aliados aquele que se submetem ao status quo, que fantasiam um discurso de raiz, de origem, de pertencimento; contra os inimigos, os estrangeiros, os desconhecidos, os invasores. A maneira com que a sociedade italiana se relaciona com a memória da Shoá, como afirma Emiliano Perra, é permeada por -continuação e descontinuação (PERRA, 2010, p. 217):

In the first forty years after the end of the war, the Holocaust was increasingly recognised as part of the broader Italian war experience. However, this very inclusion into a narrative based on national victimhood, innocence, and – particularly on the left – redemptive Resistance, prevented Italian public debates from thoroughly engaging with the country's historical responsibility for the event. (PERRA, 2010, p. 217)⁹⁸

Passados 75 anos desde a libertação do *Lager* de Auschwitz-Birkenau, é complicado aceitar que a barbárie ainda nos assombra, que as lições ainda não foram totalmente assimiladas – especialmente no caso da Itália, permeado durante essa dissertação. Depois de tantos anos, estamos cada vez mais distante dos eventos, aqueles que sobreviveram estão falecendo, as histórias se perdendo e a memória se apagando: questiono se estamos prontos para lidar com o peso desse esquecimento e até onde ele pode nos levar. Fazendo uso das palavras de Elie Wiesel, em entrevista para a Revista Veja, em 2009:

RV: Qual é a melhor punição para quem nega o holocausto? EW: A memória. No plano legal, não sei qual é a punição mais adequada, porque não sou jurista. Mas sei que nossa memória, a memória dos sobreviventes e das suas testemunhas, é a melhor punição que pode haver.⁹⁹

E é essa memória – a memória viva – que se renova a cada leitura da obra de Primo Levi. É o poder que a sua narrativa adquiriu com o passar dos anos, como *punição* – como diz Wiesel – mas também como força de memória. Sua capacidade de conectar o leitor com a sua própria experiência – tão distante, as vezes tão irreal

98 Nos primeiros quarenta anos após o fim da guerra, o Holocausto foi cada vez mais reconhecido como parte da experiência mais ampla da guerra italiana. No entanto, essa inclusão em uma narrativa baseada em vitimização nacional, inocência e - particularmente em a esquerda - Resistência redentora, impediu que os debates públicos italianos se envolvessem completamente com a responsabilidade histórica do país pelo evento. – (Tradução da autora) 99 <https://veja.abril.com.br/mundo/relembre-a-entrevista-de-elie-wiesel-a-veja/> - Acesso em 08 de janeiro de 2020

aos olhos do leitor – é o grande trunfo de sua obra, onde alcança a sua máxima potência. Isso se dá não só pela temática de sua obra, mas também pela linguagem clara que foi escolhida, sua maneira de narrar e, mais uma vez, as conexões que fazemos com ele e com seus companheiros.

Ao questionar o que é verdade – e por quê acreditamos – em Primo Levi, Mario Barenghi fala de pequenos erros biográficos na narrativa de Levi, como informações sobre seus companheiros que não são acuradas, mas que não diminuem a experiência de Primo: muito pelo contrário, pois em narrativas como a de Primo, o *foco* é outro – não existe perda de —verdadell, pois é pouco provável confirmar esses eventos menores, pessoais, agora, como o próprio autor afirma: —Assim como lembrar de tudo é impossível, também está dizendo tudoll (BARENGHI, 2013, p. 63). O que importa, acima de tudo, é o *valor moral da experiência*

(...) which is never wholly present in the here and now (or rather, the there and then). In this, as in several other cases, we need to think not of a verbal report that aims to reproduce supposedly objective facts, but a process of construction of meaning which begins from lived experience and develops, over a period of time that is impossible to judge in advance, through the work of the memory (BARENGHI, 2013, p. 62)¹⁰⁰

Esse processo, como pôde-se acompanhar durante essa dissertação, não é linear, tampouco tranquilo: nem para o autor, nem para o leitor. Primo não escreve por ter passado por uma experiência prazerosa e procura passar um pouco disso para o seu leitor. Sua narrativa se inicia colocando o leitor em uma posição de privilégio – por não ter passado por tudo aquilo – e, ao mesmo tempo, de inquietação – por nem sempre conseguir entender o que estar no *Lager* significava. Esse sentimento é parte do que Barenghi chama de —descida ao submundoll (BARENGHI, 2013, p.66) : em sua narrativa, Primo não procura uma redenção, como a maior parte dos trabalhos autobiográficos. Ele busca o que faz do homem um homem, um

100 (...) nunca é totalmente presente no aqui e agora (ou melhor, no ali e depois). Neste, como em vários outros casos, precisamos pensar não em um relatório verbal que visa reproduzir fatos supostamente objetivos, mas em um processo de construção de significado que começa com a experiência vivida e se desenvolve, ao longo de um período tempo impossível de julgar antecipadamente, através do trabalho da memória – (Tradução da autora)

estudo da natureza humana, num ambiente que era distante de tudo o que o já havia se vivido, onde tudo era como um susto. Quem são esses homens dentro do *Lager*, quem são esses homens fora dele, como o tempo é sentido, como são conectados com a sua própria personalidade, como indivíduos – como tornaram-se apenas números, como deixam de ser esses mesmos números. A conclusão trazida por Barenghi - e que eu trago, concordando com suas palavras – é de que

In short, the lesson that reaches us from Auschwitz is that the edifice of humanity is a fragile one. Nothing can be taken for granted, no achievement of civilization can ever again be considered definitive. That is what Primo Levi says. And we believe him, impressed in equal measure by the strength of the plank and the temporariness of the scaffolding. (BARENGHI, 2013, p. 73)¹⁰¹

Vivemos num mundo tão frágil quanto os sonhos que Levi tem, no fim d'*A trégua*. Somos permeados por -uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que dominall (LEVI, 2010, P. 213), como se o fim de todos os que concluem *A trégua* fosse o mesmo: especialmente quando lemos as notícias que abrem esse trecho. Vivemos sob a sombra de Auschwitz. E para isso lemos. E essa é a lição mais importante dessa dissertação: Ler Primo Levi é um caminho sem volta. Um caminho maior que as fronteiras do *Lager*, maior que as páginas de seus livros. Suas palavras tem o poder de nos acompanhar nos tempos mais nebulosos. Enquanto vivia dentro de um pesadelo, Primo Levi acorda dentro de si um escritor, um narrador, um observador. Seus textos tem o poder de fazer com que encaremos de frente os caminhos obscuros que a humanidade tem, mais uma vez, nos levado. E o que antes era um comando de ordem, raiz de medos, palavra de terror, hoje pode ser ouvida como uma chamada para a resistência: levante-se. *Wstavach*.

101 Em suma, a lição que nos chega de Auschwitz é que o o edifício da humanidade é frágil. Nada pode ser tomado como garantido, nenhuma conquista da civilização pode novamente ser considerado definitiva. É o que Primo Levi diz. E nós acreditamos nele, impressionado em igual medida pela força da prancha e pela temporalidade dos andaimes. – (Tradução da autora).

REFERÊNCIAS

- ABUBAKAR, Sadiya. Art as Narrative: Recounting Trauma through Literature. **IRA-International Journal of Management & Social Sciences**, Punjab, India, v. 8, n. 1, p. 118 - 123, 1 jul. 2017. DOI 10.21013/jmss.v8.n1.p13. Disponível em: <https://research-advances.org/index.php/RAJMSS/article/view/982>. Acesso em: 11 dez. 2019.
- AGAMBEN, Giorgio. **O Que Resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ALEXANDER, Jeffrey C. **Trauma: A Social Theory**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- ANISSIMOV, Myriam. **Primo Levi: Tragedy of an Optimist**. Nova York: Overlook, 1998.
- ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BARENGHI, Mario. **Perché crediamo a Primo Levi?/Why do we believe Primo Levi?**. Turim: Einaudi, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernity and Holocaust**. Cambridge: Polity Press, 2008.
- BEHAN, Tom. **The Italian Resistance: Fascists, Guerrillas and the Allies**. Londres: Pluto Press, 2009.
- BELPOLITI, Marco. **Primo Levi di fronte e di profilo**. Milano: Ugo Guanda, 2015.
- _____; GORDON, Robert. Org. **The Voice of Memory: Interviews 1961 - 1987**. Cambridge: Polity Press, 2001.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. v. 1.
- BLOOM, Harold. Introduction. In: BLOOM, Harold (ed.). **Literature of the Holocaust**. Broomal: Chelsea House Publishers, 2004.
- BRUSTEIN, William. **Roots of Hate: Anti-Semitism in Europe before the Holocaust**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.
- CARUTH, Cathy. Introduction. In: CARUTH, Cathy (ed.). **Trauma: Explorations in Memory**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995.
- COHN, Norman. **Warrant for Genocide: The Myth of the Jewish World Conspiracy And the Protocols of the Elders Of Zion**. Londres: Serif, 2005.

DE BENEDETTI, Leonardo; LEVI, Primo. **Assim foi Auschwitz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DRUKER, Jonathan. **Primo Levi and Humanism after Auschwitz**. Nova York: Palgrave Macmillan US, 2009.

EAGLESTONE, Robert. LANGFORD, Barry. **Teaching Holocaust Literature and Film**. Nova York: Palgrave Macmillan US, 2008.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EISNER, Will. **O Complô - a História Secreta dos Protocolos dos Sábios do Sião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GINZBURG, Jaime. LINGUAGEM E TRAUMA NA ESCRITA DO

TESTEMUNHO. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, ed. 3, 2008. DOI

10.22456/2594-8962.55604. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55604/33808>. Acesso em: 19 maio 2019.

HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. São Paulo: Amariyls, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **Age of Extremes: The short twentieth century 1914- 1991**. Londres: Abacus, 1995.

HOMER, Frederic D. **Primo Levi and the Politic of Survival**. Columbia: University of Missouri Press, 2001.

HOROWITZ, Sara R. **Voicing the Void: Muteness and Memory in Holocaust Fiction**. Albany: State University of New York Press, 1997.

LANG, Berel. **Primo Levi: The Matter of Life**. New Haven: Yale University Press, 2013.

LANGBEIN, Hermann. **People in Auschwitz**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004.

LAQUEUR, Walter. **Fascism: Past, Present, Future**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LAST, D. van Galen. WOLFSWINKEL, Rolf. **Anne Frank and After**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1996.

LAUB, Dori. Truth and Testimony: The process and the struggle *In*: CARUTH, Cathy (ed.). **Trauma: Explorations in Memory**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995.

LESSA, Renato. O Silêncio e sua Representação. **Laboratório de Estudos**

Hum(e)anos, Rio de Janeiro, v. 3, 2008. Disponível em: <http://estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2011/03/o-silencio-e-sua-representacao.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2019.

LEVI, Primo. **A trégua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **É isto um homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. **Mil Sóis**. São Paulo: Todavia, 2019.

_____. **Os afogados e os sobreviventes**. São Paulo: Paz & Terra, 2004.

_____. **Other People's Trades**. In: *The Complete Works of Primo Levi*. Nova York: Liveright, 2015.

_____. **Uncollected Stories and Essays: 1949 – 1980**. In: *The Complete Works of Primo Levi*. Nova York: Liveright, 2015.

_____. **Uncollected Stories and Essays: 1981 – 1987**. In: *The Complete Works of Primo Levi*. Nova York: Liveright, 2015.

_____. Foreword. In: MILLU, Liana. **Smoke over Birkenau**. Evanston: Northwestern University Press, 2001.

MARS, Leonard. Reflections of an Atheist Jew. **Sociology and Anthropology**, [s. l.], v. 4, 2016. DOI 10.13189/sa.2016.040106. Disponível em: <http://www.hrpub.org/download/20160130/SA6-19605387.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

MORGAN, Philip. **Italian Fascism (1915 – 1945)**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.

MUSSOLINI, Benito. **A doutrina do fascismo**. In: MUSSOLINI, Benito. TRÓTSKI, Leon. **A doutrina do fascismo/O que é e como combatê-lo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ORWELL, George. **O que é fascismo e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

OZ, Amós. OZ-SALZBERGER, Fania. **Os judeus e as palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PASSMORE, Kevin; **Fascism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

PATRINO, Nicholas. **Understanding Primo Levi**. Columbia: University of South Carolina Press, 1995.

PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism, 1914–1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

PERRA, Emiliano. **Conflicts of memory: The reception of Holocaust films and TV programmes in Italy, 1945 to the present**. Berna: Peter lang AG, International Academic Publishers, 2010

PUGLIESE, Stanislaw G. **Trauma/Transgression/Testimony**. In. PUGLIESE, Stanislaw G (ed.). **The Legacy of Primo Levi**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.

REICH, Wilhelm. **The mass psychology of fascism**. Nova York: Orgone Institute Press, 1946.

ROMAN, Luke. ROMAN, Monica. **Encyclopedia of Greek and Roman Mythology**. Nova York: Facts on Files, 2010.

ROTH, John K. **Holocaust Literature**. Pasadena: Salem Press, 2008.

ROTH, Philip. **Entre nós: um escritor e seus colegas falam de trabalho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). **Matraga**: Estudos Linguísticos e Literários, Rio de Janeiro, v. 19, ed. 31, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610/16155>. Acesso em: 1 mar. 2019.

SCHLANT, Ernestine. **The language of silence: West German literature and the Holocaust**. Nova York: Routledge, 1999.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, ed. 1, 2008. DOI 10.1590/S0103-56652008000100005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>. Acesso em: 1 mar. 2019.

STONE, Dan. **The Holocaust, Fascism and Memory: Essays in the History of Ideas**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013.

SUNGOLOWSKY, Joseph. **Holocaust and Autobiography: Wiesel, Friedländer, Pizar**. In: BLOOM, Harold (ed). **Literature of the Holocaust**. Broomal: Chelsea House Publishers, 2004.

SZPILMAN, Wladyslaw. **O pianista**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008. THOMSON, Ian, **Primo Levi**, London: Vintage, 2003.

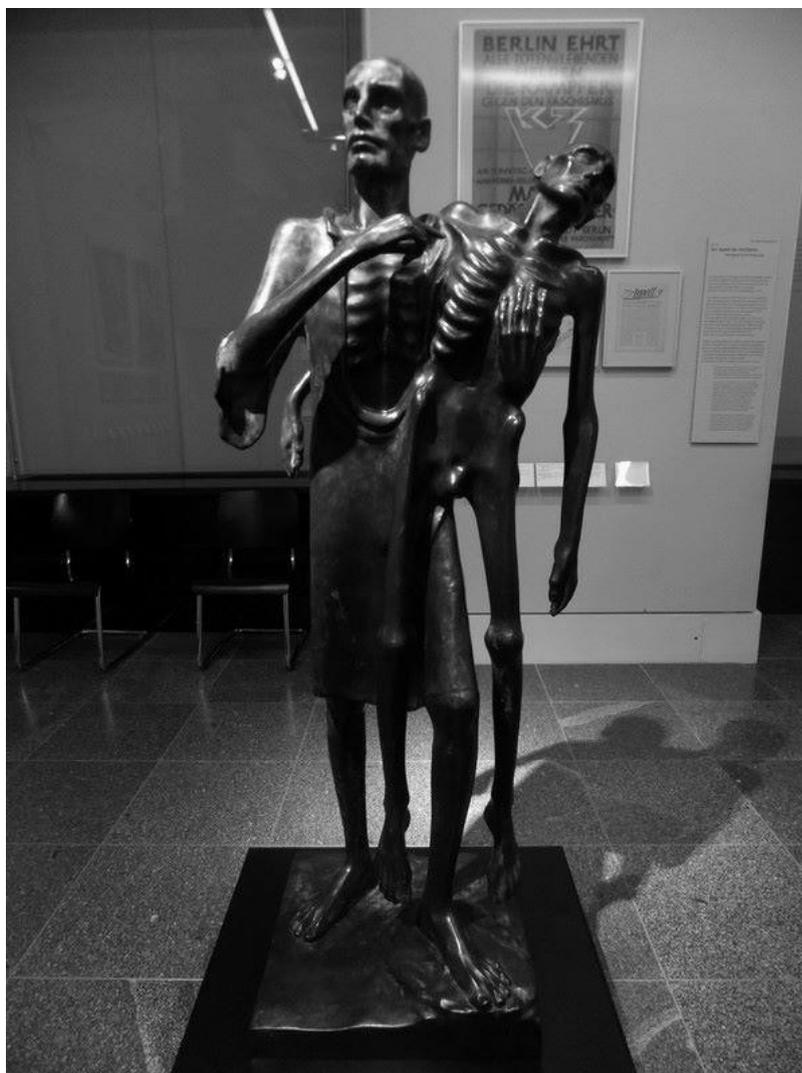
WAXMAN, Zoë Vania. **Writing the Holocaust: Identity, Testimony, Representation**. Oxford: Oxford Press University, 2006.

WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WIESEL, Elie. **Night**. Nova York: Hill & Wang, 2006.

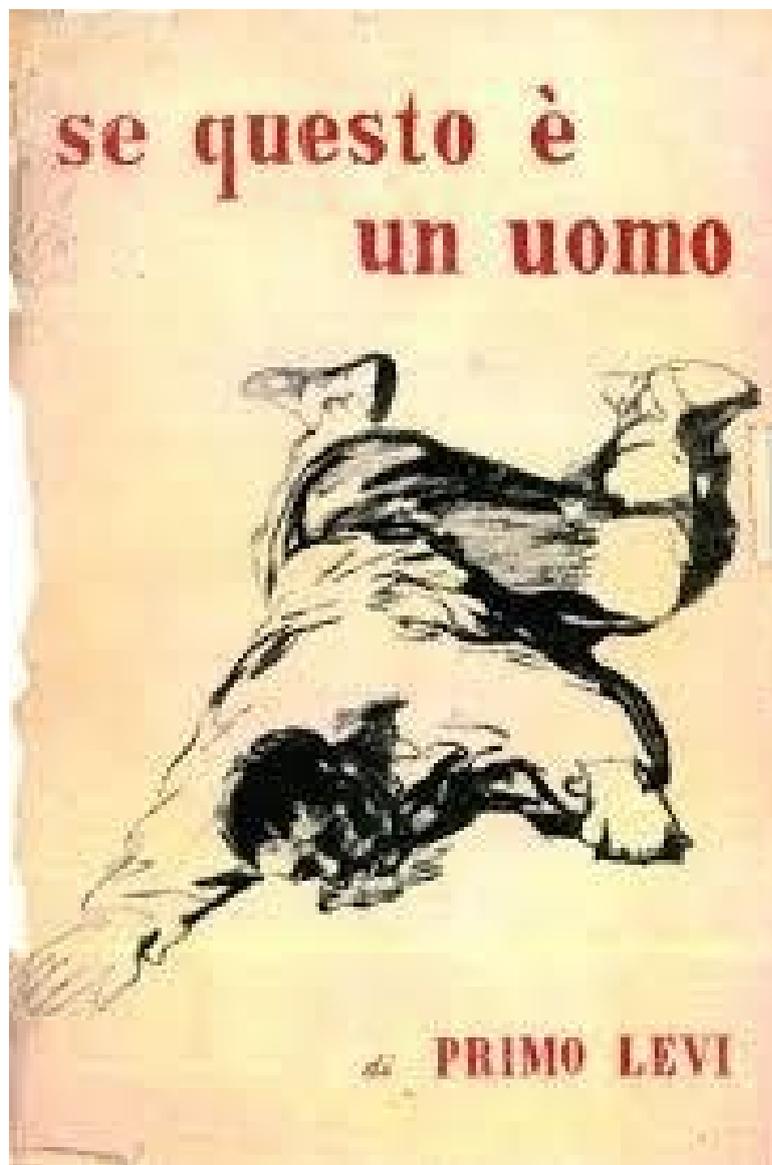
ZAPRUDER, Alexandra. **Salvaged Pages: Young Writers' Diaries of the Holocaust**. New Haven: Yale University Press, 2002.

Figura 1 - Estátua no Deutscher Historisches Museum



Fotografia tirada pela autora em fevereiro, 2015

Figura 2 - Capa da Primeira Versão de "É isto um homem", 1947



Fonte: <http://www.dantepoliglotta.it/il-canto-di-ulisse-raccontato-da-primo-levi/primo-levi-se-questo-e-un-uomo-prima-edizione-ed-de-silva-torino-1947/>

Figura 3 - Capa Original de "A trégua", 1963



Fonte: http://www.digitaliano.net/digitaliano_materiali_online/Primo_Levi/la_tregua.html

Figura 4 - Roteiro da viagem de volta de Primo, narrada em "A trégua"



Fonte: [https://it.wikipedia.org/wiki/La_tregua_\(Primo_Levi\)#/media/File:Cartina_La_tregua_-_Primo_Levi.gif](https://it.wikipedia.org/wiki/La_tregua_(Primo_Levi)#/media/File:Cartina_La_tregua_-_Primo_Levi.gif)